

HOMILIAS ANO B

INTRODUÇÃO

A HOMILIA

Homilia faz parte da celebração litúrgica, não é um anexo, muito menos um corpo estranho. Não precisa e nem pode ser separada da liturgia por uma saudação e/ou uma despedida, como um “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!” O presidente da celebração não está chegando nem saindo, está continuando.

A palavra grega homilia significa conversa. O mais gostoso é quando se pode fazê-la em tom de conversa mesmo. Em qualquer hipótese, sempre deve ser uma conversa da Palavra de Deus com a vida, a realidade nossa cotidiana, que se conclui no Mistério ou celebração da Morte-Ressurreição do Senhor. Aí os três tópicos de nossas Mini-Homilias: A realidade, a Palavra, o Mistério.

A Realidade

Para acendermos uma lâmpada precisamos de dois fios: o da corrente, que traz a energia produzida na usina, e o neutro ou fio terra, que está ligado a barras de cobre bem enterradas no chão. Faltando o fio terra ou neutro, mesmo com muita energia elétrica vinda da usina, a luz não se acende. Assim também, sem ligação com a realidade nossa, a energia da Palavra de Deus cai no vazio, não produz nada, não ilumina nada.

Por isso, nossas homilias começam sempre com a Realidade. Um pequeno fato ou o comentário de uma situação real da vida de hoje pretende fazer o papel do fio terra. Quanto mais profundamente enterrado no chão o fio terra, melhor se acende a lâmpada, melhor funciona o aparelho. Quanto mais estamos ligados à realidade, melhor entendemos o Evangelho.

O que apresentamos no item Realidade é apenas uma sugestão ou uma provocação. Outro fato ou outras circunstâncias mais atuais ou mais próximas da realidade da comunidade reunida, se lembrados, podem ser mais ilustrativos e motivar melhor a leitura do Evangelho aqui e agora. O modelo é a homilia de Jesus na sinagoga de Nazaré segundo o Evangelho de Lucas: “O que acabamos de ouvir acontece hoje, aqui!”.

A Palavra

É, em geral, a parte mais extensa dos pequenos comentários. Sempre se baseia na realidade e no Evangelho. Uma vez ou outra faz a ligação, mais comumente, com a Primeira Leitura, que sempre foi escolhida para combinar com o Evangelho e é, por assim dizer, o seu comentário oficial.

Comentários breves e claros, é natural, não se podem encher de termos técnicos nem de citações de autores ou de inúmeras passagens bíblicas. Os pequenos artigos colocados ao início de cada ano podem ajudar a entender melhor o Evangelho daquele ano e, quem sabe, até o texto de um domingo.

O Mistério

A homilia perde o seu sentido se não desemboca na liturgia eucarística, se não introduz no Mistério ou Sacramento da Morte-Ressurreição do Senhor. O que celebramos é sempre a mesma coisa: a entrega que Jesus faz de si mesmo à morte maldita de cruz, que abre o caminho para a vida, a Ressurreição.

A mesma coisa todo o dia, porém, vira rotina, esvazia-se. É a Liturgia da Palavra que aponta o lado pelo qual, cada vez, celebramos com espírito diferente o mesmo gesto de Jesus na Última Ceia. A homilia deve tornar isso claro. É importante que o Ministro

pare para pensar um pouco nisso antes de cada celebração, para se tornar capaz de, na sua fala, mostrar como se celebra aqui aquela Realidade e aquela Palavra hoje.

Prevalência do Evangelho segundo Marcos e alguns textos de João

1.

MARCOS, O INVENTOR DO EVANGELHO

Antes de se escreverem os Evangelhos atuais, havia muitos escritos soltos e sem uma ordem, uma costura dos acontecimentos e das palavras de Jesus. Eram apenas registros por escrito, das coisas que os Apóstolos e outros companheiros de Jesus contavam. Marcos foi o primeiro a escrever as "Memórias dos Apóstolos" em ordem, indo de João Batista até a Ressurreição. Deu-lhe o nome de Boa Notícia ou Evangelho. Foi o primeiro.

A Comunidade apostólica

A comunidade de Marcos sabia que era uma boa notícia o fato de Jesus, aquele pobre galileu crucificado, ser a esperança da humanidade. Uma boa notícia que eles deviam levar para todo o mundo. Na época, os zelotes estavam tentando tomar o poder dos romanos. Era uma loucura, o início de uma grande desgraça.

Jesus era o começo de uma coisa nova que deveria chegar ao mundo inteiro. Por isso, Marcos deu ao seu escrito o título de Evangelho, que quer dizer "boa notícia". Mas o escrito era só um começo, a continuação é por conta da comunidade. Por isso, ele diz assim: "Início da boa notícia (ou evangelho) de Jesus o Messias, filho de Deus".

As comunidades de hoje

Será que ainda hoje a história da vida de Jesus chamada Evangelho é apenas o começo da boa notícia? Como dar continuidade? Será boa notícia esperar a salvação da humanidade de um condenado à pior das mortes? Pode-se acreditar que uma pessoa condenada pelas autoridades deste mundo tem a ver com Deus? Será que Deus vai se ligar tanto assim a um condenado? Vai colocar nele a esperança da salvação para todos? Boa Notícia por quê?

A Boa Notícia ainda não acabou de chegar. Mal começa a se espalhar. Ainda se acredita pouco no valor do pequeno e das pequenas coisas. Precisamos mostrar que a coisa é diferente. Tentam fazer de Jesus um rei potente, para esconder que ele foi um condenado pela sociedade. Precisamos dar a boa notícia de que Deus levanta aquele que o mundo derrubou. Precisamos mostrar o lado escondido, o lado de Deus.

Ainda querem que a gente esqueça os condenados do nosso mundo para aplaudir os corruptos e os arrogantes. Precisamos mostrar que os condenados à fome e à miséria clamam que está tudo errado. A Boa Notícia de que Deus está do lado deles ainda está só no começo e precisa ir em frente.

2.

FOI ASSIM MESMO OU É SÍMBOLO?

Janela

No Evangelho de Marcos encontramos muitos detalhes difíceis de explicar se os entendemos como acontecidos tais e quais. Seria possível, por exemplo, quatro pessoas, carregando um doente em uma padiola, pela escada externa subirem ao terraço e ali

abrirem um buraco para descerem a padiola com o doente? Será, também, que Maria achou que Jesus estava louco? E como é que o cego curado poderá voltar para casa sem entrar na cidade onde morava?

A comunidade apostólica

Quando o evangelista escreve as memórias dos Apóstolos, ele não está preocupado com a janela, o que aconteceu tal e qual, mas com o espelho, o que aquilo significa para a comunidade. Ele quer fazer daqueles episódios um espelho da sua realidade. Ele quer que a sua comunidade se reflita em Jesus, por isso faz de cada detalhe um símbolo daquilo que precisa dizer. Em Marcos tudo, tudo está cheio de simbolismo.

Os primeiros leitores entenderam, sem dúvida, o que significava, por exemplo, o cego que estava sentado, pedindo esmolas, à beira do caminho, jogar o manto para trás, dar um pulo e correr até onde estava Jesus e, depois seguir Jesus pelo caminho. Entenderam o significado dos quatro que carregavam a padiola com o paraplégico. Entendiam que a casa é a comunidade dos discípulos e a cidade é a mentalidade e estrutura da sociedade em que viviam.

As comunidades de hoje

Nós hoje somos muito influenciados pela mentalidade do mundo científico e técnico. Perdemos o senso de humor, não sabemos apreciar histórias com sentido duplo ou triplo. Queremos sempre saber se foi assim mesmo ou não. Parece que somos todos membros de uma CPI ou somos investigadores e estamos fazendo um inquérito policial. O maior erro do fundamentalismo bíblico, diz o Documento sobre a interpretação da Bíblia na Igreja Católica, é pensar que a verdade da Bíblia é a verdade histórica científica. E Bento XVI (Verbum Domini 19) diz que a nossa curiosidade histórica põe Deus fora da Bíblia.

O Evangelho segundo Marcos deve ajudar-nos a superar essa mentalidade. Precisamos nos perguntar o que cada detalhe pode ter significado quando o Evangelho foi escrito e o que pode significar hoje. Quando queremos explicar tudo como rigorosamente histórico, esvaziamos a mensagem do Evangelho. Ficamos discutindo a placa e deixamos de seguir o caminho que ela aponta.

3.

MARCOS E OS OUTROS

Janela

Já vimos que o Evangelho segundo Marcos foi o primeiro a ser escrito tal como se encontra na Bíblia. Os Evangelhos segundo Mateus e segundo Lucas se parecem muito com o de Marcos, tanto que podem ser vistos juntos. Por isso os três chamam-se sinópticos. Mateus e Lucas seguem Marcos passo a passo, quase copiando. Só mudam detalhes ou trocam episódios de lugar. O quarto Evangelho ou Evangelho segundo João não seguiu Marcos tão de perto e tem diferenças maiores.

A Comunidade Apostólica

As comunidades do tempo dos Apóstolos eram diferentes umas das outras e as diferenças aparecem nos seus Evangelhos. Mateus, de uma comunidade de cristãos judeus, seguiu a mesma ordem de Marcos, mudando alguma coisa e acrescentando muitas, pois a sua comunidade precisava de uma forte catequese e de organização firme e fundamentada. Já Lucas é de uma comunidade de cristãos não judeus e queria mostrar um Jesus muito sério, mas muito amigo dos pobres, dos que eram excluídos, dos não

judeus como os samaritanos, dos pecadores, das mulheres. Ele muda e tira ou acrescenta o que é necessário para dar o seu recado.

As comunidades de hoje

Para procurar uma resposta tem de levar uma pergunta, pois quem não sabe o que está procurando não acha coisa alguma. Antes de ler o Evangelho a gente precisa prestar atenção à vida, ao que está acontecendo. Como dizia uma pessoa de nossas comunidades, a gente deve ler a Bíblia de olho aberto...

Vamos nos perguntar. De que boas notícias o nosso mundo mais precisa? Quando se fala em evangelizar, evangelização, estamos pensando em trazer esperança para as pessoas, ou nosso evangelizar é a má notícia de uma doutrinação maçante, chata, opressiva e moralizante, que só vê pecado por toda a parte?

O nosso evangelizar faz as pessoas se situarem na sua realidade, sentirem-se tranquilas, seguras e comprometidas com um sonho, ou deixa as pessoas deprimidas, agitadas ou até alucinadas?

Cada Evangelista escreveu pensando nos problemas vividos pela sua comunidade. Nós já pensamos como o Evangelho pode ser boa notícia, uma saída, uma esperança frente aos problemas do nosso tempo e do nosso lugar? Sem isso repetimos as palavras e não o espírito dos Evangelhos.

4.

QUEM É JESUS?

Janela

O Evangelho de Marcos se resume nessa pergunta. Começa dizendo que é início da Boa Notícia de Jesus, o Messias, o Filho de Deus. Na Galiléia Jesus sempre proíbe que digam quem ele é. No centro do Evangelho, pergunta aos discípulos e Pedro responde que ele é o Messias. Sobem para Jerusalém explicando que é o Messias sofredor, mas os discípulos não entendem e não aceitam a ideia. Logo após sua morte de cruz, um gentio, um não judeu, o sargento romano, reconhece que ele era mesmo o Filho ou Servo de Deus.

A comunidade apostólica

A comunidade que nos deu este Evangelho viveu num tempo próximo de Jesus. É verdade que já começava a se organizar e tinha novos dirigentes no lugar dos Apóstolos. Mas não podia esquecer o que lhe era essencial, era uma comunidade de seguidores de Jesus, o pregador popular que foi crucificado em Jerusalém. Todos o chamavam de Cristo, que quer dizer ungido, em hebraico, messias. Precisa lembrar o que isso significa, pois os chefes da revolução que tomou o poder em Jerusalém também se chamavam de cristo ou messias. Que cristo ou messias é Jesus?

As comunidades de hoje

Para nós, hoje, parece que Cristo é o sobrenome de Jesus. Já não sabemos, nem na teoria, muito menos na prática, o que isso significa. Se, quando o Evangelho foi escrito a comunidade cristã já tinha uma organização, imagine hoje...

É necessário haver organização, se as tarefas e encargos não são distribuídos, nada acontece, ninguém faz nada, não se sabe a quem recorrer. A tendência da organização, porém, é substituir o espírito. Ficamos como o ferroviário cuja função era dar pancadas nas rodas do trem logo que ele parava na estação. Ao aposentar-se e passar o encargo a outro, este perguntou por que devia dar aquelas pancadas e ele respondeu

“Eu fiz isso durante trinta e cinco anos e nunca perguntei por que, você já no primeiro dia quer saber!”.

É preciso perguntar, sim, porque dizemos Jesus Cristo. É preciso, sim, ler e reler o Evangelho para ver se não cometemos os mesmos enganos que cometeram os Apóstolos. Precisamos tentar entender o que o pagão nos ensina quando reconhece Jesus como Filho de Deus exatamente quando ele acaba de morrer. Uma vida longa é curta para se buscar entender porque, para salvar a humanidade, é preciso morrer de forma tão humilhante.

5. JESUS É FILHO DE DAVI?

Janela

Filho de Davi era um título do Messias esperado. O Ungido ou Messias seria um rei descendente de Davi, o modelo de rei do povo judeu. Marcos só duas vezes fala desse título. Uma vez é quando o cego de Jericó (Mc 10,47-48) chama Jesus de Filho de Davi, mas todos o repreendem e proibem que diga isso. A outra vez é no conflito final em Jerusalém (Mc 12,35-37), quando Jesus, diante do povo empolgado com seu ensinamento, questiona os letrados ou escribas, que afirmavam ser o Messias Filho de Davi. Jesus pergunta: Como é que, no Salmo, Davi o chama de senhor? Então ele não é filho, é senhor de Davi!

A Comunidade Apostólica

A comunidade que nos deu esse Evangelho viveu bem próxima da revolução que tomou o poder em Jerusalém no ano 66. Os chefes da revolução, mesmo brigando entre si, davam-se o título de “Filho de Davi”. Pretendiam ser o Messias, que quer dizer o Rei Ungido descendente de Davi, que haveria de restaurar a grandeza do povo de Israel.

Para essa comunidade Jesus não é o salvador da pátria dos judeus, só deles. Jesus não é um Messias nacionalista, um rei ungido para livrar Israel do Império Romano. A missão de Jesus é outra, ele não pode ser confundido com João de Gíscala ou outros chefes zelotes. A salvação que ele traz vai mais a fundo e é para a humanidade toda.

As Comunidades hoje

“Jesus me ama!” “Jesus é o meu amigo!” “A razão do meu sucesso, Jesus!” E tantas outras frases ou pensamentos como esses acabam fazendo de Jesus um salvador mais imediatista e mais particular do que o Filho de Davi para os judeus. Será que, às vezes, não reduzimos Jesus a um companheiro na busca da solução dos problemas financeiros, afetivos e outros, inconfessáveis, como a satisfação da própria vaidade ou da ganância pessoal, mesmo com o prejuízo de outros?

Que salvador, então, é Jesus? Ele salva quem? Salva de que? Se ele não é o salvador da pátria dos judeus nem de nenhum outro povo particular, deve ser o salvador da humanidade toda. E a salvação da humanidade em que consiste? Em fazer um remendo aqui e outro ali, ou em ir à raiz de todas as desgraças que se abatem sobre os seres humanos em qualquer parte do mundo. Marcos nos deixa com esta pergunta: Qual é a raiz de todas as desgraças da humanidade?

6.

FILHO DE DAVI OU FILHO DE DEUS?

Janela

Já vimos como neste Evangelho Jesus parece não gostar de ser chamado de Filho de Davi. Marcos prefere dar a Jesus o título de Filho de Deus. Ele começa dizendo que seu Evangelho é início da Boa Notícia de Jesus, o Cristo, o Filho de Deus. E, quase no final (15,19), quando Jesus acaba de morrer, o centurião ou sargento dos soldados romanos, diz “De verdade esse homem era o Filho de Deus!”. No meio do Evangelho, Espíritos Impuros (3,11) e um possesso (5,7) dizem que Jesus é o Filho de Deus, mas ele proíbe que o digam. Duas vezes, no Batismo (1,11) e na transfiguração (9,7), Deus é quem diz que Jesus é seu filho.

A Comunidade Apostólica

A comunidade que nos deu este Evangelho estava muito próxima da revolução dos zelotes contra o poder romano na Palestina. O Evangelho foi escrito entre a tomada do poder em Jerusalém, que aconteceu no ano 66, e a destruição da cidade e do templo, no ano 70.

Nesses anos em que comandaram a cidade de Jerusalém, os chefes revoltosos, mesmo brigando entre si, davam-se os títulos do Salvador anunciado e esperado. Um desses era Messias, palavra hebraica, ou Cristo, palavra grega, ambas significando Ungido, um rei ungido! Outros títulos eram Filho de Davi e Filho de Deus, pois os reis eram chamados também de Filhos de Deus.

O que dava mais certo para Jesus era o de Filho de Deus, porque Isaías chamava de servo, na tradução grega de ‘garoto’ ou ‘guri’, querido de Deus, um personagem que haveria de salvar o povo através do sofrimento. Por isso é que no Batismo e na transfiguração Deus chama Jesus de seu filho querido.

As comunidades de hoje

Hoje a gente fala de Jesus como Filho de Deus para identificá-lo com o Pai, correndo o risco até de esquecer que ele era ser humano. A gente pensa muito em termos de essência, do que é, e não do que faz e de como age. A gente põe Jesus igual a Deus, não será que é para ficar dispensado de seguir seu caminho, seu exemplo?

O garoto ou guri querido de Deus que recebe o seu Espírito em Isaías 42,1-7 “leva o direito às nações, não grita nem levanta a sua voz, lá fora ninguém escuta o que ele fala, não quebra o ramo já machucado, nem apaga o pavio já fraco de chama, fielmente promoverá o que é de direito, sem amolecer e sem oprimir, até implantar o direito no país e as ilhas distantes aguardarem a sua lei”.

7.

JESUS, O CANGACEIRO

Janela

O Evangelho segundo Marcos diz que Jesus foi crucificado entre dois bandidos. Que significava esse termo para eles? A quem davam o nome de “bandidos”? Os numerosos pequenos proprietários da Galiléia estavam perdendo o que tinham. Os muitos e pesados impostos cobrados pelo Império Romano, os dízimos e taxas do Templo e os juros altos pagos a judeus ricos faziam com que perdessem suas terras, seu único meio de vida. Tudo perdido, “partiam para o cangaço” como se dizia no nordeste brasileiro, uniam-se em grupos para assaltar a fim de sobreviver e distribuir os alimentos nas aldeias ao povo que não tinha o que comer. Esses eram os “bandidos”,

movimento social e político semelhante ao de Lampião, “o rei do cangaço”. Eles se deram o nome de zelotes.

A Comunidade Apostólica

A comunidade primitiva que nos deu o Evangelho de Marcos não se envergonhava de se dizer discípula de alguém que foi confundido com um “bandido”, um cangaceiro. Ele veio da Galiléia, lugar de origem dos “bandidos”, era pobre e de uma aldeia pobre, teve um grupo grande de discípulos que o seguiam em tudo, foi acolhido em Jerusalém como o Rei-Messias. Pouco antes de o Evangelho ser escrito, o mesmo aconteceu com os líderes dos “bandidos”, os cangaceiros palestinos que, em seguida, tomaram o poder em Jerusalém. Mas a comunidade deste Evangelho sabia perfeitamente que Jesus ia muito mais ao fundo do que os “bandidos” ou cangaceiros da Palestina. Jesus sonhava com uma mudança social e política, sim, mas ia mais a fundo, queria arrancar pela raiz a causa da desordem social e política, a cobiça de glória e poder.

As comunidades de hoje

Muita gente boa hoje teria vergonha de dizer que Jesus foi confundido com um cangaceiro. Há certo pudor (por quê?) de se dizer que Jesus é Evangelho ou Boa Notícia para os pobres, má notícia para os poderosos que se engordam às custas do sofrimento dos pequenos.

Em vez de dizer que ele foi mais a fundo do que os “bandidos”, costuma-se dizer que a mensagem dele é totalmente outra, que nada tem a ver com as mudanças sociais e políticas pelas quais os “bandidos” lutavam. Coloca-se Jesus no céu, inteiramente desligado da terra. Aqui cada um faz o que quiser e nós nada temos a ver com isso, nossa mensagem é só para a outra vida. Será? Por que será?

8.

O SERVO SOFREDOR

Janela

Já vimos que o Evangelho de Marcos parte da pergunta “Quem é Jesus?”. É o Messias. Que Messias? Não é o ungido rei dos judeus, o filho de Davi. Que modelo de Salvador é, então, Jesus? A mensagem de Marcos é clara: É o Servo do Senhor de que falam quatro poemas ou “cânticos” do livro de Isaías. Ele salva através da firmeza, da coerente resistência ao sofrimento. “Como cordeiro levado ao matadouro, ele ficou calado” (Is 53,7). “Leva o direito às nações, não grita nem levanta a voz... sem amolecer e sem oprimir, até implantar o direito no país e as ilhas distantes aguardarem a sua lei” (Is 42,2-4). Especialmente na narrativa da paixão, Marcos mostra como Jesus realiza esses poemas do livro de Isaías.

A Comunidade Apostólica

A comunidade que nos deu este Evangelho viveu no lugar de onde saíram os revoltosos que foram tomar o poder em Jerusalém. Eram todos fracos e pobres, mas queriam o poder a qualquer custo, não viam outra solução. O caminho de Jesus não é esse. Para ser “união do povo” e “luz das nações”, “ele não quebra o ramo já machucado, nem apaga o pavio já fraco de chama”. É preciso “carregar o peso dos pecados da multidão”, “sofrer o castigo que todos mereciam”. Por isso “Jesus parece um homem castigado e humilhado por Deus, não desvia o rosto dos insultos, mas deixará grande descendência”.

As comunidades de hoje

Duas tentações parecem nos atacar hoje. São a de buscar sempre mais recursos de dinheiro e de poder, e a de fazer sucesso, ser estrela, “dar IBOPE”. Mas não é por aí que se pode contribuir para salvar a humanidade. Ele “não fazia vista, nem tinha beleza a atrair o olhar, não tinha aparência que agradasse. Era o mais desprezado e abandonado de todos”. Esse é o Salvador que o Evangelho segundo Marcos nos apresenta. Para continuar a obra dele precisamos acreditar na comunidade pequena, no grupo de reflexão humilde, nos gestos simples e humildes, na resistência diante das dificuldades, das incompreensões e das perseguições. Confiar mais nos recursos pobres, simples e criativos de quem não tem dinheiro mesmo. Tentar se levantar junto com os que estão derrubados. Deixar-se crucificar no meio dos “bandidos”. Esse é o caminho da salvação da humanidade.

9.

VOLTAR PARA A GALILÉIA

Janela

O Evangelho segundo Marcos terminava de maneira muito surpreendente. Tanto que, logo de início, foram acrescentadas notícias tomadas dos outros Evangelhos sobre a ressurreição de Jesus. É assim que os versículos 9 a 20 do capítulo 16 fazem parte do Evangelho. Que havia de tão surpreendente na “primeira edição” do Evangelho? O jovem de branco que as mulheres encontraram no sepulcro diz que Jesus ressuscitou e manda que elas digam aos discípulos que voltem para a Galiléia, que aí verão Jesus. Elas, então, fogem do túmulo e, cheias de medo, nada dizem a ninguém. Assim terminava o Evangelho. Só o leitor fica sabendo que, para ver Jesus ressuscitado, deve voltar para a Galiléia.

A Comunidade Apostólica

Galiléia é o lugar de origem de Jesus. Na Galiléia ele começou o seu movimento. Na Galiléia ele formou a comunidade dos seus discípulos. Era preciso, então, voltar às origens, recomeçar tudo de novo. A Galiléia era terra de pequenas aldeias, de gente pobre, explorada e desesperada. Foi de lá que saíram os “bandidos” ou “zelotes” para tomar o poder em Jerusalém. Para os fariseus Galiléia era, ainda mais, lugar “impuro”, porque muito próximo dos gentios, ou não judeus, e eles acabavam se misturando. Mas foi lá que tudo começou e é por lá que tudo vai ter continuidade. No meio dos pobres, perto dos gentios e dos “bandidos”, Jesus ressuscitado está com os seus discípulos.

As comunidades de hoje

O Concílio Vaticano II, realizado há mais de cinquenta anos, insistiu na volta às fontes do cristianismo. É preciso beber na fonte, na mina. A água que passa por muitas caixas, tanques e encanamentos, acaba carregando sujeiras que caem nos reservatórios e pega ferrugem dos encanamentos. A proposta do Concílio de volta às fontes tinha a intenção de nos fazer beber água mais limpa. Isso aconteceu no incentivo à leitura da Bíblia, na reforma da Liturgia e, principalmente, na busca do modelo das comunidades primitivas. Igreja deve ser o Povo de Deus em pequenas comunidades. Aí a partilha da Palavra de Deus e das orações alimenta a fé, a amizade e a solidariedade levam cada um a dar tudo pelos outros e a sombra da comunidade será remédio para todos os males e sofrimentos humanos. Ainda precisamos muito voltar à Galiléia.

10. NA GALILÉIA SE VÊ JESUS

Janela

Quando, no capítulo 16 do Evangelho segundo Marcos, o jovem de branco manda dizer aos discípulos que vão para a Galiléia, ele dá o motivo, “lá vereis Jesus ressuscitado!”. Ao contrário do Evangelho segundo Lucas, em Marcos Jesus não aparece em Jerusalém e arredores, mas será visto apenas na Galiléia, terra de origem sua e da comunidade de seus discípulos. Na Galiléia é que os discípulos poderão ver Jesus. E, no final surpreendente do Evangelho, a informação não chega aos discípulos de então, mas chega aos de hoje, aos leitores do Evangelho. Sabemos que é para voltar à Galiléia.

A Comunidade Apostólica

É preciso reler o Evangelho, buscando ver Jesus presente na sua comunidade, ver o Ressuscitado formando discípulos hoje como no ano 30. Isso confirma a hipótese de que o Evangelho segundo Marcos tenha sido escrito na Galiléia. A comunidade que nos deu o Evangelho vê Jesus vivo e presente na sua caminhada. Sai com ele da sinagoga ou comunidade religiosa dos judeus e com ele vai com os irmãos Tiago e João para a Casa dos irmãos Pedro e André. Na Casa, é Ele quem os instrui, orienta e explica o significado de suas palavras. Quando as multidões de toda a parte vêm à procura dos discípulos, Jesus está no mesmo barco, para apontar rumos para a humanidade. Eles têm olhos para ver Jesus vivo em seu meio.

As comunidades de hoje

A tentação hoje é de buscar o espetáculo, o que dá show, o mágico e miraculoso. Precisamos dar mais atenção à pequenez e humildade do dia a dia. Não é preciso um mega-show para ver Jesus. Ao contrário, o grande espetáculo corre o risco de esconder Jesus e só mostrar o Pop-star, o ator estrela que comanda o espetáculo.

Jesus vivo pode ser visto na Galiléia do dia a dia, no culto ou celebração da comunidade, na reunião do grupo de reflexão em Casa. Aí uns procuram ajudar os outros a descobrir o significado mais profundo e atual do Evangelho. Aí dá para ver Jesus ressuscitado. “Em Casa ele explicava tudo aos discípulos”. O Ressuscitado é visível nas soluções dos pequenos e grandes problemas do dia a dia que seus discípulos, de maneira silenciosa e escondida, procuram levar a todos os sofredores. Isso acontecia na Galiléia e acontece nas humildes galiléias de hoje.

11. A MENSAGEM É METANÓIA

Janela

No Evangelho segundo Marcos a mensagem de João Batista, de Jesus e dos Apóstolos (6,12) se resume em uma palavra: *metanoia*. Que palavra é essa? Que significa isso? A palavra é grega, mas o leitor sabe o que ela significa. Você não sabe que *metamorfose* é mudança de forma, é a lagarta tornar-se borboleta? E *paranóia*? Não é problema de cabeça? Então *metanoia* é mudança de cabeça, de mentalidade, de modo

de pensar. João anunciava um “batismo de *metanoia*”, geralmente traduzida por ‘de conversão’ ou ‘de penitência’ (1,4). Jesus prega na Galiléia a boa notícia (evangelho) do reinado de Deus e convoca para a *metanoia* com a fé ou compromisso com a Boa Nova do Reino (1,14-15).

A Comunidade Apostólica

Quando o Evangelho foi escrito, o Império fazia a cabeça do povo. A mentalidade era de patrono-cliente, uns poucos, os poderosos, são os bons os que protegem os mais fracos, são os patronos. A maioria é fraca, dependente, precisa dos mais fortes, é cliente deles. O patrono dá alguma força para o cliente e o cliente dá toda a força para o patrono. O Imperador é o patrono universal, um verdadeiro deus.

Na Galiléia aqueles que tinham perdido tudo por causa da exploração do sistema do Império, queriam lutar com as mesmas armas, queriam fazer uma revolução contra Roma. E achavam que o reinado de Deus era só para eles, judeus, eles seriam um povo abençoado e feliz. Pensavam numa solução violenta e nacionalista.

No reinado de Deus é diferente, aí todos são iguais, “irmãos”. Isso não se impõe pela força nem se limita a uma nação. Chegou o reinado de Deus, é preciso mudar as cabeças, é preciso de *metanoia*.

As comunidades de hoje

O Império continua fazendo a cabeça das pessoas. Os dirigentes dos Estados Unidos acham que eles são a Roma de hoje, que lá é o centro do Império global. Mas o Império hoje é do dinheiro e do mercado. E a lei do mercado é a lei do mais forte. É a competição, é a lei do “vamos ver quem pode mais!”. E “Ai dos vencidos!”, o destino dos incompetentes é desaparecer, é a morte.

Será que o sistema Patrono-cliente já acabou mesmo? A gente acredita mesmo no Evangelho como boa notícia da chegada do reinado de Deus, onde todos são iguais, “irmãos”? Não precisamos mais de mudança de mentalidade, de *metanoia*?

12. NA SINAGOGA Janela

Logo após reunir os primeiros discípulos, os quatro irmãos (Mc 1,16-20), Jesus (1,21-28) vai com eles à reunião da comunidade religiosa dos judeus, a Sinagoga, para anunciar a sua mensagem. Ele é totalmente diferente dos mestres que eles tinham. Mas aquela instituição religiosa não o aceita, ali está o homem com mau espírito. Reconhece que a mensagem de Jesus significa o fim para os mestres da instituição que ele representa. Mas Jesus o vence e provoca a admiração, senão a simpatia, dos que estavam lá dentro. E a fama de Jesus começa a correr por toda a Galiléia.

A comunidade Apostólica

A comunidade deste Evangelho formou-se e firmou-se na Galiléia. E viveu um conflito com a antiga religião. Seus mestres já não tinham o que dizer e viviam a repetir as velhas lições, que nada diziam para a realidade atual. Aquele grupo de “irmãos”, André e Simão, Tiago e João, Jesus vivo no meio deles, tinha o que dizer e falava com a autoridade de quem primeiro faz, para depois falar. Eram ameaça para a Sinagoga, a velha instituição religiosa, já sem vida, onde estava também (3,1) o homem da mão seca, quer dizer, sem ação, sem iniciativa, sem coragem de agir.

A comunidade de irmãos, Jesus vivo no meio deles, quer que as pessoas tenham iniciativa, não fiquem paralisadas por medo do pecado, prefiram promover a vida em vez de se preocupar em guardar o sábado (3,4).

As comunidades hoje

Não vivemos hoje em conflito com a Sinagoga, a comunidade religiosa dos judeus. É dentro da nossa Igreja que podemos encontrar modos de pensar e ensinar semelhantes ao dos antigos mestres fariseus. Dentro da nossa Igreja podemos ver o que leva à neurose de evitar pecado e paralisa as pessoas. Jesus quer gente livre, lutando por um ideal, um sonho. Não quer indivíduos doentios que veem pecado por toda a parte e são incapazes de agir, de fazer alguma coisa, de desrespeitar os sábados, se preciso for, para dar mais vida ao ser humano.

Isso é uma ameaça para quem tem medo de sair do lugar, de abrir as janelas a fim de que o vento do Espírito entre e renove a face das comunidades, da Igreja toda e de toda a terra. É uma ameaça para quem prefere fechar as janelas por medo do vento que vem de Deus. É uma ameaça para quem prefere se fechar para a realidade e para o Espírito.

13.

NA CASA DE SIMÃO

Janela

Depois de sair da Sinagoga, a instituição religiosa antiga, Jesus e os discípulos vão para a casa dos irmãos André e Simão, com os irmãos Tiago e João (1,29-39). A casa é a comunidade de irmãos. Mas, mesmo aí nem tudo é perfeito, a sogra, a segunda mãe, está com uma febre, incapaz de servir. Jesus dá-lhe a mão e a ajuda a levantar-se para que ela possa servir. Ainda no ambiente judaico, terminado o descanso do sábado, Jesus cura a todos, mas no raiar do novo dia, sai a pregar por toda a Galiléia.

A Comunidade Apostólica

As comunidades que nos deram esse Evangelho reuniam-se nas casas, não mais nas sinagogas. O movimento cristão afastava-se da religião judaica. Na comunidade todos são irmãos, cada qual presta um serviço determinado, mas todos são iguais, não há uma escala de importância, de poder e autoridade.

Mas nem tudo é perfeito. A Galiléia estava fervendo, os revoltosos, que dali tinham saído, já haviam tomado o poder em Jerusalém. A febre atual era o sonho da independência política e econômica. Só se pensava na revolução e nos seus líderes, os esperados salvadores da pátria. Em servir e colaborar uns com os outros não se pensava. A mão de Jesus pode ajudar essas comunidades a deixar de lado a febre, ficar de pé e passarem a servir umas às outras. Depois poderão curar os males da humanidade sofredora e levar a mensagem por todo o derredor.

As comunidades hoje

Hoje ainda haveria febres atacando nossas comunidades cristãs? Quais seriam essas febres? Quais seriam esses calores passageiros, sintomas de alguma infecção, de alguma doença mais ou menos grave? Hoje parece que tudo é descartável, rapidamente consumível. Até mesmo os movimentos de caráter religioso parecem destinados a um consumo rápido, a ser apenas uma febre momentânea que, enquanto é febre, denota falhas mais graves no organismo mesmo da Igreja.

A febre não deixa servir, faz ignorar a multidão sofredora em torno da casa, em torno da comunidade. Só depois que a febre passa, é possível pensar nos outros, dentro ou fora de casa, colaborar para que todos os males sejam curados. Depois que a febre passa é necessário, no raiar de um novo dia, despertar outras comunidades pela redondeza.

14. DEMÔNIOS E ESPÍRITOS IMPUROS

Janela

O Evangelho segundo Marcos fala com frequência em endemoniados, demônios e também em espíritos impuros. Há ainda o episódio do espírito mudo ou surdo-mudo (9,14-29). A narrativa deixa claro de que se trata de um caso de epilepsia, certamente conjugado com surdez e conseqüente mudez. Algumas vezes os espíritos impuros (1,34 e 3,11-12) ou os demônios (1,34) sabiam quem era Jesus, mas ele proibia que o dissessem. Jesus tem autoridade sobre eles e dá essa autoridade aos Apóstolos quando os envia a pregar (6,7).

A Comunidade Apostólica

Os escritos dos rabinos antigos falam em demônios muito mais do que os Evangelhos. Fazia parte da tradição judaica. Diziam que Deus criou os demônios na tarde do sexto dia, mas não teve tempo de dar-lhes um corpo, pois com o pôr do sol começava o sábado. Por isso eles ficam vagando. Esfregam-se nas pessoas para gastar-lhes as roupas e provocar doenças. Estão em toda a parte.

Na época o atraso era grande e o povo muito explorado, isso aumentava as doenças e levava alguns à loucura e outros à revolta fanática e irracional da rebelião violenta contra Roma. Esses estavam à procura do Messias, o salvador da pátria deles, papel que Jesus não queria fazer. A religião judaica estava decadente e seus mestres desacreditados. E a aceitação de Jesus era grande. O Evangelho usa as imagens de demônios e maus espíritos para falar dessa realidade e do que Jesus faz como início do reinado de Deus.

As comunidades hoje

Hoje a medicina, a psicologia, a parapsicologia têm conhecimentos e recursos para analisar, interpretar e buscar solução para a maioria os problemas de saúde física e mental. O mal hoje é atribuir a seres sobre-humanos a causa dos problemas. Colocá-las fora do nosso alcance torna mais difícil, senão impossível, buscar uma solução.

É verdade que exorcismo é mais barato do que tratamento psiquiátrico, mas culpar o demônio por tudo o que acontece só leva ao desespero e à neurose.

Ajuda mútua, carinho e atenção uns com os outros – na raiz de muitos problemas está a simples carência afetiva – são meios ao nosso alcance para fazer o que Jesus fez, libertar as pessoas dos seus demônios interiores.

15. OS QUATRO DA MACA

Janela

Jesus, em Casa, começa a formar seus discípulos (Mc 2,1-12). Ajunta tanta gente que não há mais lugar nem à porta. Os mestres judeus ainda estão ali sentados, ensinando. Aparecem quatro carregando um paralítico numa padiola. Como a passagem pela porta está impedida, sobem ao terraço, abrem um buraco e por ele descem o paralítico até onde Jesus está. Jesus, contra o parecer dos mestres, livra o homem do pecado e da paralisia.

Se não é de todo impossível, o fato é pelo menos muito estranho. Só pode ser bem entendido pelo simbolismo de cada detalhe.

A Comunidade Apostólica

A comunidade cristã que nos deu este Evangelho começou dentro da religião judaica. Os Escribas ou Mestres da Lei de Deus é que tinham a palavra. Todos queriam tornar-se discípulos de Jesus e não permitiam que os de fora, os dos quatro cantos do mundo chegassem. Esses eram considerados pecadores e paralíticos, incapazes de colaborar para o reinado de Deus. Mas eles insistem e chegam até onde está Jesus. É o que significa o paralítico-pecador chegar a Jesus pelo teto. Ele simboliza os que chegam dos quatro cantos do mundo.

Jesus, primeiro, os tira da condição de pecadores, mesmo contrariando os mestres do judaísmo. Depois os livra da paralisia e, então, eles passam a carregar a maca onde eram carregados, passam a ser senhores da própria vida, capazes de se movimentarem por si mesmos. A comunidade, mesmo contrariando os mestres, acolhe os não judeus, não os tem mais como pecadores nem como incapazes.

As comunidades de hoje

Sabemos acolher bem e dar responsabilidades aos que estão chegando, aos que “caem de paraquedas”? A tentação, às vezes, é achar que quem não sabe tudo não sabe nada, que quem não pensa exatamente como a gente está por fora ou é um alienado ou imaturo. Não é mais fácil excluir como perigoso ou incapaz do que ajudar a crescer, a superar os próprios limites e dar a colaboração de que cada um é capaz? Quem não é capaz de nada? Como será capaz se não começar?

Não dar qualquer responsabilidade ou exigir o que evidentemente está acima das próprias forças é o mesmo que chamar de incapaz e paralítico. Só os que se consideram os mestres acham que os outros são pecadores e paralíticos.

16.

A FAMÍLIA DE JESUS

Janela

O capítulo 3 do Evangelho segundo Marcos traz algumas afirmações que contrariam muito nossos sentimentos a respeito da família de Jesus, especialmente de sua mãe, Maria. No versículo 21 os familiares de Jesus queriam pegá-lo, pois diziam que ele estava louco. Pouco adiante (31-35), sua mãe e os outros familiares chegam, mas não entram na Casa, símbolo da comunidade dos discípulos, e o chamam lá fora. Jesus não sai e responde que sua família são os discípulos. Será que Maria reuniu os parentes para pegar Jesus e levar para casa, achando que ele tinha ficado louco? Ela não foi discípula de Jesus, não quis entrar para a comunidade?

A Comunidade Apostólica

A comunidade que nos deu este Evangelho vivia na Galiléia e teve dificuldades com o pessoal de Jesus, seus parentes e conterrâneos. Jesus é judeu, nascido dessa gente, crescido no meio dela, no seu ambiente cultural e religioso, essa gente é a mãe

dele e são os irmãos dele, a família dele. Mas eles não o aceitaram. Pensavam que era loucura dizer que Jesus é o Messias, a salvação da humanidade. Ele foi um visionário, um maluco. É loucura acreditar nele, pois um crucificado é um amaldiçoado (Dt 21,22-23).

A mãe, não Maria, a origem judaica de Jesus, sua família étnica e religiosa não acredita nele, não entra para se tornar discípula. A comunidade dos discípulos é, agora, a verdadeira família de Jesus.

As comunidades de hoje

Nós somos os parentes de Jesus, que se sentem donos dele e não o querem deixar cometer loucuras, mas ficam de fora, ou somos os verdadeiros discípulos, que, como ele diz, fazem a vontade do Pai?

É preciso entrar na casa onde está Jesus. É preciso deixar-se instruir por ele e fazer a vontade do Pai.

A vontade do Pai é o projeto de tornar a terra semelhante ao céu, não ao inferno ou ao purgatório, como se ensinava aos escravos no Brasil. “Na África – diziam aos negros – vocês estavam no inferno, aqui estão no purgatório para ganhar o céu”. Jesus não. Jesus diz que a vontade do Pai é que o céu comece a se realizar aqui na terra, que essa vontade seja feita assim na terra como no céu. Isso é tolice, é loucura, é querer o impossível, pensamos muitas vezes. Para nós também, Jesus não terá ficado louco?

17.

IR PARA CASA SEM ENTRAR NO POVOADO

Janela

Nosso Evangelho deste ano traz um episódio (Mc 8,22-28) estranho. Quando Jesus chega ao povoado de Betsaida, levam-lhe um cego, pedindo que toque nele. Jesus o leva para fora do povoado, põe-lhe saliva nos olhos e impõe-lhe as mãos. O cego começa a enxergar, mas ainda confunde gente com árvore. Jesus impõe-lhe as mãos sobre os olhos e ele começa a enxergar claro, mesmo de longe. Jesus o manda para sua casa proibindo-o de entrar no povoado. Como ele poderá ir para casa sem entrar no povoado onde morava?

A comunidade Apostólica

A maioria das traduções atuais tenta disfarçar a incoerência, dizendo que Jesus o *despediu* e não “mandou para a sua casa” como está no grego. Alguns copistas antigos modificaram a segunda parte para *não contes a ninguém no povoado*. O fato é que a comunidade que nos deu o Evangelho não o lia como verdade histórica, mas como narrativa simbólica.

Ir para a sua casa, significava ir para a sua comunidade cristã, ir para o seu ambiente de fé. Entrar no povoado significava aceitar a mentalidade da cidade, do Império, pois Betsaida havia sido transformada por Herodes em cidade grega. O Batismo era chamado de “iluminação”, o discípulo é iluminado, tem os olhos abertos, enxerga a realidade com os olhos de Deus. Mas, se aceitar novamente o modo de pensar, a cultura do Império, se entrar na cidade ou deixar a cidade entrar nele, voltará a ser cego. Só na comunidade, a sua casa, onde uns abrem os olhos dos outros, ele enxergará cada vez mais longe.

As comunidades hoje

Infelizmente perdemos a noção de que o discípulo de Jesus deve ter um olhar diferente, deve ser capaz de enxergar mais profundamente. Achemos muitas vezes que o cristão é um acomodado, um conformado, um defensor dos critérios do Império atual, o capitalismo, o mercado.

Não. O cristão é alguém que se afastou da maneira de pensar deste mundo e agora enxerga diferente, enxerga claro, mesmo de longe, não é capaz de aceitar a lógica do mercado. Vê que a competição leva uns a engordarem demasiadamente, enquanto a grande maioria, os incompetentes, os vencidos emagrecem, vivem como excluídos ou são eliminados. Vê que isso é o oposto do reinado de Deus. Mas, se entra na cidade, se ele se deixa conduzir pela cultura global, vai começar a confundir coisa com gente e acabará cego de novo.

18.

A CASA E A PRAIA

Janela

Muitas vezes, especialmente nas duas primeiras partes, ou seja, na Galiléia e no caminho para Jerusalém, o Evangelho segundo Marcos faz questão de dizer que Jesus estava em casa ou na beira do mar. À beira do mar (1,16; 2,13; 3,7; 4,1) Jesus fala às multidões, cura doentes e sofredores e chama discípulos, não só os que eram pescadores, mas também Levi, que era fiscal de taxas públicas ou publicano. Em Casa, mesmo a caminho de Jerusalém (9,28), Jesus explica, orienta e forma seus discípulos.

A comunidade Apostólica

A Casa é a comunidade dos discípulos. Na primeira referência (1,29) é a casa de Simão e André, onde Jesus, tendo saído da Sinagoga, entra com os outros dois irmãos. No princípio (2,1 e ss.) ela está cheia de judeus que impedem os gentios de chegar, mas eles entram nem que seja pelo teto. É a comunidade onde os discípulos crescem na intimidade com Jesus.

O mar é símbolo da morte. Imaginavam o lugar dos mortos nas águas subterrâneas com as quais se comunicavam as águas do mar. A multidão sofredora e necessitada de uma instrução de Jesus está à beira do mar, à beira da morte. Dali ele chama os discípulos que, no mesmo barco com ele, se tornam vencedores da morte e podem instruir a multidão à beira do mar.

As comunidades de hoje

Falta-nos hoje a distinção entre a casa e a praia, a distinção entre Igreja e mundo. Somos herdeiros da cristandade, quando o mundo se identificava, pelo menos formalmente, com a Igreja. Então, tudo e todos eram católicos, o mundo já não precisava ser salvo, não estava à beira da morte. Símbolo do domínio português que fincava o pé nas terras de Santa Cruz foi exatamente uma cruz. Em Ribeirão Preto, à Rua São Sebastião ficava o cine São Paulo (tudo católico) que só passava filmes pornográficos. Cristandade é uma herança que muitos querem recuperar.

A Casa, a comunidade cristã, é onde os discípulos de Jesus hoje se formam, crescem no compromisso com ele. As celebrações, as reuniões, os grupos de reflexão, os momentos de oração pessoal e coletiva, tudo deve contribuir para isso, só para isso, só para fazer crescer no compromisso com Jesus. Depois é preciso ir para a praia, para a beira do mar, acudir com a ação e com a palavra a humanidade à beira da morte.

19. AS TRÊS PARTES DO EVANGELHO

Janela

Já familiarizados com o Evangelho de Marcos, vamos entender como ele está organizado em etapas. A primeira é a da Galiléia, do início até 8,26, a segunda é a do caminho, de 8,27 até 10,52 e a terceira é a de Jerusalém do capítulo 11 até o final. Na Galiléia ele proíbe que digam que ele é o Messias, no caminho explica que tipo de Messias é ele, em Jerusalém realiza sua missão de servo sofredor. Na Galiléia forma sua comunidade a partir da Sinagoga, no caminho prepara os discípulos para o fracasso da cruz, em Jerusalém enfrenta os inimigos, é crucificado e sai vitorioso.

A Comunidade Apostólica

A comunidade que nos deu este Evangelho formou-se e crescia na Galiléia, mas enfrentou dificuldades. Os zelotes, que pensavam vencer o Império Romano pelas armas, queriam um Messias político nacionalista. Queriam os cristãos na revolução com eles. Os endiabrados chamam Jesus de Messias. Precisa mudar o pensamento (*metanoia*).

O caminho para Jerusalém explica que o caminho e o objetivo são outros. O caminho é a cruz e o objetivo é tirar pela raiz o mal da humanidade toda.

O confronto com os inimigos em Jerusalém revela que a velha instituição religiosa está falida, secou como a figueira. Quando Jesus morre, é um não judeu que o reconhece como Messias. Não judeus tornam-se cristãos.

As comunidades de hoje

Formar-se e crescer, entender como é que Jesus salva e pôr mãos à obra é um bom programa para as comunidades cristãs de hoje.

Primeiro precisamos entender o que significa a Boa Notícia (Evangelho) do reinado ou Império de Deus e porque ele exige uma mudança de cabeça (*metanoia*). Isso se aprende na Galiléia, na comunidade, no pequeno grupo de reflexão, na Casa, onde Jesus explica tudo aos discípulos. Isso se põe em prática à beira mar, onde a humanidade, à beira da morte, espera a palavra e a ação de Jesus.

O passo seguinte é caminhar para a morte em Jerusalém. Na caminhada, uns aplaudem, uns seguem com medo, enquanto os dirigentes disputam poder. Ainda é difícil entender que o caminho é a cruz, o fracasso, a humilhação.

Difícil é entender também a necessidade do confronto. Quem não desmascara, se mascara. O fracasso não é definitivo e leva de volta à Galiléia, ao começo.

20. FICAR E SER ENVIADOS

Janela

Jesus começa a anunciar a boa notícia do reinado de Deus e a convidar todos para a mudança de cabeça (*metanoia*). À beira do mar chama os primeiros discípulos, entra na Sinagoga, mas encontra resistência e dificuldade, sai para a casa dos irmãos. Os dirigentes religiosos e políticos dos judeus já pensam eliminá-lo. Ele sobe a montanha e chama aqueles que quer, desses escolhe doze para ficarem com ele e serem enviados (3,13-15). Como ficar, se serão enviados? Como ser enviados, se devem ficar? Sairão em missão e continuarão com ele?

A Comunidade Apostólica

A comunidade que nos deixou o Evangelho segundo Marcos sabia da importância dos Doze, sabia que os dirigentes da Igreja devem ser os pais das doze tribos do Novo Israel. Sentia, porém, que eles não podem se afastar de Jesus.

Os Doze já morreram, outros estão no lugar deles. Mas devem ficar com Jesus que, para os mestres judeus, tem parte com Satanás, ao ver dos parentes está louco (3,20-35). Com Jesus devem aprender a falar com as multidões, usando parábolas, comparações (4,1-34). Com Jesus devem arriscar-se a ir para o outro lado (4,45-41). Com Jesus devem ser capazes de livrar das Legiões do outro Império os que convivem com a morte (5,1-20). Com Jesus devem aprender a ser discriminados na própria pátria (6,1-6). Mas devem sair em missão, ir libertar do sofrimento e anunciar a Boa Notícia da chegada do império de Deus (6,7-13).

As comunidades de hoje

O grande perigo hoje é a rotina. As práticas religiosas são sabidas e conhecidas. Basta executá-las e está tudo feito, a missão está cumprida. As devoções (promessas, novenas, orações e coisas semelhantes) e os gestos sacramentais têm força por si mesmos, basta fazer tudo como está estabelecido e o resultado está garantido.

Com essa maneira de pensar, a gente perde o contato com Jesus, afasta-se dele, não fica com ele, já não sabe ou não se interessa pelo que ele quer. Só pensa em si, no próprio interesse, que, espera, ele venha satisfazer, ou pensa na própria função e sente-se tranquila e merecedora de uma recompensa, porque cumpriu tudo corretamente. Ele não diz nada, não tem nada a dizer...

Quem não fica com ele não pode ser enviado.

21.

NO CAMINHO: OS DOZE QUEREM O PODER

Janela

No caminho para Jerusalém, Jesus explica que tipo de Messias ou Cristo é ele, fala de sua exclusão pelas autoridades políticas e religiosas, da condenação, da humilhação da cruz e da vitória final da ressurreição. Mas os Doze que ele escolheu não aceitam a ideia, o pensamento deles é outro. Da primeira vez, Pedro corrige Jesus, não quer que ele fale nisso (8,31-33). Da segunda (9,30-32), ele está a sós com os discípulos, eles não entendem, mas ficam com medo de perguntar. Da terceira vez (10, 32-45) Tiago e João interrompem a fala de Jesus para pedir os primeiros lugares no poder. Era isso o que os Doze queriam.

As Comunidades Apostólicas

Os Doze Apóstolos tinham tanta dificuldade em entender Jesus? Seu pensamento estava tão longe assim? O Evangelista, como diz o povo, “está batendo na cangalha para o burro entender”. Quando o Evangelho é escrito, os Doze já se foram. Os que ficaram no

lugar deles, os dirigentes atuais das comunidades é que estão sendo tentados pelo poder, estão sendo tentados a esquecer que o caminho de Jesus é o da cruz, da pobreza, do fracasso, da humilhação. Não fazia 40 anos que Jesus tinha sido crucificado e já brigavam pelo poder! Mas por aí, o mundo não é salvo, a humanidade continua no caminho da morte, a ressurreição não vem. O caminho é a cruz.

As comunidades de hoje

Hoje isso não acontece. Ou acontece? Do Papa, passando pelos bispos e pelos padres, até o mais humilde dirigente de culto ou celebração, catequista ou animador de grupo de reflexão, todos somos tentados pelo poder, todos queremos mandar e ser obedecidos sem restrição ou questionamento. Todos somos tentados a nos servir dos outros, em vez de servi-lhes.

O caminho alerta para não nos deixarmos levar pela tentação de ser servidos em vez de servir (10,41-45). O caminho nos ensina que seguir Jesus é abraçar a cruz e colocar nos ombros a sua vergonha, deixando de lado o próprio bem estar, além da vaidade, do orgulho, da arrogância (8, 34-38). O caminho nos ensina a buscar o último lugar na singeleza de uma criança (9,33-37 e 10, 13-16). O caminho nos ensina a abandonar a riqueza, mesmo que seja tão difícil como um camelo passar pelo fundo da agulha (10,17-31).

22.

NO CAMINHO: O CEGO SEGUE

Janela

Na última etapa do caminho, à saída de Jericó para Jerusalém, o Evangelho traz o episódio do cego Bartimeu. O seu nome significa filho da honra, da glória, do prestígio, alguém que só pensa nisso. Quem só pensa na própria glória é mendigo de aplausos, sentado, sem andar, e à beira do caminho. Sabendo que era Jesus que passava, começou a clamar: “Filho de Davi, tenha pena de mim!” Pensa em Jesus como Messias glorioso, é cego! Mas pede que Jesus tenha pena dele, quer deixar a cegueira. Jesus o chama. Ele joga o manto para trás, pula de pé e vai até Jesus. Queria enxergar. Jesus lhe diz: “Tua fé te salvou”. E ele foi seguindo Jesus no caminho.

A Comunidade Apostólica

O Batismo nas comunidades primitivas era chamado de “Iluminação”, era o abrir os olhos, passar a enxergar. Este cego que dá um pulo e sozinho vai até Jesus e, porque tem fé, começa a enxergar, é símbolo daquele que foi batizado, do novo discípulo. Mc 10,32-45 dá uma ideia do que se via na comunidade: Alguns admiravam a valentia de Jesus, eram apenas fãs. Os que o seguiam de verdade iam com medo e os dirigentes estavam mais preocupados com a glória do poder.

Agora, Bartimeu, o mendigo cego que estava sentado à beira do caminho, e que chama Jesus de Filho de Davi, o Messias glorioso, e representa os Doze, brigando ainda pela glória do poder, pede que Jesus tenha pena de sua cegueira. O pedido, apesar de todos os mal entendidos, significa sua fé, o reconhecimento de sua cegueira, é um cego que quer enxergar. A fé o faz enxergar e, então, ele vai seguindo Jesus pelo caminho que leva à morte de cruz.

As comunidades de hoje

Existem, sem dúvidas, várias atitudes diante de Jesus. Há os meros admiradores, são a torcida, não entram no jogo. Há a multidão que só quer curas, milagres e solução dos

problemas pessoais e há os que lutam para transformar o mundo, iluminados pela fé em Jesus. Enfrentam sérios problemas e dificuldades, vão com medo, mas procuram segui-lo.

Há também muitos cegos sentados à beira do caminho. Não enxergam, não caminham, ficam à margem, a história passa e eles nada fazem. O cego resume tudo o que vinha acontecendo por todo o trajeto da subida: Jesus fala na humilhação de ser condenado pelas autoridades e de ser morto como um maldito de Deus e, enquanto isso, os Doze, os chefes, estão brigando pela glória do poder.

Mas com a fé em Jesus, reconhecendo a própria cegueira, podem abrir os olhos. Serão capazes de jogar para trás o manto que os cobria, a sua segurança, a própria vida, e, pulando de pé, podem começar a seguir o caminho que passa pelo fracasso da cruz.

23.

O CONFRONTO: A FIGUEIRA SECA

Janela

Depois da entrada triunfal em Jerusalém, Jesus vai ao templo e observa. À tarde sai da cidade, de manhã volta. Vê uma figueira frondosa, mas sem fruto e diz: “Ninguém mais coma fruto teu!”. Expulsa os negociantes do templo e fala ao povo embevecido, enquanto os mestres pensam matá-lo. Sai da cidade. Quando volta na manhã seguinte, a figueira está seca. As autoridades questionam suas atitudes, mas ele as deixa sem resposta (11,1-33).

A comparação da vinha ou lavoura fala dos chefes, que o entendem (12,1-12). Seguem-se discussões com dirigentes e o capítulo 12 termina com a oferta da viúva. Depois vem a fala sobre guerra judaica e a destruição de Jerusalém.

A Comunidade Apostólica

Que significado teria para a comunidade do Evangelho a figueira seca? A figueira bonita, mas sem frutos, lembrava as belas cerimônias do templo, que não resultavam em nada, a não ser em riqueza para os Sumos Sacerdotes. A religião judaica, centralizada no templo, estava acabada. Nem era mais tempo de ela dar frutos. O tempo é agora, o fruto que Deus espera vem agora. A comunidade Cristã são os outros lavradores a quem Deus confia sua vinha (12,9). Aquela instituição tão bem organizada não encontra resposta para Jesus (11,33; 12,12; 12,17; 12,27; 12,34). Os escribas só querem aparecer (12,38-40), enquanto a pobre viúva é símbolo da comunidade. Na sua pobreza, dá o que tem. A guerra judaica, em andamento, com a consequente destruição de Jerusalém (cap. 13) será a morte da figueira frondosa.

As comunidades de hoje

A figueira seca podemos ser também nós hoje, árvore frondosa e bonita que nada produz. Que frutos temos produzido? Quais os resultados práticos de nossa fala de Deus, celebrações caprichadas, demoradas orações e busca de emoções religiosas? Muito proveito para nós mesmos? Ou nossa prática de vida contrasta tanto com este mundo, que nos vemos perseguidos e precisando nos esconder, distantes dos palcos do mundo, vivendo na clandestinidade como Jesus em Jerusalém?

Os frutos que Deus espera são consequências da obediência ao único mandamento, apoiar-se em Deus e amar o próximo (12,28-34). É preciso dar tudo de si como a pobre viúva. Não é a aparência que conta, mas o resultado. Aprender a lição da figueira!

24.

A VITÓRIA: OS DOIS JOVENS

Janela

A narrativa da paixão de Jesus segundo Marcos está emoldurada por duas figuras de jovens. No início, quando Jesus é preso (14,51-52) um jovem o seguia coberto com um lençol sobre o corpo nu. Eles o pegam, mas ele abandona o lençol e foge nu. No final, quando, na madrugada do domingo, as mulheres entram no sepulcro (16,5-6) veem um jovem sentado à direita, vestido de branco. Ele diz que Jesus ressuscitou e que na Galiléia os discípulos poderão vê-lo.

A Comunidade Apostólica

O primeiro jovem, o que deixou o lençol nas mãos dos soldados e fugiu nu, lembra o que se via na comunidade, novos discípulos, animados, querendo seguir Jesus, mas apenas com capa de discípulo como um lençol sobre o corpo nu. O pretexto de seguir Jesus era apenas uma capa a encobrir a nudez do seu vazio. À primeira ameaça de perseguição, na primeira dificuldade, abandonavam tudo. Era símbolo também de todos, pois “todos os discípulos fugiram” (14,50). Jesus fica sozinho. Esse caminho ele o faz sozinho.

O jovem visto pelas mulheres no túmulo não é o anjo de Mateus nem os dois homens de Lucas. É jovem, cheio de vida, está recoberto de branco, a cor da vitória (diríamos hoje com faixa de campeão) e sentado à direita. À direita de que ou de quem o evangelista não diz, seus primeiros leitores entenderam... “Vereis o Filho do Homem...” (14,62). A fé era esta, Jesus venceu, levantou-se, está à direita de Deus e pode ser visto na Galiléia, ou seja, no nosso meio.

As comunidades hoje

Discípulos só de fachada, hoje também se veem. Aliás, a nossa civilização é muitas vezes chamada de cristã. O catolicismo ainda faz parte da cultura brasileira. Batizar, casar na igreja, celebrar as exéquias é tão comum como comer arroz com feijão. Todos o fazem e já não sabem por quê.

Nossa fé na ressurreição pode ser mais esclarecida. A ressurreição de Jesus não é a simples revivescência de um cadáver, nem um espetáculo, um show de pirotecnia. A ressurreição de Jesus significa a vitória da vida sobre a morte, vitória da solidariedade sobre a exploração, vitória da humildade sobre a arrogância. A ressurreição de Jesus significa uma vida nova para a humanidade. A ressurreição de Jesus significa a presença dele no meio dos seus discípulos, iluminando e dando forças.

No Ano B ocorrem algumas passagens do Quarto Evangelho, mais do que nos outros Anos do Lecionário. Por isso, alguma coisa sobre este Evangelho:

JOÃO, O EVANGELHO ESPIRITUAL

Janela

No Evangelho de João ocorrem com frequência perguntas ou pedidos tolos, que demonstram que não se podem entender as palavras e gestos de Jesus ao pé da letra, sem um significado simbólico. É o caso de Nicodemos. Jesus está falando em nascer do alto (no grego *anóthen*) Nicodemos entende ‘de novo’ (no grego também *anóthen*) e

pergunta: “Será preciso, então, ficar pequenino, entrar no ventre da mãe e tornar a nascer?”

Jesus fala de uma água, o seu espírito, que vai matar a sede para sempre, e a mulher pede dessa água para não precisar mais vir à cisterna buscar água.

Jesus diz que devemos comer a carne dele e os judeus perguntam: “Como é que ele vai nos dar a sua carne para comer?”.

Depois do episódio dos pães, o povo vai à procura de Jesus e ele diz: “Vocês estão me procurando porque comeram até matar a fome, não porque viram sinais”. E um pouco mais adiante diz: “É o espírito que dá a vida, a carne não serve para nada, e minhas palavras são espírito e vida.”

As Comunidades Apostólicas

As comunidades que nos deram este Evangelho entenderam Jesus de maneira muito profunda. O que se contava dele eram só as aparências, mas por trás daquelas aparências estava alguém profundamente identificado com Deus, alguém que nem era deste mundo. Seus gestos e palavras escondiam e podiam também revelar a grandeza daquilo que ele vivia.

Para esconder e mostrar a realidade de Jesus, além das perguntas e dos pedidos tolos e ridículos, o Evangelho gosta também de contar uma história que, como história, não tem cabimento. É o caso, por exemplo, das Bodas de Caná: os convidados já embriagados e Jesus lhes arranja mais seiscentos litros de vinho. Queria ver todos caídos de bêbados?

É o caso de episódio dos pães: Jesus sozinho serve pão e peixe para cinco mil senhores sentados, até que todos comam à vontade. E, na ressurreição de Lázaro, quando “o morto saiu de mãos e pés atados e com um pano cobrindo-lhe o rosto”?

Essas, e muitas outras mais, incoerências narrativas querem mostrar que existe alguma coisa mais profunda em cada detalhe deste Evangelho.

As Comunidades hoje

Os grandes mestres dos primeiros séculos da Igreja é que chamaram este Evangelho de Evangelho Espiritual, porque ele deve ser lido de acordo com o espírito, com o significado mais profundo que ele traz. Não devemos buscar nele uma historinha piedosa ou um fato corriqueiro, mas ver em cada frase, em cada palavra, em cada detalhe da narração sinais de alguma coisa bem mais profunda.

Costuma-se dizer, quando se desconfia que por trás de algum acontecimento ou de uma estória confusa há outra intenção ou significado, que “debaixo desse angu (a estória confusa) tem carne”, há alguma coisa mais importante. Assim podemos ler todo o Evangelho de João.

UM EXEMPLO

CANÁ, O ANGU E A CARNE

Mais 600 litros de vinho num casamento de aldeia, quando os convidados (quantos) já estão meio embriagados (v. 10), para quê? “Debaixo desse angu tem carne!”. Essa “carne” é o que temos de procurar debaixo do “angu” das incoerências narrativas.

O ANGU	A CARNE
Incoerências. Coisas que não combinam com fatos históricos, acontecidos tais e quais.	É o simbolismo das coisas e daquilo que é contado. As incoerências (o angu) mostram que o importante é o simbolismo, não o fato.
1. <i>No terceiro dia.</i> Para ir de onde estavam (Jo 1,28.43) até a Galiléia, Jesus e seus primeiros discípulos andaram, em dois dias, mais de cem quilômetros?	Terceiro dia é o dia da Aliança do Sinai (Ex 19,15-16), onde Deus deu a sua Lei escrita em tábuas de pedra. O casamento simboliza a Aliança de Deus com o povo.
2. <i>A mãe de Jesus estava lá, Jesus é convidado com os discípulos.</i> Por que essa diferença? A mãe de Jesus – não diz “Maria” - fazia parte desse casamento?	A mãe de Jesus simboliza o que havia de melhor na Primeira Aliança, é o povo fiel, a esposa do Primeiro Testamento. Ela estava lá, Jesus é convidado com os discípulos.
3. <i>Jesus lhe diz: Mulher, que temos um com o outro?</i> Isso é jeito de um filho falar com a própria mãe? <i>A minha hora não chegou.</i> Que hora é essa?	O de melhor na Primeira Aliança deverá ser a esposa (<i>mulher</i>) da Nova Aliança. Agora, porém, ainda é preciso manter distância. Só “a hora”, a morte de Jesus, vai unir todos (Jo 11,51-52), a “mãe de Jesus” e os novos discípulos (Jo 19,26-27).
3. <i>Diz aos que serviam: Façam tudo o que ele lhes disser!</i> Ela sabia que Jesus ia mandar fazer alguma coisa?	O que havia de melhor na Primeira Aliança passa para a Nova Aliança. Agora não é a Moisés, é a Jesus que se deve obedecer.
4. <i>Estavam ali depositadas seis talhas de pedra dos ritos de purificação dos judeus, cada qual cabendo duas ou três metretas.</i> O que é que essas seis talhas de pedrados rituais de purificação dos judeus estavam fazendo numa casa particular e no meiodo uma festa de casamento? Por que seis? Por que tinham de ser de pedra? Por que estavam vazias?	A Lei de Deus, escrita em tabuas de pedra, tinha se transformado num sistema rigoroso de rituais de purificação sem sentido. Estava vazia. As talhas eram seis, a Primeira Aliança é incompleta, sete é o número completo, a plenitude. Cabiam mais de duas medidas, mas estavam vazias. Precisava encher, realizar a Lei de Deus..
5. <i>Encheram as talhas até em cima... tiraram a água transformada em vinho.</i> Bastou encher as talhas, que apareceu o vinho? Jesus não fez algum gesto como um passe de mágica?	A Primeira aliança, realizada completamente, passa para a Nova. A água sem sabor e sem calor se transforma no vinho da Nova Lei escrita no interior de cada um (Jr 31, 31-34).
6. <i>O chefe do serviço chama o noivo.</i> Que arrogância! Que história é essa? Se ele foi contratado para organizar a festa, não foi exatamente para deixar os noivos em paz? Ele não foi procurar. Não! Mandou chamar o noivo. O noivo tinha alguma coisa a ver com isso? Não era ele o chefe, o encarregado de distribuir comida e bebida? E cadê a noiva?	O noivo que deixou o vinho bom para o final só pode ser Jesus e suas comunidades. O chefe são os chefes do judaísmo quando o Evangelho é escrito. Não querem esse vinho, preferem o sistema antigo. A noiva ou esposa é o que sobrou de melhor da Primeira Aliança, é a “mãe de Jesus”.

Pergunta: A mãe de Jesus disse a ele que “eles” da Primeira Aliança já não tinham o sabor, o calor, o amor do vinho. Hoje será que ela não precisa pedir o mesmo vinho para a nossa Igreja?

OUTRO EXEMPLO
A carne e o angu em Jo 6,1-15

O angu:	A carne:
Jesus em Jerusalém (c.5) atravessa o mar? Sentou com os discípulos, p/ descansar?	Quem atravessou o mar seguido da multidão e, da montanha, trouxe o ensinamento de Deus? Sentado está ensinando.
E a multidão como atravessou?	Páscoa lembra a saída do Egito para a Terra Prometida.
Se ele já sabia o que ia fazer por que perguntou onde comprar pão? Onde arranjaram tantos cestos?	Não é comprando que se resolve o problema da fome. Pão de cevada era o pão dos pobres. 7 = Tudo. Repartindo tudo, sobra. 12 cestos lembram as 12 tribos.
Na Páscoa não deviam ir p/ Jerusalém? Quem descobriu o garoto dos pães?	André lembra <i>andrós</i> homem adulto, senhor. Garoto era sinônimo de serviçal, como “boy”.
Para quê sentar ou reclinar? Não podem comer em pé?	Quem come em pé é o escravo.
Jesus, sozinho, serve pão e peixe p/ cinco mil senhores sentados ou reclinados?	Jesus é o maná, é o alimento da multidão.
Só homens, mulher e criança não havia? Quem tinha os 5 pães e dois peixes?	Agora são todos senhores, ninguém é incapaz, como eram consideradas as mulheres e as crianças.
Jesus já não estava na montanha com a multidão? Como é que ele fugiu sozinho para a montanha?	A 1ª montanha lembra o Sinai, a 2ª, o lugar de oração, de encontro com Deus.

AS MINI HOMILIAS

PRIMEIRO DOMINGO DO ADVENTO

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Is 63,16b-17.19b; 64,2b-7) Nesta Leitura temos uma oração da época da reconstrução de Jerusalém. Apesar de todas as dificuldades, a esperança é grande.

Ouvimos hoje, pensando na chegada de Jesus que celebramos nestes dias.

Salmo (80 [79],2ac-3b.15-16) No Salmo pedimos que Deus cuide do seu povo, que o Salvador venha.

2ª Leitura (1Cor 1,3-9) O Apóstolo dá graças a Deus por tudo de bom que acontece na comunidade. Na verdade, ela se prepara para a vinda de Jesus, para o dia dele, o dia de se realizar a plenitude do reinado de Deus.

TERCEIRO DOMINGO DO ADVENTO

Os textos deste domingo:

1ª Leitura (Is 61,1-2a.10-11) Evangelizar ou levar a boa notícia aos pobres é falar do jubileu, o ano do agrado do Senhor, ano de redividir as terras, de perdoar as dívidas, de libertar os escravos. Essa é a alegria da boa notícia que é Jesus.

Salmo (Lc 1,46-50.53-54) Com o cântico de Maria, celebramos a boa notícia que Jesus traz para os pobres.

2ª Leitura (1Ts 5,16-24) Aqui temos os conselhos finais de Paulo na sua carta à comunidade cristã de Tessalônica. Apesar das dificuldades vividas por aquele grupo de trabalhadores braçais, as palavras são de coragem e ânimo.

3ª L. Evangelho (Jo 1,6-8.19-28) O Evangelho ainda fala de João Batista. Pensavam que seria ele o Messias esperado. Ele não aceita ser nenhum daqueles que eles esperavam. É apenas uma voz.

HOMILIA

A Realidade

Uma tentação que atinge todo agente de pastoral, toda pessoa que tem alguma atuação ou função na Igreja, é a de o agente se colocar no lugar de Cristo. Achar que somos nós o caminho da salvação, que ninguém e nada deixe de passar por nós, que nós, somente nós, temos de aparecer, brilhar e fazer sucesso. É preciso cuidado para que a própria imagem não acabe ofuscando a de Cristo ou tomando o seu lugar, até fisicamente, numa sala, numa casa ou até numa igreja.

A Palavra

João Batista marcou tanto, que, sessenta anos após sua morte, ainda havia quem pensasse que o Messias enviado por Deus seria ele e não Jesus. Mas, segundo o Evangelho de João, ele não assumiu o papel que lhe atribuíam, não caiu na tentação, disse com toda a clareza não ser ele o Messias.

Segundo antigo costume que aparece no capítulo 25 do Deuteronômio e no livro de Rute, o cunhado da viúva sem filhos deve se casar com ela. Se ele se recusar, precisa tirar as sandálias (Dt 25,9 e Rt 4,8-9), para que outro ocupe o seu lugar, venha a pisar onde ele pisava. João nunca quis ocupar o lugar de Jesus, não achou que poderia ser ele o noivo ou esposo.

No capítulo 3 (vv. 28-29) deste Evangelho, João confirma o que diz aqui e completa: “Quem recebe a noiva é o noivo, mas o amigo do noivo, que está presente e o escuta, enche-se de alegria quando escuta a voz do noivo. Essa é a minha alegria e ela ficou completa. É necessário que ele cresça e eu diminua.”

A alegria do Natal é a da boa notícia para os pobres e sofredores deste mundo, como afirma a Primeira Leitura. O ano do agrado do Senhor é o do jubileu, quando os endividados eram perdoados, os escravizados eram libertos e as terras eram redivididas.

O Mistério

A cobiça do poder e do primeiro lugar estão na raiz de todos os males da humanidade. E essa cobiça está profundamente enraizada no ser humano. O Salvador deve vencer a cobiça.

Na Eucaristia celebramos o momento em que Ele se entrega à mais humilhante das mortes, para servir, para lavar os pés da humanidade. A partilha de si, significada no pão partido e no vinho por todos consumido, é o ponto de partida para um mundo salvo, para uma nova humanidade. E na mesa comum celebramos a chegada.

+++++

QUARTO DOMINGO DO ADVENTO

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (2Sm 7,1-5.8b-12.14a.16) O episódio revela a esperança de um governo legítimo - de um descendente de Davi – um governo bom e estável. Para o Evangelho e para nós, Jesus é quem realiza as melhores esperanças.

Salmo (89 [88],2-5.27.29) No Salmo cantamos a esperança no filho de Davi. Em Jesus essa esperança se torna realidade.

2ª Leitura (Rm 16,25-27) Terminando sua longa carta aos romanos, Paulo fala do projeto de Deus, que era totalmente desconhecido, mas que se tornou conhecido em Jesus.

3ª L. Evangelho (Lc 1,26-38) No Evangelho de São Lucas o anúncio do nascimento de Jesus é feito a Maria, mulher, jovem, pobre e da roça. Seu filho realizará as melhores esperanças dos mais humildes do seu povo e da humanidade toda.

HOMILIA

A Realidade

Por causa da crise, este Natal não será tão bom como o dos anos anteriores. É o que diz a televisão. Natal vale pelo consumo que provoca. Isso, porque consumo provoca produção e produção promove riqueza. Riqueza é o valor maior, acima de todos os outros, é o objetivo de todos e de tudo.

São Francisco inventou o presépio para lembrar o nascimento pobre de Jesus. A ternura do presépio fez do Natal uma grande festa. Uma grande festa é oportunidade de consumo. Quem quer vender, usa a festa. Mas o menino do presépio é muito pobre, não consome nem ajuda a consumir. Por isso ele é aposentado e dá lugar ao papai Noel.

A Palavra

No Evangelho de hoje o anúncio do nascimento de Jesus é feito a Maria, mulher, jovem, pobre e de uma aldeia desprezada. Ao contrário do que ocorria naquela sociedade machista, é ela quem dá nome ao filho. Além disso, o anjo explica como será tudo e fica esperando a decisão dela. Hoje, quem é mulher, jovem, pobre e da roça tem direito a dar alguma decisão?

Seu filho realizará as melhores esperanças da humanidade toda. Seu nome significa ‘Deus salva’ e ele é apresentado como grande rei, que vai governar para sempre. Ele realiza as esperanças depositadas num filho, uma dinastia ou uma “casa”, prometido a Davi, que pensava construir uma casa para Deus (1ª. Leitura).

Maria não está pensando em grandeza. Já na saudação, fica embaraçada, calculando o que significariam aquelas palavras dirigidas a ela, tão pequena. Depois do anúncio, não pensou nas grandezas de seu possível filho. O evangelista dá a entender que ela tinha o propósito de se manter virgem. Isso era importante para ela, isso ela considerava um apelo de Deus, mais válido do que a aparição de um mensageiro do céu. O projeto de Deus (2ª. Leitura) é salvar através do pequeno, o que é incompreensível para os homens, mas revelado em Jesus, o Messias crucificado.

O Mistério

A pequenez da Missa mostra o mistério (projeto sigiloso de Deus) que se celebra. Celebramos a salvação que não vem da riqueza nem do consumo, mas da pequenez e da obscuridade de Nazaré. Celebramos o que para uns é tolice para outros, um absurdo, o

fracasso da cruz que faz a partilha no meio de um mundo “dividido em contínua discórdia”.

+++++

NATAL DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

Os textos bíblicos desta solenidade:

Missa da noite:

1ª Leitura (Is 9,1-6) Para Isaías, a saída do cativeiro é como uma luz que brilha na escuridão. Hoje, Jesus é a luz a brilhar na noite da humanidade, que ainda carrega o peso de um cativeiro sempre renovado.

Salmo (96 [95],1-3.11-13) No Salmo cantamos a salvação que chega para a humanidade toda.

2ª Leitura (Tt 2,11-14) As palavras atribuídas a Paulo falam da ternura de Deus que se revela no presépio. A mansidão de Deus ajuda a vencer a nossa arrogância.

3ª L. Evangelho (Lc 2,1-14) Jesus nasceu na extrema pobreza e foi anunciado como salvador dos pobres pastores. Nasceu no meio da história humana, marcada, então, pelas datas dos poderosos do mundo. Hoje os anos se contam pelo nascimento desse pobre menino.

Missa da manhã

1ª Leitura (Is 62,11-12) As esperanças do povo que voltava do cativeiro se concentravam na reconstrução de Jerusalém. Hoje nossas esperanças estão na chegada de Jesus.

Salmo (97 [96], 1.6.11-12) Nas palavras do Salmo celebramos nossa esperança com a chegada de Jesus.

2ª Leitura (Tt 3,4-7) As palavras da Leitura falam da ternura de Deus que se revela em nossa vida, a começar do nosso Batismo. Hoje ela se mostra no nascimento de Jesus.

3ª L. Evangelho (Lc 2,15-20) Os pastores eram pobres e rejeitados. Os anjos lhes anunciaram o nascimento de um salvador para eles. Seria um menino recém-nascido, não num berço de ouro, mas num estábulo. A gente acreditaria?

Missa do dia

1ª Leitura (Is 52,7-10) As palavras do Livro de Isaías anunciam ao povo de Israel a saída do cativeiro. Hoje, anunciam a chegada da salvação para a humanidade inteira.

Salmo (98 [97],1-6) No Salmo cantamos a salvação que nos chega com Jesus.

2ª Leitura (Hb 1,1-6) O que vamos ouvir foi escrito para judeus cristãos. Eles valorizavam muito a Bíblia. Mas Deus nos fala ainda hoje e fala através de Jesus.

3ª L. Evangelho (Jo 1,1-18) Para o Evangelho de João, aquele que, segundo Lucas, nasceu na mais extrema pobreza humana é a Sabedoria eterna de Deus que nos vem fazer filhos de Deus.

HOMILIA

EPIFANIA DO SENHOR

Os textos bíblicos desta solenidade:

1ª Leitura (Is 60,1-6) No poema que vamos ouvir, o profeta anuncia a esperança da reconstrução de Jerusalém. Fala do povo, que vem dos lugares mais distantes, trazendo as riquezas dessas nações. Lido hoje, esse poema lembra a visita dos Magos a Jesus. Salmo (72[71], 1-2.7-8.10-13) Cantando o Salmo, pensamos na visita dos Magos ao Menino Jesus.

2ª Leitura (Ef 3,2-3a.5-6) Nesta leitura encontramos o principal significado da festa de hoje: Deus chama todas as nações do mundo à salvação que vem por meio de Jesus Cristo.

3ª L. Evangelho (Mt 2,1-12) O episódio que vamos ouvir é o motivo da festa de hoje. Pensar no seu significado: Os de casa tinham a Bíblia para entender quem era Jesus, mas ficam apavorados. Os de longe vêm prestar-lhe homenagem, vêm adorá-lo.

HOMILIA

A Realidade

Ghandi morou na África do Sul, onde a discriminação era oficial. Quem não tinha a pele clara de um europeu não podia andar na calçada, não podia viajar de primeira classe e ainda tinha documento de identidade diferente do dos brancos.

Ghandi preparou um grupo de negros e indianos como ele para fazer uma fogueira pública desses documentos, prontos para não reagir, caso chegasse a polícia. A polícia veio, eles foram agredidos e não agrediram, mas continuaram colocando no fogo seus documentos.

Na Índia, conseguiu mobilizar todo o povo contra o domínio da Inglaterra.

Conquistaram a liberdade, vítimas que assimilavam as agressões. Ele dizia: “Vocês, cristãos, que têm o Evangelho, não o põem em prática. Se o fizessem, o mundo seria outro!”

A Palavra

O episódio dos Magos é o motivo da festa de hoje. Seu pano de fundo é a Primeira Leitura.

Pensar no seu significado: Os de casa, Escribas, Sacerdotes e Herodes, têm a Bíblia para entender quem era Jesus, mas ficam apavorados com a notícia do seu nascimento. Os de longe, os Magos, vêm prestar-lhe homenagem, vêm adorá-lo.

A comunidade que nos deu este Evangelho certamente viveu essa experiência. Eram cristãos judeus, mas devem ter visto muitos não-judeus procurando a fé cristã com maior entusiasmo do que muitos judeus. Hoje, os Magos são os não-cristãos como Ghandi, que vivem o Evangelho melhor do que nós.

A Segunda Leitura nos dá o principal significado desta festa: Deus chama todas as nações do mundo à salvação que vem por meio de Jesus Cristo. Não somos senhores da Palavra de Deus nem da salvação.

Todos são chamados e são capazes de descobrir os sinais de Deus em qualquer acontecimento ou fenômeno da natureza. Os Magos viram, numa estrela diferente que encontraram no céu, um aviso do nascimento de Jesus. E responderam ao chamado.

O Mistério

Epifania é Jesus que se manifesta como Salvador de todas as nações. O pecado, a cobiça de glória e poder, é um mal universal. É o que destrói o nosso mundo. Na Eucaristia celebramos Jesus que se manifesta ao mundo e, em vez de cobiçar, dá o sangue por

todos, livrando a humanidade da cobiça que se chama pecado. É o cordeiro que tira o pecado do mundo.

+++++

BATISMO DO SENHOR

Os textos desta festa:

1ª Leitura (Is 42,1-4.6-7) No episódio do Batismo de Jesus, a descida do Espírito Santo e a voz do céu lembram este e outros três poemas ou cânticos do Servo de Javé. Quer dizer que Jesus veio realizar completamente o que está naqueles cânticos.

Salmo (29[28], 1a.2-4.9b-10) O Salmo canta a grandeza de Deus na tempestade. Aqui celebra sua manifestação no Batismo de Jesus.

2ª Leitura (At 10,34-38) A leitura que vamos ouvir resume as primeiras pregações dos Apóstolos. A trajetória de Jesus começa quando, companheiro dos pobres e dos pecadores, ele se faz batizar por João.

3ª L. Evangelho (Mc 1,7-11) O Evangelho nos diz que Jesus começou por baixo, fazendo-se discípulo de João. O céu se abriu. Se estava calado, Deus volta a falar. A voz do céu faz a ligação com a primeira leitura, Jesus é o Servo que salva.

HOMILIA

A Realidade

O Papa João XXIII falava em reconhecer os sinais dos tempos, dizia que através dos acontecimentos e das situações Deus nos fala. Reconhecer os sinais dos tempos é o mesmo que ouvir a Palavra de Deus na vida, o outro livro no qual Deus nos fala, segundo Santo Agostinho.

Cardjin, o fundador da JOC, criou o método VER-JULGAR-AGIR. A observação de um fato, suas causas e consequências, o que tem de bom e de mau, com a busca da mensagem da Bíblia, leva a descobrir o que Deus diz nos acontecimentos. Ensina a ler o livro da vida e a responder aos seus desafios.

A Palavra

No Batismo de Jesus, a descida do Espírito Santo e a voz do céu lembram este e os outros poemas do Servo Sofredor, do livro de Isaías. Isso quer dizer que Jesus veio realizar plenamente o que diz a Primeira Leitura de hoje.

O Evangelho nos diz que Jesus começou por baixo, fazendo-se discípulo de João. A voz do céu faz a ligação com a primeira leitura, Jesus é o Servo que salva através da pobreza, do sofrimento, da perseverança e da resistência.

Jesus, que vem pedir o batismo de João no meio dos pobres e pecadores, é aquele que batiza com o Espírito Santo. É ele que batiza não só o propósito do homem de mudar de mentalidade, mas mergulha também na força de Deus, na graça, no Espírito de Deus.

O céu se abriu. Se lhe tinham fechado a boca, Deus volta a falar. Os mestres judeus diziam que a revelação estava terminada, Deus já disse o que tinha a dizer. O céu está fechado. Não há mais profecia, ninguém mais fala em nome de Deus. Todos deviam procurar a interpretação da Bíblia, de que eles eram os mestres. Todos são cegos e os mestres fariseus são os guias.

Em Jesus Deus fala novamente. Fala através dos acontecimentos, fala àqueles que têm os olhos abertos para a realidade e a sabem analisar à luz do Evangelho. Fala a qualquer um que saiba ler os sinais dos tempos.

O Mistério

O agrado de Deus está em Jesus, o servo sofredor, também nos diz o Evangelho de hoje. Celebrar a entrega que ele faz da própria vida para nos libertar da cobiça é agradar a Deus, é louvar o Pai. A Eucaristia, que conta com a nossa participação, unidos pelo Espírito Santo, é o nosso grande louvor, honra e glória ao Pai, por Ele, com Ele e nEle.

+++++

QUARTA FEIRA DE CINZAS

Os textos bíblicos desta comemoração:

1ª Leitura (Jl 2,12-18) Num momento extremamente difícil para a vida do povo, o profeta convoca todos para um jejum e penitência coletivos. Se não houver penitência, arrependimento, mudança de vida, nada muda. Quem sabe Deus ajuda...

Salmo (51 [50], 3-6a.12-14.17) Começamos a quaresma reconhecendo o pecado e pedindo perdão.

2ª Leitura (2Cor 5,20-6,2) Paulo defende o seu ministério, que é de reconciliação, de volta ao caminho. Suas palavras nos despertam para aproveitar bem o tempo da quaresma.

3ª L. Evangelho (Mt 6,1-6.16-18) Jejum, esmola e oração são práticas muito antigas, mas ainda muito necessárias hoje como austeridade, pensar no outro e intimidade com Deus. Jesus insiste nelas. Sem elas não se vive a fé, nem acontece a Campanha da Fraternidade.

HOMILIA

A Realidade

Estamos saindo do carnaval. Poucas vezes se ouviu aconselhar moderação. Pensar no outro, nem pensar. E voltar o pensamento para Deus? Carnaval, aliás, parece ser o momento de esquecer tudo isso. Depois é contabilizar os prejuízos e os lucros, só isso. A quarta-feira de cinzas e a quaresma tinham um sentido mágico que vai desaparecendo. Ninguém mais crê que quem não recebe as cinzas vira lobisomem durante a quaresma. Não acontece mais de alguém pedir as cinzas ‘na goela também’, por causa de uma espinha de peixe na garganta. Onde andarás o sentido das cinzas e da quaresma?

A Palavra

Na primeira Leitura, num momento extremamente difícil para o povo, o profeta convoca todos para um jejum e penitência coletivos. Se não houver penitência, mudança de mentalidade, nada muda. Quem sabe Deus ajuda...

Na segunda Leitura, Paulo defende o seu ministério, que é de reconciliação, de volta ao caminho. Suas palavras nos despertam para aproveitar bem o tempo da quaresma.

O Evangelho lembra que jejum, esmola e oração são práticas muito antigas, mas hoje ainda muito necessárias, como austeridade, pensar no outro e busca de Deus. Jesus insiste nelas. Sem elas não se vive a fé nem acontece a Campanha da Fraternidade.

A insistência maior é no praticar o jejum, a esmola e a oração, apenas diante de Deus, esperando só por ele ser recompensado. Mas é extremamente importante lembrar o que significam estas três práticas hoje.

Numa sociedade governada pela economia, o consumo desenfreado é peça importantíssima da engrenagem econômica. Falar em jejum, moderação, é remar contra a corrente. O que melhor contribui para um mundo de igualdade? Será o consumismo ou a moderação?

A esmola, o pensar no outro, é que motiva o jejum, a moderação. E não é a oração, a busca de Deus, não de mim mesmo, que sustenta tudo isso?

O Mistério

Ao receber as cinzas fomos convidados à conversão, à mudança de mentalidade. *Converte-te e crê no Evangelho*. Mudar a cabeça feita pelo deus Mercado e comprometer-se com a boa notícia de que o pobre humilhado na cruz é a salvação da humanidade.

Na Eucaristia celebramos exatamente o momento em que ele se entrega àquela morte e a humanidade nova que pobremente partilha da mesma mesa.

+++++

PRIMEIRO DOMINGO DA QUARESMA

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Gn 9,8-15) O mundo começou num paraíso, segundo a Bíblia. Aí o ser humano e a natureza estão em completa harmonia. Agora, depois do dilúvio, o mundo começa novamente, deve ser um novo paraíso. Vamos observar isso na leitura Salmo (25 [24], 4-9) Pedimos no Salmo que Deus nos mostre os caminhos da sua aliança.

2ª Leitura (1Pd 2,18-22) A carta é escrita a cristãos de condição humilde, escravos e estranhos no lugar onde viviam uma situação sem saída e sem explicação. Nada a fazer? Não. Foi no sofrimento que Jesus salvou a humanidade. Ouçamos.

3ª L. Evangelho (Mc 1,12-15) Jesus se prepara para a missão com uma quaresma, quarenta dias de jejum e provação. Depois vai dizer ao mundo que precisa mudar de mentalidade e acolher a boa notícia.

HOMILIA

A Realidade

Ouve-se muito frequentemente em nosso meio a palavra evangelizar. Que será que as pessoas entendem por isso? Ensinar religião às pessoas? Ajudar as pessoas a conhecerem melhor a Bíblia, os Evangelhos? Doutrinar? Ensinar às pessoas as normas, hábitos e costume religiosos dos católicos? O que será que é mesmo “evangelizar”?

A Palavra

O mundo começou num paraíso, segundo a Bíblia. Aí o ser humano e a natureza estão em completa harmonia. Agora, depois do dilúvio, o mundo começa novamente, deve ser um novo paraíso. É o que ouvimos na primeira Leitura.

A carta de Pedro, a segunda Leitura, foi escrita a cristãos de condição humilde, escravos e estranhos no lugar. Viviam uma situação sem saída e sem explicação. Nada a fazer? Não. Foi no sofrimento que Jesus salvou a humanidade.

No Evangelho, Jesus se prepara para a missão com quarenta dias de jejum e provação. O deserto antecipa o Paraíso, ali ele convive pacificamente com as feras. Depois ele vai dizer ao mundo que precisa mudar de mentalidade e acolher a Boa Notícia.

A quaresma de Jesus, como também deve ser a nossa, é um tempo de provação e de preparação para Evangelizar. Evangelizar é noticiar a Terra Prometida, agora chamada de reinado de Deus. Os quarenta dias de deserto e provação lembram também os quarenta anos de deserto do povo que buscava a Terra Prometida.

A pregação de Jesus se resume em pouca coisa: Está na hora do reinado de Deus, chega de reinado dos cézares, do dinheiro ou do mercado! Mas é preciso mudar a cabeça, fazer uma *metanoia*, uma mudança de mentalidade, e crer, acolher, comprometer-se com a Boa Notícia. Se a gente não acredita, ela não acontece! Evangelizar é anunciar a Boa Notícia.

Qual é a Boa Notícia? É a notícia de que o reinado de Deus está chegando, deve chegar o mais rápido possível. O reinado de Deus é o oposto do que hoje governa o mundo. Para mudar é preciso acreditar.

O Mistério

Celebramos na Eucaristia, a reviravolta que acontece na história da humanidade. O fracasso da cruz é a glória, é a salvação. Se queremos e esperamos uma nova humanidade solidária na comunhão, é preciso inverter os esquemas, passar pela humilhação e entrega de si mesmo para ser partilhado como o Pão.

+++++

SEGUNDO DOMINGO DA QUARESMA

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Gn 22,1-2.9a.10-13.15-18) A narrativa do sacrifício de Abraão foi escrita mais de mil anos depois da época dos personagens. Só pode ter um valor simbólico. Para nós cristãos lembra a morte e ressurreição de Jesus.

Salmo (116 [114-115], 10.15-17) Colocamos as palavras do Salmo nos lábios de Jesus.

2ª Leitura (Rm 8,31b-34) Para Paulo a fé no crucificado-ressuscitado como Salvação da humanidade é tudo. Tendo falado desta fé, ele reafirma a sua confiança no que crê.

3ª L. Evangelho (Mc 9,2-10) Jesus já falou e vai falar novamente da sua paixão. Aqui o Evangelho coloca a transfiguração. A morte humilhante de Jesus não é o fim, depois vem a ressurreição. Tudo está na Bíblia, Moisés, a Lei e Elias, os Profetas. Mas os discípulos não querem ouvir.

HOMILIA

A Realidade

Hoje, falar de sacrifício, austeridade, moderação, está fora de moda, já não cola. Parece que o que importa sempre é curtir, aproveitar a vida, buscar todo o tipo de conforto e prazer. Privar-se conscientemente disso parece absurdo e sem sentido.

Por outro lado, um casal, por exemplo, que se privou de muitas coisas para ver o filho formado, quando participa dessa formatura não se sente inteiramente recompensado por todas as privações a que se submeteu?

Quando é que o sacrifício vale a pena?

A Palavra

A narrativa do sacrifício de Abraão, objeto da Primeira Leitura de hoje, foi escrita mais de mil anos depois da época dos personagens. Só pode ter um valor simbólico. Para nós cristãos, ela lembra o sacrifício e a vitória, a morte e ressurreição de Jesus.

Para Paulo a fé no crucificado-ressuscitado como Salvação da humanidade é tudo. Tendo falado desta fé, ele reafirma, na Segunda Leitura, a sua confiança naquele em quem ele crê, no amor de Jesus que, morto ressuscitado, está ao lado de Deus.

Jesus falou e vai falar aos Apóstolos de sua morte humilhante de cruz, assunto que eles não querem ouvir. Nesse ponto o Evangelho coloca a transfiguração. Ela vem dizer que a cruz não é o fracasso total, não é o fim, em seguida vem a ressurreição. Tudo está na Bíblia, Moisés (a Lei) e Elias (os Profetas) conversam sobre isso com Jesus.

Pedro apenas vê Jesus ao lado dos grandes personagens, quer uma tenda para cada um. Não entendeu que Jesus, em sua morte e ressurreição, é o centro, é o ponto de chegada da Lei e dos Profetas.

A voz do céu manda ouvir Jesus, o que os Apóstolos não faziam. E diz que Jesus é o querido Servo Sofredor de quem falam 4 poemas do livro de Isaías, aquele que vence a violência com a não-violência, vence a opressão sendo vítima resistente e calada da opressão.

Os Apóstolos continuam não entendendo a morte que leva à ressurreição, preferem discutir a pôr em prática.

O Mistério

Anunciamos a morte do Senhor e celebramos a sua ressurreição até que ele venha. A missa nos lembra sempre que esse é o caminho, essa a esperança, essa a chegada de um mundo que busca paz e segurança, mas ainda não encontrou o verdadeiro caminho, o da doação de si mesmo.

+++++

TERCEIRO DOMINGO DA QUARESMA

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Ex 20,1-17) A Leitura nos traz os dez mandamentos, a lei de Deus, que nos ensina a viver como verdadeiros irmãos. A lei do dinheiro é outra, é cobiçar, é cada um para si e o mais fraco que se dane. Qual das duas leis nos governa?

Salmo (19 [18],8-11) Cantamos no Salmo os benefícios e valores da lei de Deus.

2ª Leitura (1Cor 1,22-25) Alguns em Corinto olhavam os pregadores do Evangelho em termos de competição. Quem é melhor orador? Quem demonstra maior conhecimento? Paulo diz que isso não combina com a mensagem, que é a cruz.

3ª L. Evangelho (Jo 2,13-25) Jesus vai ao Templo, mas, em vez de oração, encontra lá um grande negócio. Reage com indignação. A consequência será a sua morte. Mas aí é que ele vai se tornar o verdadeiro Templo, o lugar de encontro com Deus.

HOMILIA

A Realidade

Você já viu alguma Igreja onde o assunto principal é dinheiro, onde tudo vira negócio? Não! Isso não existe! E os programas religiosos na TV? Observe bem. Que atitude caberia a gente tomar diante de uma coisa assim?

As instituições religiosas são consideradas perante o poder público como um agente econômico, são organizações que prestam serviços religiosos procurados por aqueles que nelas acreditam e por eles pagam. Como agente econômico, a organização religiosa entra na legislação fazendária e, para muitos, na guerra do mercado.

A Palavra

A 1ª. Leitura de hoje traz os dez mandamentos. Eles ensinam a viver em solidariedade, como verdadeiros irmãos. A lei do dinheiro é outra, é cobiçar e competir, é cada um para si e o mais fraco que se dane. Essa é a lei do Senhor Mercado que governa o nosso mundo.

Alguns em Corinto (2ª. L.) viam os pregadores do Evangelho em termos de competição. Qual o melhor orador? Quem demonstra maior conhecimento? Paulo diz que isso não combina com a mensagem da salvação pela cruz. Para os gregos, os pais da filosofia, cruz é uma refinada asneira. Para os judeus é maldição de Deus (Dt 21,22-23), um escândalo dizer que um crucificado seja enviado de Deus.

Jesus vai ao Templo. Em vez de oração, encontra lá um grande negócio. Reage com indignação. A consequência será a sua morte. Mas aí é que ele vai se tornar o verdadeiro Templo, o lugar do verdadeiro encontro com Deus.

Os discípulos pensam que ele está preocupado com a profanação do lugar sagrado, que ele quer purificar o Templo dos judeus. Não. Aos chefes judeus ele diz: “Destruam este Santuário, que em três dias eu o reconstruo novamente!”. O Evangelho explica: Ele falava do Santuário que é a sua pessoa. Ele é agora lugar de encontro com Deus. Aquele Templo, transformado em esconderijo de ladrões, agora nada mais vale.

O Mistério

Agora, o encontro com Deus através dos sinais. Mistério é Sacramento e Sacramento é sinal. Celebramos o Santuário de Deus, Jesus, destruído e reconstruído. Ele morre, mas está vivo. Na sua morte ele destrói o antigo lugar, transformado em fonte de lucro e exploração. Ele destrói a cobiça que tudo encharca, tira o pecado do mundo, e abre as portas da vida.

+ +

QUARTO DOMINGO DA QUARESMA

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (2Cr 36,14-16.19-23) A Leitura dá-nos esta interpretação dos acontecimentos: os sofrimentos do povo são o castigo previsto pelos profetas, o momento bom também foi previsto pelos profetas. Em tudo Deus está presente.

QUINTO DOMINGO DA QUARESMA

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Jr 31,31-34) O povo estava numa situação muito dura e difícil. Via tudo como consequência da infidelidade à aliança, à lei de Moisés. O profeta anuncia a restauração e uma nova aliança, escrita não na pedra, mas no interior de cada um.

Salmo (51 [50], 3-4.12-15) No Salmo reconhecemos nosso pecado e pedimos que a força de Deus nos transforme por dentro.

2ª Leitura (Hb 5,7-9) Será que tendo sofrido morte tão humilhante Jesus salvou mesmo a humanidade? Assim se perguntavam alguns cristãos judeus. Aqui temos a resposta.

3ª L. Evangelho (Jo 12,20-33) Os gregos, os não-judeus, também querem ter contato com Jesus. A resposta é que a morte de Jesus salva a humanidade toda. Quando pensam que o estão condenando, ele é que está condenando o que governa o mundo.

HOMILIA

A Realidade

Onde está a salvação? Como tornar possível uma vida mais feliz para todos “assim na terra como no céu”? O comunismo, ou socialismo totalitário, pretendeu impor a igualdade. O povo, sem liberdade, era explorado pela burocracia governamental. Foi desfeito com a maior facilidade. O capitalismo diz que é a cobiça e a competição que vão criar um mundo feliz para todos. Estamos vendo, o contrário é que acontece. As desigualdades só aumentam, a competição vira uma guerra desenfreada, a violência domina o mundo. Haverá outro caminho?

A Palavra

O povo estava numa situação muito dura e difícil. Via tudo como consequência da infidelidade à aliança, à lei de Moisés. O profeta, na Primeira Leitura, anuncia a restauração e uma nova aliança, uma nova Lei, escrita não na pedra, mas no interior das pessoas.

Será que, sofrendo morte tão humilhante, Jesus coloca a humanidade toda no caminho da vida e da salvação? Assim se perguntavam alguns cristãos judeus. Na Segunda Leitura temos a resposta. Obediência, obedecer é responder ao apelo de Deus para o momento, é fazer o que me pede, em cada circunstância, o mandamento único do amor ao próximo.

No Evangelho os gregos, os não-judeus, também querem ter contato com Jesus. Os judeus imaginavam que a salvação fosse só para eles. Mas outros também querem se aproximar de Jesus. A morte de Jesus salva a humanidade toda. A glória dele é esta, mostrar que a vida nasce da morte, que a vitória vem do fracasso, que a salvação vem do sacrifício de si em favor dos outros.

Ao entregar a própria vida, Jesus condena o mundo governado pela arrogância, pela cobiça e pela competição. Na paixão segundo João, parece que é Jesus, não Pilatos, que senta na cadeira de juiz, ao tribunal. É agora o julgamento deste mundo. Quando pensa que o está condenando, é ele, Jesus, vestido como rei de palhaçada, que condena este mundo.

O Mistério

Nada melhor do que a Ceia do Senhor condena o pensamento e as desigualdades deste mundo. Em Corinto (1Cor 11,17-34) um grupinho de poderosos, importantes e sábios

estava usando o momento da Ceia para humilhar a maioria pobre, sem nome e sem estudo. Paulo diz: “Cuidado para não serdes condenados com este mundo!”.

+++++

RAMOS A PÁSCOA

São muitos os textos bíblicos indicados para esta Semana Maior. Preferimos dar apenas uma breve indicação ou comentário de cada texto, sem desenvolver para cada dia nossa reflexão costumeira, que parte da Realidade e chega ao Mistério celebrado. Os textos e os temas desses dias são tão densos que o leitor não precisará dessa ajuda para percorrer ele mesmo esse caminho.

DOMINGO DE RAMOS

Procissão

Evangelho (Mc 11,1-10) A entrada de Jesus em Jerusalém lembra o Profeta Zacarias. Ele anunciava um governante que viria, não montado em um cavalo, o animal de guerra, nem com armas na mão, mas desarmado, manso e humilde. Viria montado num jumento, o animal pequeno e resistente do trabalho de todo o dia.

Missa da Paixão

1ª Leitura (Is 50,4-7) Vamos ouvir trecho de um poema escrito cerca de quinhentos anos antes de Cristo. Fala de alguém que vence a violência, sendo vítima da violência e resistindo, sem praticar violência e sem se sentir derrotado. Vemos a realização disso em Jesus.

Salmo (22 [21],8-9.17-18a. 19-20.23-24) O Salmo é a oração de alguém que viu a morte de perto, mas salvou-se e agradece a Deus. Nós o cantamos pensando em Jesus.

2ª Leitura (Fl 2,6-11) Segundo Paulo, Adão era imagem ou aparência de Deus, mas quis roubar a igualdade total com Deus. Jesus vence o orgulho e a ganância de Adão, fazendo-se escravo de todos e aceitando a humilhação máxima, a morte de cruz.

3ª L. Evangelho (Mc 14,1-15,47) Este ano lemos a Paixão de Jesus segundo Marcos. Esse Evangelho foi escrito muito próximo da revolução contra Roma. Os revolucionários eram chamados de “bandidos”. Várias vezes o evangelista fala nos “bandidos”. O evangelista tem no pensamento os quatro poemas do livro de Isaías, os Cânticos do Servo do Senhor, que falam de um justo e inocente que sofre e é massacrado exatamente por ser justo. Ele, porém, resiste, fica firme, até que os opressores reconheçam que eles é que são pecadores e ele pagava pelo pecado deles. Ele vence pela firmeza e coerência diante das violências sofridas.

TRÍDUO SAGRADO QUINTA FEIRA SANTA

Missa do Crisma

1ª Leitura (Is 61,1-3a.6a.8b-9) A nação tinha sido destruída no exílio da Babilônia. Agora o profeta vê a restauração como um jubileu, ano do agrado do Senhor, momento de recuperar os que tinham sido massacrados. O Ungido fará isso.

Salmo (89 [88], 21-22.25.27) Cantamos o unguido Davi e, com ele, todos os ungidos, Cristo e os cristãos.

2ª Leitura (Ap 1,5-8) João, no Apocalipse, fala a pequenas e pobres comunidades cristãs que parecem um nada diante do poder do Império. Somos um reino de sacerdotes. E diante de Jesus, o crucificado, os poderosos têm de bater no peito.

3ª L. Evangelho (Lc 4,16-21) Jesus se apresenta como o Ungido que vem realizar as palavras da primeira leitura. Vem proclamar a Boa Notícia para os pobres, ou seja, o Ano do Jubileu: libertação dos escravos, perdão das dívidas e re-distribuição das terras.

Missa vespertina da Ceia do Senhor

1ª Leitura (Ex 12,1-8.11-14) A páscoa dos judeus, como lemos aqui, inclui a morte de um cordeiro. Seu sangue será garantia de que não haverá morte naquela casa e, enquanto os egípcios choram os seus mortos, o povo escravo foge do cativo.

Salmo (116B [115], 12-13.15-16bc.17-18) Cantamos no Salmo a alegria da libertação.

2ª Leitura (1Cor 11,23-26) Em Corinto os poucos ricos e importantes estavam usando a celebração da Ceia do Senhor para humilhar a maioria pobre. Paulo lembra que o significado do pão partido é o da humilde entrega que Jesus faz de si mesmo

3ª L. Evangelho (Jo 13,1-15) O significado do Lava-pés não é simplesmente de humildade. É o do amor capaz de dar a vida em favor dos outros. Não é um exemplo, é um novo paradigma: Agora ser Mestre e Senhor é abaixar-se diante do outro, lavar-lhe os pés, dar a vida por ele.

Solene Ação Litúrgica da Sexta Feira Maior

1ª Leitura (Is 52,13-53,12) Vamos ouvir um poema que fala de alguém que, sofrendo violência, acaba com a violência. No início e no final é Deus quem fala. No restante, falam os opressores. Eles reconhecem que mereciam o castigo que o justo padece. Jesus realiza plenamente essas palavras.

Salmo (31 [30],2.6.12-13.15-17.25) Colocamos nos lábios de Jesus as palavras do Salmo, oração de um sofredor.

2ª Leitura (Hb 4,14-16; 5,7-9) Alguns, com saudade do antigo templo e dos antigos sacerdotes, estavam desistindo da fé cristã. Aqui Jesus é apresentado como o maior de todos os sacerdotes. Mas ele chegou aí pela cruz, único caminho de salvação.

3ª L. Evangelho (Jo 18,1-19,42) Na paixão segundo João é de se notar a altivez de Jesus, sempre de cabeça erguida e tomando todas as iniciativas. Como ele disse: “Ninguém me tira a vida, eu a dou por mim mesmo!”. Além disso, aparece a desmoralização do poder de Pilatos e da fé dos dirigentes judeus, que ao reinado de Deus e preferem o império de César.

SOLENE VIGÍLIA PASCAL

1ª Leitura Gn (1,1-2,2) A primeira narrativa bíblica da criação vai nos lembrar que a Ressurreição de Cristo é o começo de uma nova criação, um novo mundo. Hoje é o primeiro dia novamente.

Salmo (104 [103],1-2a.5-6.10.12-14.24.35 ou 33 [32],4-7.12-13.20.22) Cantamos no Salmo o Deus da criação

2ª Leitura (Gn 22,1-18) Isaque, filho único de Abraão seria sacrificado sobre um altar, mas não o foi. Tornou-se, depois, bênção e pai de uma grande descendência. Para nós hoje é figura da morte e ressurreição de Jesus.

Salmo (16 [15],5.8-9a.10-13.15-18) Com as palavras deste Salmo cantamos a Ressurreição de Jesus.

3ª Leitura (Ex 14,15-15,1) A noite da Páscoa hoje lembra a noite da Páscoa dos hebreus. O Cordeiro foi sacrificado e eles se alimentaram com sua carne. Em seguida escaparam da escravidão, atravessando as águas Mar Vermelho. Tudo nos lembra o Batismo.

Salmo (Ex 15,1-6) Cantamos hoje o cântico de Maria, irmã de Moisés, após a travessia do Mar Vermelho.

4ª Leitura (Is 54,5-14) Isaías falava da esperança de restauração para a cidade de Jerusalém. Nós ouvimos esta leitura pensando na Ressurreição de Cristo e na renovação das comunidades dos seus discípulos, a Igreja.

Salmo (30 [29], 2.4-6.11-13) Com o Salmo cantamos a Ressurreição de Jesus e a nossa esperança.

5ª Leitura (Is 55,1-11) Isaías falava da esperança de um povo sofredor que se apoiava na Palavra de Deus. Hoje, para nós, esta leitura lembra a esperança que renasce com a ressurreição de Cristo.

Salmo (Is 12,2-6) Com as palavras do cântico de Isaías, cantamos a Ressurreição e a esperança.

6ª Leitura (Br 3,9-15.32-4,4) Esta meditação sobre o sofrimento do povo exilado, escravo e perdido serve também para pensarmos na Ressurreição de Jesus e na esperança que nos deve animar, se nos apoiamos na Palavra de Deus.

Salmo (19 [18], 8-11) Cantamos no Salmo a força da Palavra de Deus.

7ª Leitura (Ez 36,16-17a.18-28) O povo sofria no cativeiro, longe de sua terra. A causa desse sofrimento é o pecado, as injustiças contra os irmãos e a idolatria, colocar outras coisas no lugar de Deus. Para acabar com o mal pela raiz, o profeta anuncia uma água para lavar e um coração novo. Hoje, pensamos no Batismo.

Salmo (42 [41],3.5; 43 [42], 3-4.) Com as palavras do Salmo cantamos nossa sede de Deus, sede que lembra a água do batismo.

8ª Leitura (Rm 6,3-11) Batizar significa mergulhar. Paulo lembra o significado do Batismo como mergulho na morte de Cristo, a caminho da Ressurreição.

Salmo (118 [117],1-2.16-17.22-23) Com as palavras do Salmo cantamos o Batismo que nos abriu as portas da comunidade dos discípulos de Jesus, a Igreja.

9ª L. Evangelho (Mc 16,1-8) Começa uma nova humanidade. Testemunho de mulher nada valia, agora elas são as testemunhas. Para este Evangelho Jesus está vivo, mas só pode ser visto na Galiléia, na comunidade, onde forma os discípulos.

DOMINGO DA PÁSCOA NA RESSURREIÇÃO DO SENHOR

1ª Leitura (At 10,34a.37-43) Na fala de Pedro está um resumo da pregação inicial do cristianismo: O morto ressuscitado é o juiz da humanidade e esperança dos que nele crêm.

Salmo (118 [117],1-2.16ab.17.22-23) Com as palavras do Salmo cantamos a Ressurreição de Jesus.

2ª Leitura (Cl 3,1-4) Para uma comunidade cheia de superstições, tabus e preconceitos de sabor religioso, a palavra de Paulo convida a pensar mais alto, à luz da Ressurreição e do Batismo.

ou (1Cor 5,6b-8) Um jovem estava envolvido com a própria madrasta. Isso não preocupava os líderes da comunidade. Paulo compara esse jovem a um mau fermento. Lembra a Páscoa, quando os judeus jogam fora todo o fermento velho. É preciso ser novo fermento, ter a vida nova da Ressurreição.

3ª L. Evangelho (Jo 20,1-9) A primeira pessoa a descobrir que Jesus não está no sepulcro é uma mulher, uma discípula. Ela fala ao discípulo e ao dirigente. O chefe vê, verifica, o discípulo crê, entende.

ou (Lc 24,13-36) Discípulos desiludidos e desanimados afastam-se da comunidade. Jesus deles se aproxima, com eles caminha, faz perguntas, explica tudo e fica com eles. Mas é só no agir de Jesus que seus olhos se abrem.

+++++

SEGUNDO DOMINGO DA PÁSCOA

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (At 4, 32-35) Vamos ouvir um retrato da primeira comunidade cristã. Focaliza como viviam a união e solidariedade. Mas não esquece que todos alimentavam a fé na Palavra de Deus e na oração e o poder dos milagres que testemunhava a Ressurreição fazia o bem para os de fora.

Salmo (118 [117],2-4.13-15.22-24) Cantando o Salmo pensamos na ressurreição de Jesus que dá força aos discípulos.

2ª Leitura (1Jo 5,1-6) O que vamos ouvir foi escrito para comunidades onde alguns diziam que Jesus, pobre e perseguido, era só aparência. O Cristo ou Messias era divino, era Deus e o homem Jesus não significava nada.

3ª L. Evangelho (Jo 20, 19-31) Nos dois primeiros domingos após a morte de Jesus, os discípulos estão reunidos e Ele está visível no meio deles. Jesus lhes passa a sua missão: livrar a humanidade do pecado. Felizes os que, hoje, sem ver, acreditam em Jesus.

HOMILIA

A Realidade

Hoje está na moda ser agnóstico, não acreditar em nada, não se comprometer com nada e a nada. Isso a gente não se cansa de ver na televisão, onde é proibido falar em Deus, onde certos problemas éticos, como o tema do aborto, são classificados como questão meramente religiosa. Assim, num Estado laico, ou sem religião, ninguém tem o direito de dizer se pode ou não pode. Se o “não roubar” passar a ser uma questão religiosa também, quem não tem fé poderá roubar à vontade.

A Palavra

A Primeira Leitura nos pinta um retrato da primeira comunidade cristã. Focaliza como viviam a união e a solidariedade. Mas não esquece que todos alimentavam a fé na Palavra de Deus e na oração, nem esquece que o poder de milagres exercido pelos Apóstolos significa o que faziam de bom para os de fora. Tudo pela força do Ressuscitado.

Na rede de comunidades que nos deu o Evangelho de João alguns chegaram a dizer que Jesus, homem pobre e perseguido, era só aparência, ou que o Cristo ou Messias era divino, era Deus, enquanto o homem Jesus não significava nada. A segunda Leitura é uma resposta. O Cristo é Jesus, a morte verdadeira (sangue) é que revelou o grande amor e nos comunicou o espírito (água), a capacidade de amar como ele amou. Sem essa morte verdadeira não há amor, não há espírito.

Nos dois primeiros domingos após a morte de Jesus, os discípulos estão reunidos e Ele está visível no meio deles. Jesus lhes passa sua missão: livrar a humanidade do pecado. Livrar a humanidade do egoísmo, do pensar só em si, que acaba destruindo a própria humanidade.

Tomé não acreditou na comunidade, não acreditou em Jesus presente entre os discípulos reunidos. Hoje Jesus continua presente nas reuniões dos discípulos. Felizes

os que, sem ver, acreditam e se comprometem com a missão de vencer o egoísmo e trazer vida para todos.

O Mistério

Durante a celebração eucarística mais de uma vez dizemos “Ele está no meio de nós”. Não o vemos, mas acreditamos. Se é que não dizemos isso só com os lábios. Continuamos celebrando a presença do Ressuscitado entre nós para que possamos testemunhar o amor que salva e encontrar forças para as lutas em favor da vida.

A morte assumida, o sangue, é celebrada aqui, para que o espírito de amar como ele amou se torne dentro de nós uma nascente de caudaloso rio a transformar este mudo governado pelo egoísmo.

+++++

TERCEIRO DOMINGO DA PÁSCOA

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (At 3,13-15.17-19) Os Atos dos Apóstolos colocam nos lábios de Pedro o resumo da primeira pregação do cristianismo. Jesus, massacrado pelos donos da situação, foi aprovado por Deus na ressurreição. Ele é o Messias, a salvação da humanidade.

Salmo (4, 2.4.7.9) Colocamos as palavras do Salmo nos lábios de Jesus morto e ressuscitado.

2ª Leitura (1Jo 2,1-5a.) Na rede de comunidades do Evangelho de João alguns diziam que a pessoa possuída pelo Espírito Santo já está em comunhão com Deus. O modo de viver com os outros, nos negócios, na vida pessoal, não tem qualquer influência. O texto da Leitura responde.

3ª L. Evangelho (Lc 24,35-48) Última aparição de Jesus no Evangelho de Lucas. Jesus confirma a realidade de sua vida nova, vida de ressuscitado, esperança da humanidade. Mas para chegar a isso, teve de ser humilhado e sofrer, conforme as Escrituras.

HOMILIA

A Realidade

Último encontro de catequese antes da primeira Comunhão. A catequista preparou uma pequena celebração. Um bolo fará parte de uma dinâmica dentro da celebração e, ao final, será repartido entre as crianças. Quando uma das crianças vê o bolo, antes que a catequista fale ou possa fazer qualquer coisa, todas avançam sobre ele e o devoram em poucos minutos. Por que acontece uma coisa dessas? Terá sido falha da catequese ou isso veio de casa? É proibido proibir mesmo? Não se podem impor limites?

A Palavra

Os Atos dos Apóstolos (1ª. Leit.) colocam nos lábios de Pedro o resumo da primeira pregação do cristianismo. Jesus, massacrado pelos donos da situação, foi aprovado por Deus na ressurreição. Ele é o Messias, a salvação da humanidade. A salvação passa pela cruz.

Nas comunidades da rede do Evangelho de João alguns diziam que a pessoa possuída pelo Espírito Santo já está em comunhão com Deus. Essa pessoa não peca, o modo de viver com os outros, nos negócios, na vida pessoal, não tem qualquer

influência em sua comunhão com Deus. Será? O que vamos ouvir na Segunda Leitura responde a isso. Precisa ter cuidado para não errar, todos nós estamos sujeitos ao pecado. A verdade está em buscar fazer em tudo a palavra de Jesus.

Última aparição de Jesus no Evangelho segundo Lucas. Jesus confirma a realidade de sua vida nova, vida de ressuscitado, modelo e esperança de uma nova humanidade. Mas para chegar a isso, ele teve de ser humilhado e sofrer, conforme as Escrituras. É a própria Palavra de Deus que aponta o caminho da cruz.

Buscar somente a satisfação imediata, o prazer ou bem estar do momento – o que hoje é comum até mesmo em Movimentos religiosos – não leva a nada, não traz salvação, nada muda, apenas reforça o egoísmo avassalador. Sem humildade, sem uma disciplina, sem a pessoa se impor limites, o que a cruz significa, nada se constrói e tudo se destrói.

O Mistério

Celebramos a entrega de si à pior das mortes, que trouxe a plenitude da vida. Quando Jesus viu que os inimigos queriam dar-lhe a morte de cruz, apesar do pavor que isso lhe causava, não recuou, entregou-se. Esse era o caminho de Deus, outro não havia. Como pão partido e vinho repartido ele se faz alimento da verdadeira fraternidade universal.

+++++

QUARTO DOMINGO DA PÁSCOA

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (At 4,8-12) Só a fé na ressurreição de Jesus, a certeza de que Deus está do lado dele e aprovou sua morte, dá a Pedro, que tremeu diante de uma empregada, a coragem de dizer o que diz agora diretamente aos chefes.

Salmo (118 [117],1.8-9.21-23.26.28cd-29) Cantamos o Salmo pensado em Jesus vencedor da morte.

2ª Leitura (1Jo 3,1-2) Em algumas comunidades do Evangelho de João achavam que nada tinham a esperar depois da morte. Sentiam-se possuídos pelo Espírito de Jesus, já estavam glorificados com ele. O texto responde.

3ª L. Evangelho (Jo 10,11-18) A comparação do pastor na Bíblia foi usada primeiramente para falar dos governantes, para criticar a corrupção e o descaso com o povo. Deus será agora o verdadeiro pastor, dono das ovelhas. No Evangelho o pastor verdadeiro é Jesus.

HOMILIA

A Realidade

Vivemos, parece, sob o domínio do egoísmo e do individualismo. Ninguém faz nada sem tirar alguma vantagem. Se não for por jogo de interesses, nada se faz, a economia não gira, o mundo fica parado. A economia, o dinheiro, como símbolo do interesse, é o grande motor. Em favor dos outros, apenas pela alegria de servir, ninguém faz nada. Acontece até na religião, na multiplicação de movimentos e de igrejas que se abrem cada dia. Movendo tudo está sempre o bolso. É a lei do Senhor Mercado.

A Palavra

O pastor no Primeiro Testamento é símbolo do governante. Ezequiel fala dos governantes que só pensam em se aproveitar, pastores que só querem saber do leite, da

lã e da carne das ovelhas. Do povo, das ovelhas mesmas, não cuidam. Não curam as doentes ou fracas e permitem que as mais fortes afastem as outras do cocho. O Profeta diz: Deus será agora o único pastor, ele é o dono das ovelhas.

No Evangelho Jesus retoma essa comparação. O pastor verdadeiro, que cuida mesmo das ovelhas e por elas dá a vida é Jesus. Outros só vieram para roubar, sacrificar as ovelhas, destruir. Ele veio para que todos tenham vida.

Ele é o oposto do empregado, que não é o dono das ovelhas. Quem só trabalha pensando no salário ou no lucro, ao primeiro sinal de perigo, foge e abandona as ovelhas, não tem interesse por elas. Jesus é o verdadeiro pastor, o seu interesse são as ovelhas, é capaz de livremente dar a vida por elas, ele as conhece e por elas é conhecido, tem com elas a mesma intimidade que tem com o Pai.

Faz isso por causa da missão que recebeu, de dar a vida e retomá-la novamente. Dá a própria vida, a fim de abrir para todos o caminho da Vida.

Exemplo disso vemos na Primeira Leitura. Quando Jesus foi preso, Pedro tremeu diante de uma empregada do Sumo Sacerdote. Agora, a fé na ressurreição dá a ele a coragem de enfrentar diretamente os Sumos Sacerdotes e outras autoridades judaicas.

O Mistério

“Celebramos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!” Eucaristia é celebração da vida que nasce da morte, é celebrar a esperança que brota da entrega de si para que todos tenham vida. Esquecer-se de si e morrer em favor do outro, em favor do todo, é o que dá esperança e abre o caminho para a Vida.

+++++

QUINTO DOMINGO DA PÁSCOA

Os textos deste domingo:

1ª Leitura (At 9, 26-31) O Cristo ressuscitado conquistou Saulo para ser seu discípulo. De perseguidor ferrenho, tornou-se missionário ardoroso. Jesus continua vivo nos vaivéns da comunidade, como lemos aqui.

Salmo (22 [21], 26-28.30-32) Rezamos as palavras do salmo de ação de graças pensando na ressurreição de Jesus.

2ª Leitura (1Jo 3, 18-24) A passagem nos faz ver também a presença de Jesus ressuscitado na comunidade onde, apoiados na fé em Jesus como Salvador da humanidade, todos se amam de verdade.

3ª L. Evangelho (Jo 15,1-8) Jesus se compara a uma planta muito comum na palestina, a parreira ou videira. Para que produza é preciso podá-la todo ano. Depois ainda é preciso tirar os brotos paralelos. Assim nós, os ramos de Jesus, somos podados e purificados pelo Pai.

HOMILIA

A Realidade

Pode acontecer - para não dizer que é coisa freqüente - de pessoas falarem muito em louvar e dar glória a Deus, insistirem tanto no louvor e glória dados com a palavra, o canto, os gestos e até mesmo a dança, e acabarem esquecendo o que devem fazer para transformar o mundo, torná-lo mais de acordo com o projeto de Deus. É duro, é difícil,

é comprometedor mover alguma coisa para mudar a realidade. Mas sem se podar e purificar, sem sacrifício de si mesmo, a gente pouco ou nada faz de construtivo.

A Palavra

No Evangelho de hoje, Jesus se compara a uma planta muito comum na palestina, a parreira ou videira. Para que ela produza é preciso podá-la todo ano. Depois, quando ela começa a soltar os ramos que vão dar cachos, ainda é preciso limpá-la dos brotos paralelos, que não produzem e só tiram a força vital da parreira.

Como os ramos, limpos dos brotos paralelos, produzem cachos grandes e bem granados, assim o discípulo missionário, sofrendo um pouco com os limites impostos a si mesmo, a poda e a limpeza dos ramos paralelos, produz muito fruto. Ações concretas que transformem a realidade, não palavras ou gestos vazios de vida, os resultados, é que dão glória ao Pai, o agricultor e dono da videira.

A Segunda Leitura nos faz ver também a presença de Jesus ressuscitado na comunidade onde, apoiados na fé em Jesus, o Salvador da humanidade, todos se amam de verdade.

O amor dentro da comunidade não deixa de dar resultados também fora.

A Primeira Leitura nos conta como o Cristo ressuscitado conquistou Saulo para ser seu discípulo. De perseguidor ferrenho, tornou-se missionário ardoroso. É Jesus que continua vivo e atuante nos vai-vens da comunidade.

O Mistério

“Sem mim nada podeis fazer” disse Jesus no Evangelho. Só com nossas forças somos incapazes dos sacrifícios que a luta pelo bem comum exige de nós. Lembro a resposta do menino a quem lancei o desafio: ‘Se não tem coragem de dar o sangue pelos outros nem de deixar-se partir em pedaços, por que quer comungar?’ ‘Por isso mesmo!’ foi a resposta do menino.

Aqui lembramos (celebramos) e nos reabastecemos daquele que teve forças para dar o sangue e deixar-se partilhar, a fim de construir um mundo novo, de verdadeira partilha.

+++++

SEXTO DOMINGO DA PÁSCOA

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (At 10, 25-26.34-35.44-48) As histórias que os Atos dos Apóstolos contam da caminhada das primeiras comunidades, mostram a presença e a força de Jesus ressuscitado. Lemos um exemplo disso.

Salmo (98 [97], 1-4) Cantamos no Salmo a força da ressurreição para o mundo inteiro.

2ª Leitura (1Jo 4,7-10) Havia divisões nas comunidades a quem foi dirigida a carta que vamos ouvir. Por isso ela insiste em que amor vem de Deus e isso ficou provado na morte de Jesus.

3ª L. Evangelho (Jo 15, 9-17) As palavras de despedida de Jesus que encontramos neste Evangelho não podem ser mais claras. É só prestar atenção.

HOMILIA

A Realidade

Competição, competência, competidor, concorrente, são termos que ouvimos a toda hora. Muitas vezes a concorrência é apresentada como solução para vários problemas. Concorrência significa mais de um lutando no mesmo espaço por seus interesses

1ª Leitura (At 2,1-11) Pentecostes é festa dos judeus. Cinquenta dias depois da Páscoa, eles celebram a Aliança do Sinai ou a doação da Lei. A manifestação do Espírito Santo neste dia lembra-nos que ele é a nova lei, escrita no interior de cada um.

Ou, então: Em Pentecostes acontece o contrário da torre de Babel. Lá a arrogância e o espírito de competição provocaram a confusão das línguas. Aqui acaba a confusão, pessoas das mais diversas línguas entendem o que dizem os humildes galileus.

Salmo (104 [103], 1-2.29-31.34) Com as palavras do Salmo cantamos o Espírito Santo que transforma a face da terra.

2ª Leitura (1Cor 12,3b-7.12-13) Paulo lembra que todos os dons devem servir para o bem da comunidade. Lembra ainda que a variedade de dons, de ministérios e de atuações não deve dividir, mas unir todos, no Pai, no Filho e no Espírito Santo.

ou (Rm 8,8-17) Nas comunidades cristãs de Roma havia judeus e não-judeus. Os judeus eram apegados à lei de Moisés, para outros, Jesus acabou com toda a lei. Paulo lembra que o cristão tem uma lei, sim, mas uma lei diferente, que é o Espírito.

ou (Gl 5,16-25) Nos conselhos finais desta carta, Paulo convida os cristãos a deixar-se guiar pelo Espírito Santo. Coloca de um lado os frutos do Espírito e, do outro, os frutos daquilo que ele chama de “carne”, os maus impulsos do ser humano.

3ª L. Evangelho (Jo 20,19-23) Na tarde do primeiro domingo após a sua morte, Jesus aparece aos discípulos e dá-lhes o Espírito Santo para que cumpram a missão de livrar a humanidade do pecado.

Ou (Jo 14,15-16.23b-26) No seu discurso de despedida, Jesus promete o Espírito Santo, que é o seu Espírito. Ele há de fazer o discípulo entender a cada momento da vida o que Jesus está pedindo dele.

HOMILIA

A Realidade

Ninguém pode negar que de uns tempos para cá o Espírito Santo entrou com mais força no horizonte religioso dos católicos. Mas o papel que se atribui ao Espírito Santo, muitas vezes não se parece muito com aquilo que os textos do Novo Testamento apontam.

Às vezes o Espírito Santo parece ficar reduzido a provocar emoções fortes, senão um clima de transe ou hipnose coletiva que pode levar a momentos em que todos falam ao mesmo tempo, balbuciando coisas ininteligíveis, numa grande desordem. Fica parecendo uma torre de Babel, onde todos falam e ninguém se entende, imagem perfeita da desordem do nosso mundo.

A Palavra

Pentecostes é festa dos judeus. Cinquenta dias depois da Páscoa, celebram a Aliança do Sinai ou a doação da Lei. Quando os Atos dos Apóstolos colocam a primeira manifestação do Espírito Santo neste dia, querem lembrar-nos que o Espírito é a nova lei, escrita no interior de cada um, como já anunciava o profeta Jeremias (Jr 31,32-33). Em Pentecostes acontece o contrário da torre de Babel. Lá a arrogância e o espírito de competição provocaram a confusão das línguas, ninguém mais se entendia. Aqui o Espírito acaba com a confusão, pessoas das mais diversas nações e línguas entendem o que dizem os humildes galileus.

Na Segunda Leitura Paulo lembra que todos os dons devem servir para o proveito, não dos indivíduos, mas da comunidade. Lembra ainda que a variedade de dons, de ministérios e de atuações não deve ser motivo de competição, de divisão, mas deve unir todos, no Pai que atua, no Filho que organiza e no Espírito Santo que distribui os dons.

No Evangelho segundo João, que lemos hoje, a doação do Espírito Santo acontece na tarde do domingo de Páscoa. Isso, se não entendermos, como fazem muitos, que foi no próprio momento da morte gloriosa de Jesus. “Ele inclinou a cabeça e comunicou o espírito”, a capacidade de amar como ele amou. No capítulo 7,39 o Evangelista já dissera: “Não havia Espírito porque Jesus ainda não tinha sido glorificado”.

O Mistério

Celebramos o amor que não confunde nem divide, mas une os grãos dispersos num só pão, os cachos de uva num só vinho e que, partidos e repartidos, significam a morte que revela o Amor e comunica o Espírito.

+++++

SANTÍSSIMA TRINDADE

Os textos bíblicos desta solenidade:

1ª Leitura (Dt 4,32-34.39-40) O nosso Deus não é o Deus que desafia a inteligência dos sábios. É um Deus que se revela cheio de grandeza e de bondade, caminhando na nossa história, nas lutas do povo pobre que ele escolheu. É o que lemos aqui.

Salmo (Sl 33[32],4-6.9.18-20.22) Com as palavras do Salmo, cantamos o nosso Deus.

2ª Leitura (Rm 8,14-17) Vamos notar, neste trecho da carta de Paulo, como ele nos vê ligados ao mistério da Trindade. O Espírito nos faz chamar a Deus de Pai e somos herdeiros com Jesus, nosso irmão.

3ª L. Evangelho (Mt 28,16-20) É a despedida de Jesus segundo Mateus. Naquela região pobre e desprezada chamada Galiléia, Jesus envia os discípulos para fazer com que todos se tornem também discípulos e sejam mergulhados na Santíssima Trindade.

HOMILIA

A Realidade

Na televisão é proibido falar em Deus. Aliás, parece não ser de boa educação empregar a palavra Deus. A moda é ser agnóstico: Não acredito nem desacredito.

Os primitivos imaginavam um ser pessoal por trás dos fenômenos da natureza, que eles não sabiam explicar. Hoje a ciência tem explicação para tudo, então pode dispensar a idéia de Deus.

Os povos antigos tinham inúmeras divindades, que tinham também suas estórias de venturas e desventuras semelhantes às dos homens. Os deuses eram representados em estátuas, que os poderosos faziam e impunham ao povo.

Os grandes filósofos, como Aristóteles, entendiam um Deus único como explicação para o universo, um ser imóvel que move tudo, algo como o Grande Arquiteto dos maçons.

A Palavra

O nosso Deus não é o Deus que desafia a inteligência dos sábios. É um Deus que se revela cheio de grandeza e de bondade, caminhando na nossa história, nas lutas do povo pobre que ele escolheu e tirou da escravidão. E ele é único, não se pode comparar com os deuses das outras nações. É o que ouvimos na Primeira Leitura.

O Evangelho de hoje nos traz a despedida de Jesus segundo Mateus. Daquela região pobre e desprezada chamada Galiléia, Jesus envia seus discípulos, para fazer com que todos se tornem também discípulos e sejam batizados, mergulhados em Deus.

O Deus de Jesus é o Pai, mais que qualquer outro poderoso deste mundo. Ele nos fez e somos seus, a ele devemos obediência irrestrita. Mas ele é também Filho, nosso irmão, que nos ensina a obediência, responder aos apelos do Pai até à morte e morte de cruz. Ele se comunica ao nosso espírito, ele derrama em nós seu Espírito de amor, a Lei nova escrita no interior de cada um.

Embora não o queiram outros, como as Testemunhas de Jeová, que são mais judeus que cristãos, Deus se manifesta único na Santíssima Trindade. Quem não o aceita assim não é discípulo de Jesus.

Vamos notar, no trecho de hoje da carta de Paulo, como o Apóstolo nos vê ligados ao mistério da Trindade. O Espírito Santo nos faz chamar Deus de Pai e nos faz irmãos e herdeiros com Jesus, nosso irmão.

O Mistério

A Eucaristia é trinitária. Unidos pelo Espírito Santo, oferecemos para glória do Pai o Filho Jesus Cristo que se entrega pela humanidade, hoje e sempre.

+++++

SOLENIDADE DO SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO

Os textos bíblicos desta solenidade:

1ª Leitura (Ex 24,3-8) As alianças antigas terminavam com um rito de sangue ou de morte. As partes estariam dizendo: “Morro, mas não deixo de cumprir o combinado!”. Assim foi concluída a aliança do Sinai.

Salmo (116B [115],12-13.15-18) Com as palavras do Salmo cantamos a Eucaristia.

2ª Leitura (Hb 9,11-15) Uma das festas mais lembradas pelos cristãos judeus era a do dia da expiação. O sumo sacerdote entrava no Santuário levando sangue de carneiros e bodes, para fazer a purificação do povo. Esse sacerdote agora é Jesus.

3ª L. Evangelho (Mc 14,12-16.22-26) Neste Evangelho fica claro o perigo que Jesus corria. Daí o significado que ele dava ao gesto de entregar o pão partido, dizendo ser ele aquele pão e, ao gesto de passar o cálice para cada um beber um gole, dizendo que o vinho era o seu sangue.

HOMILIA

A Realidade

Hoje parece estar voltando o pensamento de uma época obscura com relação à Missa. A Ceia do Senhor já não interessava tanto e a Eucaristia foi transformada em um objeto a ser visto e cortejado. Só o padre, ninguém mais, comungava.

Então surgiu a comunhão pelo olhar. Quando, de costas, o celebrante elevava a hóstia, toda a cidade corria para a igreja a fim de vê-la. Quem visse a hóstia, naquele dia não morreria. Criou-se o ostensório para mostrar a hóstia a todos que quisessem vê-la. Hoje se chega até a um gesto supersticioso (se não ridículo) de tocar no ostensório, que se torna mais importante que a própria hóstia.

Essa mentalidade mágica, sepultada com a renovação litúrgica do Vaticano II, é que parece estar retornando.

A Palavra

Disse: “A pessoa que quer se consagrar a Deus arranja um jeito, nem que seja no meio dos trabalhos!”.

A P a l a v r a

O Evangelho de hoje tem coisas que, como notícia ou história são inexplicáveis. Dois discípulos de João passam a seguir Jesus. Jesus pergunta o que estão procurando e eles perguntam: “Onde moras?”. Jesus não disse que não tinha uma pedra onde encostar a cabeça? Por que querem saber onde Jesus mora?

Jesus diz: “Venham e vejam!”. Foram, viram e ficaram com ele. E, por que, vendo, resolvem ficar ao seu lado?

Está claro que “debaixo desse angu tem carne!”. A quem diz que segue Jesus é preciso perguntar o que é que está querendo. Talvez dinheiro, saúde, solução de problemas pessoais, quem sabe profundos conhecimentos e fama. Não é nada disso o que Jesus tem a oferecer.

Onde moras? Se ele não tem um travesseiro, muito menos uma casa! A pergunta é: onde mora, não o teu corpo, mas a tua mente. Onde vivem teus pensamentos, teus ideais, teus projetos?

Venham e vejam. É preciso ver, experimentar, conviver, compartilhar. Ver não é encher a cabeça de teorias e conhecimentos que pretendem matar a curiosidade, mas não matam a sede de Deus.

A busca é de viver com Deus e a cada momento dizer como Samuel: “Fala, Senhor, que teu servo escuta!”. A busca é de ter nele, no seu projeto, no seu sonho para a humanidade, também os meus sonhos, os meus projetos. A busca é de morar com ele como Jesus mora.

O M i s t é r i o

A Eucaristia é o Mistério sem mistério. Não é nem exige um monte de teses de doutorado. É apenas reviver a experiência do que Jesus fez na última ceia.

Antes de ser entregue por Judas, para ser entregue à cruz, ao entregar o pão partido para cada um tomar seu pedaço ele disse: Isso aí sou eu, podem tirar pedaços de mim!

Só isso é capaz de salvar o mundo, onde cada qual quer tirar pedaços do outro. Façam o mesmo, comam, devorem, ponham isso para dentro de si!

+++++

TERCEIRO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Jn 3,1-5.10) Lemos aqui como Jonas criou coragem de enfrentar a pregação na grande cidade chamada Nínive, centro do império mundial, e a cidade se voltou para Deus.

Salmo (25 [24], 4-9) No Salmo pedimos perdão e que Deus nos mostre seus caminhos.

2ª Leitura (1Cor 7, 29-31) Respondendo às perguntas que a comunidade lhe enviou, Paulo fala aqui deste mundo passageiro, onde tudo é relativo, e de como devemos viver dentro dele.

3ª L. Evangelho (Mc 1,14-20) Vamos observar no Evangelho que a pregação de Jesus se resume em mudar de mentalidade, porque Deus deve governar a humanidade. Para começar a realizar o reinado de Deus, ele vai formar sua comunidade de discípulos.

HOMILIA A Realidade

Era um poço de vaidade, queria mandar em tudo, só pensava em seus interesses, jamais ia à igreja e nunca participava de qualquer atividade coletiva. Mesmo assim, foi convencido a participar de um “retiro espiritual”.

Voltou outro. Passou a frequentar assiduamente a igreja, a tomar a frente de atividades comunitárias, a comandar o grupo de estudo e reflexão bíblica. Agora era nas atividades religiosas que ele aparecia, mandava e trabalhava por seus interesses. Mudou? Coisas assim jamais aconteceram?

A Palavra

A mensagem de Jesus se resume em poucas palavras: É mudar a cabeça, porque o reinado de Deus está chegando, e acreditar nessa Boa-Notícia.

A palavra que frequentemente se traduz por “conversão” é *metanoia*. Fácil de entender: *meta*, como em metamorfose, significa mudança e *noia*, como em paranóia, indica a cabeça, a mente. O primeiro passo é mudar a cabeça, a maneira de pensar. Sem isso, nada feito. Sem isso, tudo o mais fica apenas como um verniz.

Chegou a hora do reinado de Deus. O domínio da competição, do dinheiro, do mercado, vai acabar.

No mundo de Jesus e dos primeiros discípulos, o reinado era de César, o imperador romano. Ele era o pai de todos, o “padrinho” do império, a todos explorava e todos dependiam dele. Foi chamado de “o deus próximo”. Ele chegava a todos, porque a relação era só de dependência: todos dependiam de “padrinhos”, que dependiam de outros e outros que dependiam de César.

A Boa Notícia (Evangelho) é que agora começa o reinado de Deus. Só ele é pai e todos são irmãos. Acabou a rede de dependência. Jesus vai formar a comunidade que começa o reinado de Deus. A quem ele chama? Humildes pescadores, mas irmãos. Agora todos são irmãos e não mais “afilhados” e “padrinhos”.

É urgente mudar a cabeça e acreditar na Boa Notícia, como o povo de Nínive (1^a Leit.) acreditou na pregação de Jonas.

O Mistério

Celebramos o reinado de Deus, a mudança radical que Jesus realizou ao encarar a morte de cruz. Agora não é mais o orgulho, a competição e o interesse próprio que governam o mundo. Alguém é capaz de se colocar como último e de sacrificar tudo a serviço dos outros.

Agora, sob o comando da cruz, todos são irmãos, participando da mesma mesa.

+++++

QUARTO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1^a Leitura (Dt 18,15-20) O que lemos nesta primeira leitura era entendido no tempo de Jesus como se falasse diretamente do Messias esperado.

Salmo (95 [94], 1-2.5-9) No Salmo vamos celebrar a palavra de Deus que ainda hoje nos corrige.

2^a Leitura (1Cor 7,32-35) Depois de ter dito que isto não é um mandamento do Senhor, Paulo aconselha o cristão que quer dedicar-se inteiramente ao Senhor a não se casar.

3ª L. Evangelho (Mc 1,21-28) A Sinagoga é o modelo religioso onde uns poucos são os guias, os que sabem, e os que ensinam falam da boca para fora. Aí dentro está um mau espírito. Jesus vem destruir esse modelo.

HOMILIA

A Realidade

Outro dia, quando cheguei à praça ouvi uma gritaria e, do outro lado, dois meninos que diziam: “Olha a briga! Vamos ver a briga!”.E correram na direção de onde vinham os gritos. Não era briga. Era uma dessas igrejas onde o pessoal fica gritando. Deviam estar “expulsando algum demônio”. Por que será que nesses ambientes sempre aparecem “demônios”? Já pensou nisso?

A Palavra

Depois de anunciar a chegada próxima do reinado de Deus e de começar a reunir os irmãos para formar sua nova comunidade religiosa, Jesus vai ensinar na instituição religiosa de sua gente, a sinagoga. O povo admira a autoridade que tem o seu ensinamento e o compara com os dirigentes da sinagoga, a antiga instituição religiosa. O homem ali estava com um mau espírito. O mau espírito estava dentro da instituição religiosa, a sinagoga, comandada pelos escribas. Jesus os incomoda, é uma ameaça. Notar como o homem com mau espírito fala em nome de todos eles: “Vieste para nos destruir”!

Dali da Galiléia tinham saído os revoltosos para tomar o poder em Jerusalém e cada líder se fazia proclamar Messias, o Salvador da pátria. Jesus não se deixa confundir com eles. Manda que o mau espírito se cale e saia do homem.

Cresce a admiração do povo. Os chefes certamente se viram perdidos e violentados. Jesus traz um ensinamento novo, uma nova proposta, diferente daquelas esperanças limitadas dos que só queriam uma solução de momento para a sua nação. Jesus não é um chefe político nacional, mas é o verdadeiro guia de todo o povo, como o profeta semelhante a Moisés, anunciado na primeira leitura.

O Mistério

O Evangelho segundo Marcos, lido nos domingos deste ano, frequentemente diz que Jesus ensinava, mas quase nunca diz o que ele ensinava. É que Jesus ensina com as atitudes, com sua prática, com sua maneira de viver.

Assim é a eucaristia que ele nos mandou celebrar. A oração Eucarística V diz: “mandando que se faça o mesmo que ele fez”. Que fez ele naquela Ceia derradeira? Entregou-se à morte de cruz. Para fazer o que ele fez basta repetir o seu gesto com o pão e o vinho e dizer as mesmas palavras dele?

Não seria necessário também repetir a sua atitude, assumir o sacrifício em favor de todos?

+++++

QUINTO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Jó 7,1-4.6-7) Um dos amigos de Jó foi dizer-lhe que seu sofrimento seria um castigo de Deus. Jó responde insistindo na realidade do sofrimento humano, coisa tão comum.

Salmo (147A [146], 1-6) No Salmo cantamos o carinho de Deus pelos sofredores.

SEXTO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Lv 13,1-2.44-46) Nesta leitura temos alguma coisa da legislação sobre o que era chamado de lepra e as conseqüências da “impureza da lepra”.

Salmo (32[31],1-2.5.11) Cantamos no Salmo a alegria de quem reconhece o próprio pecado.

2ª Leitura (1Cor 10,31-11,1) Paulo falou aos “fortes” de Corinto, que tomassem cuidado para não ser mau exemplo para os “fracos”. Termina citando o próprio exemplo e dando um conselho geral, que serve para todos.

3ª L. Evangelho (Mc 1,40-45) Ninguém podia tocar em um impuro que ficaria impuro. Ninguém pode se aproximar de um excluído, que fica excluído. Jesus cura o impuro tocando nele, tornando-se impuro e excluído, como a comunidade cristã acolhe os excluídos.

HOMILIA

A Realidade

Pe. Alfredinho, falecido há poucos anos, vivia com os pobres e no meio dos pobres, moradores de rua. Foi convidado a pregar o retiro espiritual para os frades. Foi. Chegou ao anoitecer da véspera do início do retiro. O porteiro do convento, imaginando que fosse um mendigo a mais a pedir ajuda, não o convidou a entrar e, dizendo que o Superior não estava em casa, fechou-lhe a porta.

Pe. Alfredinho dormiu no chão, à porta da Igreja, e só de manhã cedo a porta do convento foi lhe aberta.

A Palavra

A primeira leitura de hoje dá uma ideia da legislação sobre o leproso. Problemas de pele eram chamados de lepra. Quem tinha o problema devia ficar morando fora das aldeias e ninguém podia se aproximar dele, muito menos tocar nele. Para evitar que alguém se aproximasse, ele devia gritar que estava “impuro”.

No Evangelho, depois que Jesus anuncia a Boa Notícia por toda a Galiléia - Evangelho de domingo passado - um leproso o procura, sabendo que ele podia livrá-lo daquela “impureza”.

Cheio de compaixão pelo estado do homem, Jesus desrespeita a lei, toca no leproso. Isso bastou para tirar-lhe a impureza. Mas Jesus o manda embora para que vá cumprir o ritual que o deixaria voltar ao convívio das pessoas, proibindo-o severamente de divulgar o fato.

Como ele divulga, Jesus está impuro e já não pode entrar nas cidades ou aldeias. Fica fora, com os outros excluídos, que de toda a parte vêm procurá-lo. Não faz mal, a Boa Notícia (Evangelho) é mesmo para eles em primeiro lugar.

O Mistério

O que celebramos na Eucaristia não é um acontecimento “sagrado” ou “religioso”, não é algo que aconteceu no Templo ou na Cidade Santa. Aconteceu fora, porque a Cidade não poderia se tornar “impura”. A morte de cruz (Dt 21,22-23) era considerada uma maldição de Deus. Só podia acontecer fora da cidade.

Mas a maldição tornou-se bênção, o que era “impuro” é, agora, o que “tira o pecado do mundo”. O que devia ser retirado para fora da cidade veio a ser o centro da história da humanidade.

+++++

SÉTIMO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Is 43,18-19.21-22.24b-25) Para o povo que estava no cativeiro o profeta anuncia uma grande esperança. Perdoando o pecado, Deus salva o seu povo e o tira do sofrimento.

Salmo (41[40], 2-5.13-14) No Salmo cantamos a esperança do perdão e da cura.

2ª Leitura (2Cor 1,18-22) Paulo explica que houve motivos sérios para a sua mudança de planos. Ele se apoia em Cristo que tem uma palavra só, é firme, é o “Amém”, que significa firmeza.

3ª L. Evangelho (Mc 2,1-12) O Evangelho é cheio de simbolismos. Os quatro simbolizam os quatro cantos do mundo, os não-judeus. Querem chegar até Jesus, mas a casa (comunidade) estava ocupada. Conseguem. E Jesus os livra do pecado que os paralisava.

HOMILIA

A Realidade

Bem que ela queria ajudar, queria participar, queria agir, dar a sua contribuição. Mas todos a rejeitavam. Se ela se aproximava de um grupo, aos poucos o grupo se desfazia ou, então, mudava-se de assunto. Ela não podia participar.

É que ela tinha frequentado outra religião, tinha vindo de fora e parece que nem era casada regularmente na Igreja. Sendo assim, em coisa alguma de Igreja ela podia ter qualquer atuação. Tinha de ficar só e carregar o peso de seus pecados

A Palavra

Depois de algum tempo sem poder entrar nas cidades ou aldeias (Evangelho de domingo passado) Jesus volta a Cafarnaum, lugar onde forma a sua comunidade. Está em casa, na comunidade. A comunidade é de judeus, quem está lá sentado, isto é, ensinando, são os escribas ou mestres da Lei.

Chegam quatro – vindos dos quatro cantos do mundo! - carregando um paralisado. Não lhes é permitida a entrada na casa, há muita gente impedindo sua chegada.

Não desistem. Sobem ao teto, fazem uma abertura em cima do lugar onde Jesus estava e, por ali, descem o paralisado. Como fato histórico, praticamente impossível de acontecer. Importa o significado. Mesmo que os “donos da religião” tentem impedi-los, arranjam um jeito de chegar até Jesus, nem que seja por cima do teto.

O não judeu era considerado pecador. Jesus vê a fé deles e diz ao paralisado que os representa: “Teus pecados estão perdoados!”. Mas os mestres que detinham a cadeira do ensinamento da Lei não concordam, só Deus tem o direito de tirar-lhes a pecha de pecadores.

Livrar do pecado é trazer nova salvação (1ª Leit.). A consequência de não serem mais pecadores é que acaba a paralisia, quem era carregado passa a carregar a maca em que era carregado. Quem não podia agir, agora age e sai, sem obstáculo nenhum, carregando aquilo em que era carregado.

O Mistério

Celebramos a morte-ressurreição daquele que se entregou à cruz, derramou o sangue, para a remissão dos pecados, para libertar da escravidão do pecado. O justo morre pelos pecadores, que somos todos.

Dá a vida para tirar-nos da paralisia, da inoperância, dos braços cruzados. Parte-se em pedaços, para que possamos antecipar e trabalhar por uma nova humanidade onde todos sejam irmãos, participantes da mesma mesa.

+++++

OITAVO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Os 2,16b.17b.21-22) A esposa querida do profeta o abandonou. Depois quis voltar e ele a aceitou novamente. A partir daí veio-lhe uma comparação: o povo é a esposa infiel e Deus, o esposo apaixonado.

Salmo (32 [31],1-2.5-7) Cantamos o perdão de Deus para quem reconhece seu pecado.

2ª Leitura (2Cor 3,1b-6) Paulo defende a sua condição de Apóstolo. Ele não traz cartas de recomendação. Os resultados da sua pregação o aprovam e a sua força vem de Deus.

3ª L. Evangelho (Mc 2,18-22) O Evangelho vai usar algumas comparações. Ele quer mostrar a diferença entre seguir Jesus de verdade e ficar repetindo as mesmas devoções de qualquer grupo religioso.

HOMILIA

Realidade

Naquela casa ele tinha vivido muitos momentos felizes. Era uma vida simples, sem os grandes recursos que os avanços da tecnologia oferecem, sem televisão, sem rádio, sem telefone, sem os aparelhos e máquinas que ajudam a fazer todos os serviços domésticos, mas era uma vida feliz e, principalmente, segura. Todos sabiam o que deveriam fazer e nada de diferente acontecia.

A casa guardava os bons tempos do passado. Ela estava, no entanto, precisando de reparos, goteiras, janelas quebradas, portas emperradas. A reforma era urgente, mas a casa tinha que ser preservada, era a memória dos bons tempos do passado.

Veio a reforma: laje onde o forro era de esteira ou de tábuas, novas janelas iguaizinhas às antigas, madeiras novas no lugar das carcomidas pelo caruncho. Durou pouco. O caruncho em pouco acabou com as madeiras novas, as paredes não suportaram o peso das lajes e a casa veio abaixo com todos os seus sonhos.

A Palavra

Os diferentes movimentos religiosos dentro do judaísmo, como o dos fariseus e o dos discípulos de João Batista, praticavam frequentes jejuns. Isso é visto como sinal de um sentimento religioso sério, profundo e que inspira respeito. Jesus não deu dessas normas aos seus discípulos.

Perguntam a Jesus porque seus discípulos não observam as práticas de jejuns. Será o movimento de Jesus algo superficial e não muito sério? Na resposta Jesus faz a comparação com um casamento. Os convidados vão jejuar na festa? Jesus não veio remendar a religião antiga, ele veio realizar a Nova Aliança, o novo e definitivo casamento de Deus com o seu povo. A primeira leitura falava disso.

O reinado de Deus que Jesus anuncia é uma coisa nova, nada tem e não precisa ter nada dos antigos modelos. É uma nova maneira de pensar, uma nova mentalidade, que não se apoia mais nos moldes antigos. As coisas antigas passaram, tudo agora deve ser novo. Na Nova Aliança a novidade e a criatividade devem estar sempre presentes, não há mais lugar para a rotina.

O Mistério

“Nem que a gente vivesse mais duzentos anos, terminaria de entender o significado da morte de Jesus” disse dona Julieta. Não há porque a Missa cair na rotina. Cada vez é um lado diferente e novo da morte de Jesus que celebramos.

+++++

NONO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Dt 5,12-15) Prestar muita atenção a essa leitura. É importante para a gente entender porque a Bíblia manda descansar um dia por semana. Não é porque chamamos esse dia de sábado ou de domingo?

Salmo (81 [80],3-8a.10-11) Cantamos com alegria o dia do descanso, o dia da liberdade, o dia que Deus deu para a gente curtir e celebrar.

2ª Leitura (2Cor 4,6-11) A vida do Apóstolo Paulo não foi fácil. Mesmo assim, na comunidade de Corinto alguns ainda o criticavam. Aqui ele está respondendo a essas críticas.

3ª L. Evangelho (Mc 2,23-3,6) Como lemos na primeira Leitura, a lei do sábado, que quer dizer descanso, era a lei da liberdade. Para os fariseus virou uma escravidão, uma lei que amarra. Observar no Evangelho o simbolismo do homem da mão seca.

HOMILIA

A Realidade

A plantação de feijão do Sebastião Arlindo estava no ponto para ser colhida, mas ele estava doente, internado num hospital. Tempo de safra, todos os vizinhos com muito trabalho. Mesmo assim resolveram fazer um mutirão para colher o feijão do companheiro. Numa tarde de domingo reuniram-se todos, colheram e guardaram todo o feijão do amigo.

Alguns que passaram por ali, porém, disseram: “Vocês estão pecando, hoje é domingo e ninguém pode trabalhar!”

A Palavra

Vamos prestar muita atenção à primeira leitura de hoje. Dá a razão do descanso semanal. Seu objetivo é mostrar que não somos mais escravos, como eram os antepassados dos hebreus no Egito, agora somos livres.

No Salmo cantamos com alegria o dia do descanso, o dia da liberdade, o dia que Deus deu para a gente curtir e celebrar.

Como vimos na primeira Leitura, a lei do sábado – palavra que quer dizer descanso – devia ser a lei da liberdade. Para o sistema religioso dos judeus do tempo de Jesus, porém, o sábado tinha se tornado uma escravidão, uma lei exageradamente exigente, que amarra, que prende, que ameaça, que tira toda a liberdade.

No sábado é proibido colher. Os discípulos de Jesus colhem alguns grãos de trigo e levam à boca. Para os fariseus estão pecando gravemente. Jesus responde com uma história da Bíblia.

O homem da mão seca simboliza bem o resultado desse tipo de religião. As exigências exageradas, a preocupação com os mínimos detalhes, o medo do pecado enfim, acaba deixando as pessoas sem ação, com a mão seca, incapazes de tomar qualquer iniciativa. Esse modelo escraviza e mata. Jesus salva e dá vida e liberdade.

O Mistério

Nosso descanso semanal está ligado à participação na Missa. Para nós não é apenas o dia de lembrar que não somos escravos, nem do dinheiro nem do trabalho, é o dia de celebrar também a liberdade diante da Lei. Celebramos Jesus que encara corajosamente a morte maldita de cruz em favor dos pecadores.

Quem morre pendurado é, segundo Deuterônimo 21,22-23, alguém amaldiçoado por Deus. Deve ser sepultado logo, como fizeram com Jesus, para não tonar impura a Terra Santa. Como diz S. Paulo ele se faz maldito para nos livrar da maldição da Lei. Se a Lei não condena Jesus, agora não pode condenar mais ninguém. Estamos salvos.

+++++

DÉCIMO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Gn 3,9-15) Vamos observar como a história bíblica da entrada do pecado no mundo se parece com a nossa. Ficamos com medo de Deus, depois jogamos a culpa nos outros. Será que temos medo do pecado como temos medo de uma cobra?

Salmo (130 [129], 1-5.7-8) Cantamos um salmo de arrependimento pessoal e coletivo.

2ª Leitura (2Cor 4,13-5,1) Paulo continua se defendendo. As suas fraquezas não são motivo para desânimo, mas para maior confiança em Deus.

3ª L. Evangelho (Mc 3,20-35) É difícil entender Jesus. Os “donos da verdade” acham que ele é do lado do mal, do diabo. A sua gente (sua origem, irmãos de fé e de nação) acha que ele está louco.

HOMILIA

A Realidade

É grande a força dos meios de comunicação. Tudo o que aparece na TV, seja um produto comercial seja uma nova devoção, parece grandioso, legítimo, verdadeiro e cresce sempre mais. O que não aparece não existe. Quando querem destruir alguém, destroem, como aconteceu há algum tempo com uma escola em São Paulo. Se querem colocar qualquer produto entre as estrelas, colocam. São os donos da verdade.

A Palavra

No Evangelho de hoje temos um episódio curioso: os “donos da verdade”, os Escribas ou Mestres da Lei de Deus dizem que Jesus é movido pelo diabo, enquanto, influenciados por eles, sua mãe e irmãos, seus familiares, acham que ele está louco e querem levá-lo para casa. Aqui a mãe e os irmãos de Jesus simbolizam sua origem religiosa e seus antepassados e irmãos de fé, os judeus comuns.

Jesus, entretanto está dentro de uma casa com os discípulos. Não é a casa de sua origem, a comunidade judaica, é a nova casa onde ele se reúne com os discípulos, a nova comunidade que ele começa, a sua Igreja. Sua família agora são aqueles que com ele estão dentro dessa outra casa.

A história bíblica da entrada do pecado no mundo (1ª Leit.) se parece com a nossa.

Experimentamos a fruta do “sabe-tudo”, o gosto de nos acharmos iguais a Deus.

Flagrados, ficamos com medo de Deus, depois jogamos a culpa nos outros. Será que temos medo do pecado como temos medo de uma cobra?

O Mistério

Aquilo que celebramos na Eucaristia não tem nada de um espetáculo televisivo, ao contrário, nem podia acontecer dentro da cidade santa, tinha de ser fora, pois fazia da pessoa um maldito de Deus. Não é o espetáculo que salva a humanidade do pecado, não é a divulgação de uma devoção como um novo produto comercial. O que salva é a entrega de si mesmo à mais humilhante das mortes, é o sacrificar tudo em favor do outro.

+++++

DÉCIMO PRIMEIRO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Ez 17,22-24) No exílio da Babilônia, usando uma comparação, o profeta fala da esperança de um novo rei, tirado da velha árvore da família real de Davi.

Salmos (92 [91],2-3.14-16) Mesmo nas dificuldades, cantamos a esperança no valor da justiça.

2ª Leitura (2Cor 5,6-10) Meditando sobre as dificuldades de sua vida e a falta de compreensão de muitos em Corinto, Paulo lembra o que realmente vale para ele, qual o sentido final da vida.

3ª L. Evangelho (Mc 4,26-34) Neste Evangelho temos algumas comparações ou parábolas de Jesus. O Reino de Deus, que começa nas comunidades, será comparado certamente com coisas bonitas e grandiosas, ou não?

HOMILIA

A Realidade

As Diretrizes da Ação Evangelizadora da CNBB 2011-2015 apontam para uma realidade que está frequentemente diante dos nossos olhos. A TV, em busca de mais um espetáculo para entreter o público e dar-lhe audiência e lucro, apresenta celebrações religiosas. Acontece aí uma verdadeira inversão de sentido da experiência religiosa, que passa a ser vista como algo que oferece bem-estar interior, cura de males, sucesso, e, principalmente diversão, espetáculo. Dizem também que ninguém se sente responsável por corrigir o que está errado na sociedade, “na qual podem conviver muita religiosidade com muita criminalidade, busca de Deus ao lado da injustiça”.

A Palavra

Jesus fala às multidões. Não usa discursos espetaculares nem palavreado cheio de sabedoria ou de beleza literária. Fala das coisas do dia a dia de uma pessoa das aldeias da Galiléia.

Primeiro, com a comparação da semente que morre na terra, brota, cresce e frutifica, ele diz que a coisa tem de vir de dentro para fora e não depende do esforço pessoal. É Deus quem faz brotar, crescer e frutificar. Não fala, como na primeira leitura, em broto cortado da ponta do cedro e plantado no alto da montanha. Fala da semente humilde jogada na terra, que brota, nasce e cresce sem que o lavrador se preocupe ou faça força. Não há espetáculo, ninguém vê. Deus faz crescer lentamente por noites e dias.

Com a força que vem de Deus, que vem de dentro – depois ele diz – a menor de todas as sementes pode se tornar um arbusto que dá abrigo para as aves do céu. Aí o cristão, aí a Igreja, a comunidade cristã, vai agir na sociedade, fora do âmbito religioso. Com a força do seu compromisso de fé que cresceu alimentado por Deus no silêncio da noite, pode abrigar as aves do céu, pode transformar o mundo.

O Mistério

Eucaristia não pode ser show, não pode ser espetáculo. É celebrar e alimentar-se da entrega que Jesus faz de si mesmo à morte maldita. É, junto dele, na humildade dos pequenos sinais do pão e do vinho, reviver a entrega dele e reforçar a entrega que fazemos de nós mesmos a serviço de todos, na obscuridade do dia a dia, sustentados por aquele que nos faz brotar, crescer, frutificar e dar abrigo.

+++++

DÉCIMO SEGUNDO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Jó 38,1.8-11) No meio dos sofrimentos de Jó, surge uma luz: Deus é muito maior do que tudo. Ele domina as ondas furiosas do mar, que, como se imaginava, comunica-se com o lugar subterrâneo onde ficam os mortos. Deus domina a morte. Salmo (107 [106], 23-26.28-31) Cantamos a Deus que livra dos perigos do mar e da morte.

2ª Leitura (2Cor 5,14-17) Refletindo ainda sobre suas dificuldades com a comunidade de Corinto, Paulo medita sobre o que é essencial no cristianismo.

3ª L. Evangelho (Mc 4,35-41) Ir para o outro lado é sempre perigoso, é enfrentar o desconhecido, talvez não sermos aceitos nem compreendidos. E Jesus estará junto ou não?

HOMILIA

A Realidade

Imagine levar a mensagem do Evangelho aonde tudo é diferente, as pessoas, os costumes, o modo de vida, os valores, tudo ao contrário daquilo com que você está acostumado. Pensar aqui no Brasil mesmo, uma tribo indígena que mal teve contato com os brancos. Ou vá à Wall Street, o centro bancário de Nova York. Será fácil? Como vamos nos entender com eles? Conseguimos separar a mensagem do Evangelho daquilo que é apenas cultura nossa, costumes que surgiram por causa da nossa maneira de viver?

A Palavra

Sentado num barco, Jesus falou às multidões dos judeus. Caída a tarde, manda os discípulos atravessarem para o outro lado, para o lado dos estranhos, dos não judeus. Como já estava em um barco, os discípulos daquele barco o levam. Outros barcos o acompanham. Fica a impressão de que os discípulos daquele barco onde Jesus está se sentem donos dele.

Vem a tempestade, não é fácil atravessar para o outro lado, mais ainda se você se acha dono de Jesus, dono da mensagem. Ele está no teu barco, sim, mas está lá atrás, dormindo confortavelmente, desligado do que acontece. Os discípulos que o levam estranham: “Será que ele é nosso, para ficar atrás, dormindo, e não para enfrentar a situação?”

Parecem atribuir as dificuldades da travessia, as ondas fortes e o vento contrário, a Jesus que está dormindo lá atrás e não a eles mesmos que se consideravam donos dele e eram incapazes de se entender com o outro lado. Dos outros barcos nada se diz.

Acordam-no. Ele se levanta como se levantará do sepulcro. Dá ordens ao mar e ao vento. Jó (1ª Leitura) atribuía a Deus o poder de dominar a natureza. “Quem é este a

quem o vento e o mar obedecem?” Queriam ser donos, mas não sabiam a quem levavam no seu barco, por isso ficaram tão medrosos.

O Mistério

É comum ver a Eucaristia apenas como presença de Jesus, tê-lo ao nosso lado para nos ajudar e livrar e para que possamos adorá-lo. É mais, muito mais.

Celebramos a entrega que Jesus faz de si mesmo àquela morte-maldição que vai tornar-se uma bênção, um rumo novo para a humanidade, sem rumo, batida pelas ondas e agitada pelos ventos do mercado. Onde o dinheiro e a aparência individual governam, só a humildade e doação que celebramos podem dar rumo e salvar.

+++++

DÉCIMO TERCEIRO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Sb 1,13-15; 2,23-25) A união entre as mensagens da Bíblia e a sabedoria grega nos deram estas reflexões sobre a vida e a morte, o sofrimento e a alegria.

Salmo (30 [29], 2,4-6.11-12a.13b) Respondemos à Leitura com o salmo de alguém que agradece a Deus por tê-lo livrado da morte.

2ª Leitura (2Cor 8,7.9.13-15) Pedindo ajuda numa campanha em favor dos irmãos pobres da Palestina, Paulo reflete sobre a riqueza e a pobreza de Jesus.

3ª L. Evangelho (Mc 5,21-43) No Evangelho a mulher e a menina representam o povo das doze tribos, o povo judeu. A mulher, impura por causa da hemorragia e proibida de tocar em outra pessoa, toca em Jesus e sara. A menina parecia morta, mas fica de pé e só precisa se alimentar.

A Realidade

Num passado mais ou menos recente havia em todas as paróquias uma Associação Religiosa chamada Pia União das Filhas de Maria. Era uma associação só de solteiras, jovens ou mais maduras, que seguia regulamentos bem rígidos. A uma Filha de Maria, por exemplo, era proibido dançar.

Seu uniforme era um vestido branco, a saia até bem abaixo dos joelhos, com uma faixa azul à cintura, além da fita azul com uma grande medalha. Todo sábado à noite, após a reza do terço (missa só havia de manhã), elas rezavam uniformizadas o Pequeno Ofício da Virgem Maria, recitação de hinos, Salmos e Orações à moda do Ofício Divino rezado pelos padres. Era o grande momento da Pia União.

Hoje não existe mais. Acabou. As exigências muito rigorosas, a mudança dos tempos e as dificuldades de adaptação mataram o Movimento.

A Palavra

O Evangelho de hoje reflete o modelo religioso do tempo de Jesus. Um chefe de sinagoga está com uma filha de doze anos à morte e vai prostrar-se aos pés de Jesus para pedir ajuda. Uma mulher com hemorragia, “impura”, portanto, há doze anos, no meio da multidão – o que lhe era proibido – toca na roupa de Jesus e fica curada.

A sinagoga, o número 12 (as tribos) e a impureza consequência da hemorragia lembram a religião judaica do tempo dos Evangelhos. Jairo lembra o modelo autoritário, vertical, de cima para baixo, da sinagoga, e a mulher com hemorragia lembra as leis da pureza legal que justificavam a exclusão de muitas pessoas chamadas “impuras”.

Jesus levanta a filha do Chefe da Sinagoga, já considerada morta e, inconscientemente (bastou um toque na barra de suas roupas) cura a mulher “impura”.

Mesmo que a instituição religiosa, por seus inúmeros problemas, estivesse à beira do colapso, Jesus a reergue. Ele desfaz os antigos modelos, tabus e preconceitos. Ele é a novidade, a Boa Nova, a nova criação.

O Mistério

A Eucaristia que se repete a cada domingo, a cada dia, não se repete, ela é sempre nova, a cada vez a morte do Senhor deve ser celebrada por um ângulo diferente. O que refletimos na Palavra agora se reflete no Mistério. É a Nova Aliança, o que era velho passou, tudo agora se renova na grande novidade que é a força de sacrificar tudo em favor do outro.

+++++

DÉCIMO QUARTO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Ez 2,2-5) O povo está sofrendo porque não foi fiel a Deus. Mas os profetas devem continuar falando.

Salmo (123 [122],1-4) Cantamos no Salmo nossa vontade de conversão.

2ª Leitura (2Cor 12,7-10) Paulo está se defendendo dos que diziam que ele nem era apóstolo. Falou de suas lutas pelo Evangelho e chegou a falar da profundidade de sua oração, agora fala de suas fraquezas.

3ª L. Evangelho (Mc 6,1-6) Jesus está no meio da sua atividade na Galiléia, quando vai formando sua comunidade. Mas os de sua terra mesmo, os familiares dele, os de casa, não o aceitam. Que significa isso?

HOMILIA

A Realidade

Corporativismo, o leitor certamente já ouviu essa palavra. É o espírito de corpo ou de grupo, a luta pelos interesses do grupo acima de tudo o mais. E quem se arvorar a criticar ou apontar alguma falha no seu grupo, na instituição, por exemplo, a Igreja, a que pertence, será chamado de infiel, rebelde, revoltado, se não de coisas piores.

A consequência imediata é que, se ninguém aponta falhas ou defeitos, essas falhas e defeitos nunca serão corrigidos. “Roupa suja se lava em casa”, sim, mas, para que a roupa seja lavada, a sujeira deve ser mostrada, se não...

A Palavra

Jesus está no meio da sua atividade na Galiléia, quando vai formando sua comunidade. Até então, só os dirigentes, os Escribas e outros, ficaram contra ele. O povo, ao contrário, parece aceitá-lo bem.

Agora ele vai à sua terra, à sua origem. Os de sua terra, os de casa, não o aceitam. Jesus vai lá com os seus discípulos, ele e sua comunidade. Os chefes parecem agora ter influído no povo. Os de casa procuram desqualificar o que ele diz, o que seus discípulos testemunham, dizendo serem, ele e seus familiares, gente muito simples e muito conhecida, incapazes de qualquer palavra ou ação que vá além da rotina.

Perguntam, sem citar seu nome, de onde lhe vieram a força de suas ações e a sabedoria de suas palavras. Duvidam, certamente, que venham de Deus. Se “a roupa suja se lava em casa”, não admitem que alguém do seu meio possa mostrar a sujeira que deve ser lavada ou possua alguma força ou capacidade que eles não tenham.

Não aceitam sua pregação, mas, como na Primeira Leitura, Ezequiel recebe a missão de falar, ameaçar, denunciar, quer queiram ouvir ou não, assim também a missão de Jesus e seus discípulos é anunciar a verdade de Deus, quer queiram, quer não queiram ouvir.

O Mistério

Na Missa celebramos a fala e a ação culminantes de Jesus. A fala é a ação. A fala é: onde ninguém se entrega por ninguém, onde ninguém se sacrifica por ninguém, pelo contrário, sacrifica outros em favor próprio, eu me entrego, eu me sacrifico por vocês e por todos. A ação é esta, entregar-se à pior das mortes, é sacrificar-se até o fim por aqueles que amou até o fim. “E mandou que os discípulos fizessem o que ele fez naquela Ceia derradeira”. Fazemos?

+++++

DÉCIMO QUINTO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Am 7,12-15) Amós, um homem da roça, vai ao Santuário Nacional do Reino de Israel como profeta, denunciando os erros dos dirigentes. É expulso de lá, acusado de estar interessado em ganhar dinheiro. Vejamos como ele se justifica.

Salmo (85 [84], 8-14) Cantamos no Salmo a esperança de um mundo novo de paz e justiça.

2ª Leitura (Ef 1,3-14) Vamos notar, neste hino de ação de graças, como Jesus Cristo é visto no centro de tudo.

3ª L. Evangelho (Mc 6,7-13) Vamos ouvir no Evangelho como Jesus envia ao mundo seus missionários. Para ter credibilidade eles precisam depender do povo, mas não pensar em dinheiro.

HOMILIA

A Realidade

Hoje qualquer coisa que se vai fazer exige dinheiro. Assim, o primeiro passo em qualquer iniciativa é conseguir o dinheiro necessário. Há quem defenda que todas as paróquias deveriam ter renda suficiente para manter pessoas dedicadas exclusivamente às diversas ações pastorais, até mesmo para ficar à espera de quem procure a igreja, como fazem algumas Igrejas como a Universal do Reino de Deus.

Isso nos leva a algumas perguntas: O dinheiro é sempre indispensável, nada se pode fazer sem ele? O dinheiro só ajuda, nunca atrapalha a ação missionária da Igreja? Por quê?

A Palavra

Jesus envia os discípulos ao mundo. Segundo Marcos, o Evangelho deste ano, mais para dar testemunho do que para falar. Envia-os dois a dois, ninguém manda, ninguém é superior, a nova sociedade é de irmãos, não de patronos e dependentes. Dá-lhes poder sobre os espíritos impuros. Os espíritos impuros podem estar dentro da gente mesma e é preciso ser capaz de dominá-los.

Devem levar cajado e sandálias, indispensáveis nas longas viagens, mas nenhum dinheiro, nem sacola para guardar o que venham a ganhar, nem alimento, nem muita roupa.

A pobreza do missionário será a maior pregação contra a sede de riqueza, de poder e de aparência que impera. Muita roupa e muito dinheiro são incoerentes,

atrapalham a missão. Na Primeira Leitura Amós é expulso do Santuário Nacional de Betel, acusado de estar interessado em dinheiro, em ganhar a vida com sua pregação. Eles devem depender das pessoas e da cultura do lugar, o missionário não vai para impor nem para se impor. Deverá conquistar pela fraqueza. Se algum lugar, porém, não os quiser acolher nem escutar, que fiquem com tudo o que é seu, o missionário não leve dali nem a poeira do calçado.

A pregação se restringe à mudança de mentalidade, isso é o essencial. A atividade é curar os doentes, livrar as pessoas do sofrimento.

O Mistério

Missa é a pobre celebração da fraqueza. Que coisa mais humilde que o alimento básico e a bebida cotidiana da Palestina. O pão e o vinho tornam-se o sacramento da entrega que Jesus faz de si mesmo à morte de cruz. A celebração é pobre, porque anunciamos a fraqueza da morte que é caminho para a vitória da ressurreição.

+++++

DÉCIMO SEXTO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Jr 23,1-6) O povo tinha sido levado para o cativeiro longe de sua terra, por incompetência ou corrupção dos governantes. Os governantes são comparados a pastores, cuja obrigação é levar as ovelhas para as pastagens.

Salmo (23 [22], 1-6) Cantamos a Deus, o verdadeiro pastor e guia.

2ª Leitura (Ef 2,13-18) A união de nações diferentes na mesma fé em Cristo deve ter um fundamento só, a cruz de Jesus. É o que lemos nesse trecho de Efésios.

3ª L. Evangelho (Mc 6,30-34) Jesus e os discípulos precisam de um retiro. Precisam rezar, descansar e contar suas histórias. Mas o povo precisa de Jesus.

HOMILIA

A Realidade

Quem atravessa o deserto ou o oceano deve ter uma bússola. Ela lhe mostra sempre onde fica o norte, só assim você pode saber para que lado caminhar.

A nossa vida também precisa de uma bússola, do contrário a gente não sabe o que faz aqui. Hoje te oferecem muitos nortes: é o dinheiro, é o prestígio, a fama, é a diversão, o lazer, o prazer, é ter paz e segurança...

Os meios de comunicação, que seriam hoje os principais guias do povo, ao mesmo tempo em que fazem o mundo tornar-se pequeno, acabam desorientando em vez de orientar as pessoas, com tantas propostas contraditórias.

A Palavra

No Evangelho de hoje os apóstolos retornaram da missão, contando o que haviam realizado e o que tinham dito. Fizeram primeiro, falaram depois. As solicitações eram muitas, precisavam de uma pausa. Foram de barco com Jesus em busca de um retiro, um descanso.

Mas a humanidade precisa de Jesus. Jesus, ao sair, vê a grande multidão desorientada, perdida, cada qual seguindo uma direção, como ovelhas sem pastor.

Jeremias (1ª. L.) acusa os governantes de pastores que não cumpriram sua missão e deixaram as ovelhas se dispersarem. Mas o Senhor vai mandar outros pastores, especialmente aquele “rebento justo”.

Jesus, o “rebento justo”, (e com ele, sem dúvida, também os discípulos) se compadece da multidão. Não fecha os olhos nem o coração para a multidão sofredora e desorientada. O descanso e o recolhimento ficam para depois. É hora de acudir a multidão, de mostrar-lhe todos os caminhos, ensinar-lhe muitas coisas.

O Mistério

As diferentes bússolas que norteiam a humanidade só desorientam. Provocam a corrida desigual cujo resultado é a distância cada vez maior entre os poucos que têm demais e a multidão que nada tem.

A Eucaristia aponta um norte único, a mesa comum, a partilha, não só das coisas, mas de si mesmo. Como aconteceu em Corinto, se a celebração é oportunidade para promover desigualdades, já não é a Ceia do Senhor que comemos, comemos nossa própria condenação. Jesus é o “Pão da igualdade”, porque ele não faz a partilha das coisas, faz a partilha de si mesmo. Sacrificar-se pelos outros, esse é o norte que deve orientar a humanidade.

+++++

DÉCIMO SÉTIMO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (2Rs 4, 42-44) Um episódio das estórias de Eliseu servirá de modelo para o episódio evangélico da multiplicação dos pães. A dificuldade em começar a repartir é sempre a mesma: É muito pouco para tanta gente!

Salmo (145 [144], 10-11.15-18) Cantamos a Deus que alimenta a humanidade inteira.

2ª Leitura (Ef 4, 1-6) Antes de falar nas diferenças de dons, a epístola fala dos fundamentos da união que deve haver.

3ª L. Evangelho (Jo 6,1-15) Moisés no monte Sinai deu ao povo a lei de Deus. Depois alimentou o povo com o maná, a comida misteriosa que encontravam toda manhã no deserto. Vejamos como o Evangelho mostra Jesus como novo Moisés. Aquele povo não entende.

HOMILIA

A Realidade

Discutia-se na reunião o porquê da pouca atuação da diocese na área social. Alguém disse: “Vejam no orçamento da diocese como é pequena ou nula a verba destinada à área social!”. Dom José Mauro, que, como bispo diocesano, participava pela primeira vez daquela reunião, corrigiu: “Não precisa de dinheiro. Basta querer, que se pode fazer muita coisa. O pobre é quem melhor sabe repartir.”.

A Palavra

Jesus atravessa o mar seguido de grande multidão que via nele esperança para os sofredores. Em seguida ele se senta na montanha para ensinar. Era Páscoa. A Páscoa lembra a saída dos hebreus da escravidão do Egito através do Mar Vermelho, liderados por Moisés, que, do Monte Sinai trouxe para o povo a Lei ou Ensino de Deus. Jesus é o novo Moisés.

Moisés deu ao povo um alimento misterioso (maná significa *que é isso?*), que não sobrava para quem recolhia muito, nem faltava para quem recolhia pouco. Jesus provoca Felipe: “Onde comprar? Como arrumar dinheiro?” A solução não era essa. Um garoto, mesma palavra que se usava para servo, oferece cinco pães de cevada e dois peixes. Sete, quer dizer, tudo.

Pão de cevada era o mais barato, era o pão dos pobres, lembrado também na Primeira Leitura. Jesus manda o povo se sentar. O povo não pode ser sempre dependente, deve ser senhor de si, comer sentado. Jesus, de pé, serve as pessoas, que estão sentadas. Os discípulos recolhem as sobras, doze cestos correspondendo às doze tribos de Israel. Mas o povo não entende, quer fazer de Jesus um rei, um padrinho, um patrono que lhes resolva todos os problemas. Não entendeu que a solução está no próprio povo, na partilha que o pequeno e o pobre sabem fazer. Não entendeu que a solução é sentir-se senhor, que come sentado, e não ficar eternamente dependente.

O Mistério

Na sequência do Evangelho Jesus diz que ele é o verdadeiro pão descido do céu. Os judeus não entendem, perguntam como ele vai dar sua carne a comer. Entenderam no sentido físico, enquanto que Jesus falava em sentido espiritual, simbólico, sacramental. Usa um verbo que significa devorar, comer cru. Engolir a carne de Jesus não é comer um pedaço dele, é assumir que ele, o crucificado, é a salvação. É agir como ele, entrar na dele.

+++++

DÉCIMO OITAVO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Ex 16,2-4.12-15) A leitura nos fala de como Moisés alimentou o povo no deserto e de como isso serviu para ensinar as pessoas a viver em comunidade.

Salmo (78 [77], 3.4bc.23-25.54) Cantamos a história do povo alimentado e guiado por Deus.

2ª Leitura (Ef 4,17.20-24) A leitura medita sobre a mudança que deve haver na vida de alguém que não era e agora é cristão.

3ª L. Evangelho (Jo 6,24-35) Neste Evangelho fica claro porque João não fala em milagres, mas em sinais. Matou a fome, foi um milagre. O sinal é o que aquilo tudo simbolizava a respeito de Jesus e do povo. O sinal parece que ninguém quer ver.

HOMILIA

A Realidade

Estão proliferando e crescendo muito as novas Igrejas Pentecostais. Em clima de forte comoção, atribuindo ao demônio todo tipo de sofrimento e angústia, gritando para expulsá-lo e mandando as pessoas gesticularem como se estivessem tirando de si alguma coisa má, provocam grande alívio nas pessoas e, possivelmente, também curas.

Os psicólogos chamariam isso de catarse, purificação interior, que se pode conseguir também por outros meios. Essa religião, porém, não leva a mudança séria no comportamento pessoal nem, muito menos, com relação aos outros. É apenas cura, alívio.

A Palavra

No episódio de hoje fica claro porque o evangelista não fala em milagres, mas em sinais. Milagre é a demonstração de poder extraordinário. Matou a fome do povo, trouxe alívio psicológico ou físico, foi um milagre. Sinal é algo que aquilo simboliza a respeito de Jesus, de sua missão e do nosso compromisso com ele. Parece que ninguém quer veros sinais, só os milagres.

Olhar só o milagre seria como um motorista parar diante do sinal verde para curtir ou comentar o colorido ou para discutir se está bem situado ou não. Não viu o sinal que mandava seguir adiante.

O povo vai à procura de Jesus e ele o recebe dizendo: “Vocês me procuram porque receberam milagre, não porque viram o sinal. Vocês me procuram querendo que eu resolva seus problemas, não porque querem me seguir.”

O sinal é outra coisa. O sinal diz que Jesus é o verdadeiro maná, alimento misterioso que os hebreus encontravam no deserto (1ª. Leitura). Ele é que alimenta o ser humano em busca da vida eterna, em busca de sua realização plena e total.

A obra de Deus é as pessoas se comprometerem com Jesus, seguindo seus passos, que levam à doação e ao fracasso aparente e, daí, para a vida. O que realiza total e plenamente o ser humano, o que lhe dá vida eterna, não é a riqueza, nem o poder, nem o prestígio, é a doação de si mesmo em favor do outro. É alimentar-se de Jesus.

O Mistério

Na Eucaristia celebramos exatamente esse alimentar-nos de Jesus. Não como milagre, mas como sinal, como sacramento. Sinal da entrega de si mesmo ao fracasso da cruz. Sacramento do deixar-se partir em pedaços para atender a todos. Sinal da morte que tira o pecado do mundo.

+++++

DÉCIMO NONO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (1Rs 19,4-9) O episódio das tradições de Elias que vamos ouvir tornou se símbolo da nossa caminhada para Deus. Perseguido, ele procura a montanha do Deus da aliança, mas sente que lhe faltam forças.

Salmo (34 [33],2-9) O Salmo canta a segurança de quem busca apoio em Deus.

2ª Leitura (Ef 4,30-5,2) Notar nesta leitura como todos os conselhos práticos para a vida cristã têm seu ponto de partida e de chegada em Jesus Cristo.

3ª L. Evangelho (Jo 6,41-51) No Evangelho Jesus diz ter vindo do céu. Como? Ninguém o viu descendo de lá e a sua origem humana é bem conhecida. Que significa Jesus ter vindo do céu?

HOMILIA

A Realidade

Foi mandado levar a comunhão a um doente grave no hospital. Era um homem comum, não parecia rico nem muito pobre, não havia parentes por perto, não era muito idoso, porém, segundo os enfermeiros, estava muito mal.

Antes de lhe dar a comunhão o ministro leu o trecho do Evangelho que será lido hoje. Ficou pensando: “Não sei quem é este homem, o que ele faz, o que já fez em sua vida até agora. Essa pequena hóstia que ele vai engolir, vai lhe garantir a vida eterna, a ressurreição, o céu?”

A Palavra

No Evangelho Jesus diz ter vindo do céu. Como? Ninguém o viu descendo de lá e a sua origem humana é bem conhecida. Que significa Jesus ter vindo do céu? Conhecido desde sua origem humana, Jesus é o enviado do Pai, está sempre ligado ao Pai. Sem a ajuda de Deus ninguém o entende, ninguém chega a ele, ninguém será capaz de se comprometer realmente com ele, entrar na dele de verdade.

A quem se achega a ele, a quem se compromete com ele, entra na dele, ele dá a vida, ressuscita, dá vida eterna. O pão é um sinal, sinal do compromisso com ele, do

buscar nele o alimento. Se isso não acontece na verdade do dia a dia, torna-se um sinal mentiroso, uma fumaça sem fogo.

Na Primeira Leitura, Elias comeu aquele pão, porque tinha um longo caminho a percorrer. É o pão da caminhada, não só da chegada. Aqui aquele pão toma o sentido que Jesus lhe dá quando diz que ele é o pão da vida. E ainda se compara ao maná, que não deu vida definitiva como ele o faz.

O pão é sinal, é sacramento. Usava-se pão grande, sempre partilhado. O pão é sinal de partilha, de partilha, primeiro, de si mesmo, partilha de si mesmo para a vida do mundo, não só de alguns privilegiados.

Unir-se sacramentalmente a ele pelo sinal do pão partilhado significa dar tudo de si para que o mundo tenha vida. O mundo caminha para a morte no sistema onde cada qual deve devorar o outro, encontra a vida quando cada um se entrega em favor do outro.

O Mistério

A Eucaristia é sacramento da morte e ressurreição do Senhor. Sinal que atualiza a entrega que ele faz de si mesmo à morte maldita de cruz, e ressurreição, sinal da vida que vem do Pai e ele nos garante.

Alimentar-se dele, receber dele a vida, é buscar a cada momento do dia fazer como ele faria, agir como ele agiria.

+++++

VIGÉSIMO DOMINGO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Pr 9,1-9) O livro dos Provérbios convida as pessoas a procurarem o saber viver. Usa a comparação de um banquete, para o qual a Senhora Sabedoria convida todos.

Salmo (34 [33], 2-3.10-15) O Salmo canta a sabedoria praticada, a justiça, o temor de Deus.

2ª Leitura (Ef 5,15-20) Nos conselhos práticos do final da carta, temos um conselho curioso: Em vez de se embriagar com bebida alcoólica, embriagar-se do Espírito de Cristo.

3ª L. Evangelho (Jo 6,51-58) Os judeus perguntam: “Como ele nos vai dar sua carne para comer?” Jesus responde usando uma expressão mais forte que quer dizer engolir ou devorar. O que vale não é o como comer a carne de Jesus, mas o que isso significa.

HOMILIA

A Realidade

Os mais idosos certamente lembram algum catequista que, às crianças que iam fazer sua primeira comunhão, dizia que não podiam morder a hóstia, senão saíria sangue. Isso era apenas mais um motivo para apavorar as crianças.

A Palavra

O Evangelho segundo João, para alertar o leitor a fim de que não entenda de maneira literal ou ‘ao pé da letra’ as palavras de Jesus, costuma usar o seguinte recurso: coloca um personagem fazendo uma pergunta tola, totalmente ridícula. Assim é que

Nicodemos pergunta: “Para nascer de novo é preciso ficar pequenino e entrar novamente no ventre da mãe?”. João está dizendo ao leitor: ‘Não seja tão tolo assim!’.

Aqui são os judeus que perguntam: “Como é que esse homem vai dar-nos sua carne para comer?”. Jesus disse algo muito sério, comparou-se a um alimento e disse que quem dele comer tem, não a vida deste mundo, mas vida eterna. E ainda afirmou que esse alimento é a entrega de si mesmo (sua carne) pela vida do mundo. Mas os tolos perguntam como é possível comer a carne dele, só não perguntam o que isso significa.

Jesus responde, primeiro, insistindo em que ter a Vida dentro de si depende de comer a carne e beber o sangue dele. Isso deve significar bem mais do que dizer que quem não comunga está condenado, não vai alcançar a vida eterna. Comer a carne e beber o sangue é pôr para dentro de si, assimilar a vida humana (carne) de Jesus, feita de doação e o seu sangue, sua morte terrível em favor da humanidade.

Depois, ele passa a usar uma expressão mais forte, que quer dizer tragar, devorar, engolir cru, e continua insistindo na ligação entre o engoli-lo e ter a Vida em si ou ficar com ele. O como não interessa, interessa é o que significa e significa viver por ele como ele vive pelo Pai, segui-lo no dia a dia como ele sempre responde fielmente aos apelos do Pai.

Como é que ele nos dá sua carne para comer é a pergunta tola que só nos faz desviar da seriedade do seu significado.

O Mistério

A Missa não é uma mágica para tornar Jesus presente na hóstia. É celebrar e buscar assimilar a doação de Jesus, sua carne, sua humanidade, Jesus cansado, suado, com fome, com sede, com sono, com os nervos à flor da pele, mas pronto para servir. É celebrar e beber sua morte de maldito (Dt 21,22-23) que nos torna benditos.

+++++

VIGÉSIMO PRIMEIRO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Js 24, 1-2a. 15-17.18b) Terminando a história da conquista da terra, o livro de Josué fala de uma aliança de todas as tribos. Fica bem claro que o que vai unir o povo é a fidelidade ao Deus que o tirou da escravidão e deu-lhe essa terra.

Salmo (34 [33], 2-3.16-23) O Salmo canta a confiança em Deus, apoio do justo, pobre e sofredor.

2ª Leitura (Ef 5,21-32) Observar nesta leitura não a antiga submissão da esposa ao marido, mas como é, na prática, a fidelidade da Igreja a Jesus Cristo. Amor e fidelidade valem para esposo e esposa, como valem para Cristo e a Igreja.

3ª L. Evangelho (Jo 6,60-69) Quando Jesus diz que se deve tragar, engolir a sua carne, até alguns discípulos acham dura essa palavra. Pensam abandoná-lo, mas preferem continuar com ele. Que será que Jesus quis dizer de tão duro?

HOMILIA **A Realidade**

Quando Zagalo era técnico da seleção e a imprensa começou a criticá-lo, ele disse: “Vocês vão ter de me engolir!” Ele não queria dizer que os torcedores ou os homens de imprensa teriam de engoli-lo inteiro ou pedaços dele. Queria dizer que teriam de aceitá-

lo como técnico da seleção. A gosto ou a contragosto, teriam de conviver com ele no desempenho daquela função.

A Palavra

No capítulo 6 do Evangelho segundo João, que estamos lendo nesses últimos domingos, depois que os judeus perguntam como é que ele haveria de dar a sua carne a comer, Jesus passa a utilizar uma palavra mais forte. Em vez de comer ou alimentar-se dele, diz que se deve tragá-lo ou engolir cru. Usa um verbo grego (*trogo*) muito semelhante ao nosso *tragar*. A maioria dos tradutores não achou importante a mudança ou ficou com escrúpulos de transpô-la para o nosso falar. Só a Bíblia da CNBB reconheceu a mudança, usando em vez de *comer* a expressão *consumir*, bem mais leve que engolir.

Quando ele passa a falar em tragá-lo, engoli-lo, comê-lo cru, até os discípulos acham dura essa palavra. Alguns o abandonam, não andam mais com ele. Ele pergunta aos doze se também eles não querem ir-se embora. Pedro toma a palavra para dizer que eles preferem continuar com ele.

Que será que Jesus quis dizer com isso? Não se trata de tragar ou engolir um pedaço de seu corpo. Ele disse: “quem me traga, viverá por mim” (v. 57), por meio de mim, por causa de mim, pela causa minha. Engolir Jesus é viver por sua causa e pela sua causa, trazer vida para o mundo. É entrar totalmente na dele.

Qual é a dele? É dar a própria carne para que o mundo tenha vida (v. 51), é sacrificar-se todo pela vida dos outros. Esse é o espírito das palavras de Jesus. Seu significado físico, material, a carne, não vale nada.

Não é fácil entrar na dele, tragar Jesus. Exige uma séria e responsável decisão como a exigida por Josué (1ª L.) e, ainda, é indispensável a graça de Deus. O compromisso com Jesus é um dom do Pai.

O Mistério

Celebrar a Eucaristia não significa comer a carne física de Jesus. Significa engolir, mesmo que te pareça repugnante, que o “fracassado” Jesus é a salvação de Deus para a humanidade. É tentar digerir que a vida para o mundo passa por um crucificado. Ele e nós.

+++++

VIGÉSIMO SEGUNDO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Dt 4, 1-2. 6-8) O povo está procurando um rumo, uma direção. Será que Deus está tão longe? Suas leis serão complicadas, confusas, difíceis de se entender e praticar? Encontramos a resposta nesta leitura.

Salmo (15 [14], 2-5) O Salmo canta quem teme o Senhor, isto é, quem pratica a justiça.

2ª Leitura (Tg 1,17-18. 21b-22. 27) Alguns cristão gentios, ou não-judeus, diziam que basta a pessoa ter fé em Jesus. Tiago, de uma comunidade de cristãos judeus, responde dizendo o que é a verdadeira religião.

3ª L. Evangelho (Mc 7,1-8.14-15. 21-23) Para os fariseus, além do que está na Bíblia, havia mais de seiscentos mandamentos com muitos detalhes e explicações. O lavar as mãos não era por questão de higiene, mas de ritual. Ouçamos o que Jesus diz disso!

A Realidade

No dia da Primeira Comunhão eu tinha duas grandes preocupações: uma, escovar os dentes com todo o capricho, a outra, não engolir sequer uma gota de água. Se engolisse uma gota, não poderia mais comungar. Era a lei do jejum eucarístico. Vivíamos uma época em que, em termos religiosos e rituais, era tudo muito bem determinado, não havia como escapar. Qualquer pequeno deslize era um pecado enorme. As promessas, então, eram motivos para enormes dúvidas e pesos de consciência. Tudo, coisas fáceis de determinar. Falta de sensibilidade pelo problema dos outros não entrava no rol dos pecados.

A Palavra

Para os fariseus, além dos dez mandamentos da Bíblia, havia mais seiscentos e três mandamentos orais, que não se podiam escrever e deviam ser decorados, com muitos detalhes e aplicações. No tempo de Jesus e, principalmente, quando os Evangelhos foram escritos, quase tudo se reduzia a observâncias rituais.

O lavar as mãos, por exemplo, não era questão de higiene, mas de ritual. E a preocupação exagerada com os rituais faz esquecer o principal, o verdadeiro mandamento de Deus, que é o amor ao próximo.

Jesus usou o simples bom senso: o pecado está muito mais presente no que sai do que no que entra pela boca. Se é preciso tomar cuidado com a boca, a preocupação deve se concentrar no que dela sai, pois o que sai vem de dentro e lá dentro, bem no interior do ser humano, é aí que o pecado pode estar morando.

E o Evangelho faz desfilar todo tipo de corrupção que se pode encontrar no interior das pessoas, desde as más conversas, disputas ou competições, passando pelos adultérios, roubos e assassinatos até à arrogância e insensibilidade.

Tudo muito simples e lógico, como nota a primeira leitura: o mandamento de Deus não está distante, está muito perto, dentro de cada um, basta um pouco de bom senso para encontrá-lo.

O Mistério

A Missa já foi tratada como um simples ritual cheio de pormenores refinados, todos obrigatórios sob pena de pecado. Temos que vê-la hoje como celebração de um gesto que contraria a lei, a morte maldita (Dt 21,22-23) que Jesus assumiu para nos abrir o caminho da liberdade e da salvação. Maior amor não há. Comungar é participar desse amor muito acima da lei.

+++++

VIGÉSIMO TERCEIRO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Is 35, 4-7a.) O Profeta canta a esperança da volta do cativo. Então tudo será resolvido, todos vão sarar, até mesmo os cegos, os surdos, os deficientes todos.

Salmo (146 [145], 7-10) O Salmo celebra o Deus dos fracos e dos sofredores.

2ª Leitura (Tg 2, 1-5) A tentação, mesmo dentro das comunidades de Igreja, é reproduzir o que existe no nosso mundo, onde só uns poucos têm lugar e merecem respeito. O texto de Tiago alerta para isso.

3ª L. Evangelho (Mc 7, 31-37) Jesus vem dos lugares estrangeiros, gentios, como Tiro, Sidônia e Decápole. Pedem que, como gesto de cura, imponha as mãos ao surdo-mudo. Jesus o retira da multidão e faz outros gestos. Que significado terão essa atitude e esses gestos?

HOMILIA **A Realidade**

Já notaram como se gosta de barulho hoje? Será que é coisa de gente velha achar estranho tanto barulho, tanto som no mais alto volume? Por que será que gostam tanto disso? Quais as conseqüências? Parece ser tão difícil suportar o silêncio. Por que será? Será medo do confronto consigo mesmo e com Deus? No meio dessa agitação toda será possível ouvir e falar? Quem não ouve não fala ou fala mal.

A Palavra

Jesus vem dos lugares estrangeiros, gentios, como Tiro, Sidônia e vai até outro lugar estrangeiro, a Decápole. Pedem que, como gesto de cura, imponha as mãos ao surdo que tem dificuldade em falar.

Jesus o retira da multidão. Multidão lembra barulho, agitação, em Marcos frequentemente significa essa sociedade humana, este mundo e aquilo que o governa.

Ele tem os ouvidos tapados, obturados, Jesus enfia o dedo em seus ouvidos. Parece querer furá-los, abri-los. É preciso destampar os ouvidos para poder estar atentos ao que cada acontecimento nos fala.

A saliva de Jesus vai para a língua daquele que não sabia falar corretamente. Ele vai poder falar corretamente, e falar agora a palavra de Deus, a mesma que está na boca de Jesus.

Os gestos são sacramentos, são sinais que devem ser acompanhados de uma palavra que os explique e dê força. Marcos põe nos lábios de Jesus uma palavra aramaica que significa “abre-te”.

Seria a palavra realmente utilizada por Jesus, conservada na tradição e que já fazia parte do ritual do Batismo quando o Evangelho é escrito? Isso teria grande sentido: ser batizado é ter os sentidos abertos, ter olhos, ouvidos e boca capazes de enxergar, ouvir e falar por si. Ser cristão é tornar-se senhor de si.

A palavra aramaica lembra também os doze, que falavam essa língua. Lembra os dirigentes atuais das comunidades do Evangelho, incapazes de ouvir e, conseqüentemente, de falar corretamente. O povo entende, sim, que Jesus faz tudo bem feito.

O Mistério

A celebração da Eucaristia não pode ser um espetáculo, muito menos um espetáculo barulhento. Celebrar a memória de Jesus é celebrar o que diante desse mundo é um fracasso, mas é a salvação enviada por Deus. Não é fácil engolir isso. É preciso de silêncio. No silêncio cada um vai procurar entender o mistério que nunca vai entender plenamente.

+++++

VIGÉSIMO QUARTO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Is 50, 5-9a.) O poema que vamos ouvir descreve a resistência e a firmeza diante do sofrimento injusto. Foi escrito mais de quatrocentos anos antes, mas ajuda a entender a paixão de Jesus.

Salmos (116 [115], 1-5. 8-9) O Salmo canta a Deus que livra o justo da derrota.

2ª Leitura (Tg 2,14-18) Paulo tinha dito que o que salva é a fé, o compromisso com Jesus, não a observância da lei judaica. Alguns entenderam que bastava acreditar e não precisava praticar. A comunidade de Tiago responde.

3ª L. Evangelho (Mc 8,27-35) Estamos no centro do Evangelho segundo Marcos. Quem é Jesus? O Messias! Que Messias, um rei poderoso ou o Servo do Senhor, que salva com a humildade e o serviço? Todos entendem?

HOMILIA

A Realidade

Houve tempo, que algumas novelas recordam, em que a Igreja parecia ser a dona do mundo. O padre era tudo na cidade, sua era sempre a última palavra. O mesmo acontecia ao bispo – tempos atrás, senhor feudal - e ao Papa. Era o tempo da cristandade.

Hoje há quem sonhe com a volta da cristandade ou pense o mundo e a Igreja nesses termos. A realidade, de maneira mais ou menos dolorida, mudou isso. Há quem sofra ou ainda não entenda a Igreja como peregrina neste mundo. Preferiam vê-la senhora ou rainha e não mal situada, deslocada, sem lugar confortável neste mundo.

A Palavra

Estamos no centro do Evangelho segundo Marcos, que busca responder quem é Jesus. Começou falando em boa notícia do Messias, Filho de Deus. No momento da morte de Jesus, o centurião ou sargento romano, um gentio, diz ser ele filho de Deus, título que melhor o distinguiria de outros “Messias”.

Aqui Pedro, representando os doze e os cristãos judeus da Galiléia em geral, diz que ele é o Messias. O Evangelho foi escrito na época da revolta judaica. Os ‘bandidos’, que se chamaram de “zelotes”, vindos da Galiléia, haviam tomado o poder em Jerusalém e a cada período um de seus líderes se fazia chamar de Messias, salvador da pátria e da identidade judaica.

O “Messias” de Pedro, dos que ele representa, permite entender que Jesus era o mesmo que qualquer líder revolucionário. Jesus não podia e não queria deixar-se confundir com esse messianismo nacionalista tacanho, por isso não elogia a resposta de Pedro, como no Evangelho de Mateus. Proíbe que o digam.

Que Messias, então, é Jesus? É o Servo do Senhor, que salva a humanidade inteira através da humildade e do serviço.

Aliás, a Primeira Leitura traz o foco para essa primeira fala de Jesus sobre a sua paixão. Pedro, mais uma vez representando certos cristãos, pretende corrigir Jesus. Ao ver os outros discípulos, Jesus o chama de satanás, obstáculo, tentador, inimigo, e o manda passar para trás, segui-lo.

Depois é a todos que Jesus chama a seguir seu caminho de cruz, único capaz de salvar.

O Mistério

A Missa não é um espetáculo que se impõe à mídia deste mundo. É celebrar a salvação que passa pela cruz. A humanidade nova da comunhão depende de alguém entregar o seu corpo e dar o seu sangue. O Mistério da fé!

+++++

VIGÉSIMO QUINTO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Sb 2, 12-20) Refletindo o sofrimento e resistência do seu povo, o livro da Sabedoria insiste na firmeza e na segurança do justo que sofre e é ameaçado. Ouvimos, pensando em Jesus.

Salmo (54 [53], 3-6. 8) Celebramos no Salmo a segurança do justo perseguido.

2ª Leitura (Tg 3,16 - 4,3) A comunidade não era perfeita. Faltava o verdadeiro espírito de humildade e serviço. Se cada um só pensa em si, as conseqüências chegam até à oração. Será que estes conselhos servem para nós?

3ª L. Evangelho (Mc 9, 30-37) Na Galiléia, na comunidade, Jesus dá formação aos discípulos, mostra o verdadeiro caminho. Os discípulos parecem não entender. Será que nós entendemos?

HOMILIA

A Realidade

Rezavam uma oração em que pediam que Deus os fizesse “entender o que significa ser discípulo de um marginal, seguidor de um homem condenado como ameaça ao sistema e criminoso irrecuperável, companheiro de alguém eliminado como perigoso lixo da sociedade”. Alguns não rezaram, acharam duras demais as expressões, não tiveram coragem de pronunciá-las.

A Palavra

A Galiléia, no Evangelho segundo Marcos, é onde Jesus forma a sua comunidade, mostra aos discípulos o verdadeiro caminho. Ele o faz separado da multidão. Essa, que significa o mundo, a atual sociedade humana, não é capaz de entender. Por isso, fica fora, é preferível que nem saiba o que está acontecendo.

A instrução-formação é sobre o caminho da cruz. O ser humano Jesus, o Filho do Homem, Messias esperado para o final, será entregue nas mãos das autoridades deste mundo. Seria tão bom que ele recebesse o apoio das autoridades, mas não, elas vão condená-lo à morte, só depois ele ressuscita, só depois vai revelar a nova vida e o novo mundo esperados.

Mas os discípulos parecem não entender. Ou entendem, sim, mas não concordam. Não pedem mais esclarecimentos, que, sabem, viriam confirmar o que eles não querem que seja. Ficam com medo de perguntar. Não lhes entra na cabeça que a saída tenha de ser pelo fracasso. O evangelista está “batendo na cangalha para o burro entender”, fala dos discípulos de então, para os de hoje entenderem. Será que entendemos?

A Primeira Leitura, trecho de livro escrito às vésperas do Novo Testamento, fala do judeu fiel no meio de um mundo estranho e inimigo. Expõe o pensamento daqueles que pensavam derrotar o justo, por ser a sua justiça uma acusação viva de suas injustiças. Essas reflexões vêm reforçar o verdadeiro pensamento sobre Jesus.

O Mistério

Será que não preferimos ver a Eucaristia como espetáculo de mágica, para fugir do seu significado mais arriscado e exigente? Será que não acentuamos demasiadamente o “é” esquecendo o “entregue por vós”, o “derramado por vós”?

O gesto de partir o pão quase desapareceu do ritual. Sinal de que esquecemos o sentido do tirar pedaços de si, do entregar-se ao extremo do fracasso, para que se possa repartir e criar comunhão.

+++++

VIGÉSIMO SEXTO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Nm 11, 25-29) Moisés era o grande chefe, o grande líder. Um episódio do tempo em que o povo vivia acampado, antes de entrar na posse da terra, vem mostrar qual o espírito de Moisés.

Salmo (19 [18], 8.10.12-14) No Salmo celebramos a Palavra de Deus, capaz de nos dar o verdadeiro espírito.

2ª Leitura (Tg 5, 1-6) Nas comunidades de cristãos judeus havia também ricos, que só pensavam em engordar mais e mais, explorando os trabalhadores. Lemos o que lhes diz a leitura de Tiago.

3ª L. Evangelho (Mc 9, 38-43. 45. 47-48) Jesus e os discípulos estão a caminho.

Surgem, então, alguns problemas: Quem não acompanha o grupo, mas quer colaborar, pode ajudar? E os maus exemplos, que importância têm?

HOMILIA

A Realidade

“Nessa comunidade sou só eu, ninguém ajuda, ninguém quer saber de nada!” Posso responder? - Porque você assim quer!

Trabalho conjunto exige paixão pela comunidade e ódio por mim mesmo. Quando a gente só pensa em se projetar – e quem está vacinado contra essa tentação? – tudo faz para que ninguém se aproxime ou venha com algo que não sirva para a minha pessoa. Naturalmente fico sozinho ou com meu pequeno grupo, porque ninguém mais serve. A recusa do outro é uma afirmação de mim mesmo.

A Palavra

Jesus está no caminho para Jerusalém, para o grande conflito que terminará na cruz. O caminho é cheio de dificuldades: Os doze, que representam os dirigentes e também um grupo tradicional de cristãos judeus, discutem sobre quem é o maior. Jesus coloca no meio o pequenino, a criança (Mc 9, 33-37).

Já no trecho evangélico de hoje, João, importante entre os doze, não quer ajuda de outros, “pois eles não nos acompanham”. Se não acompanha o grupo, não pode colaborar. Ou se submete, ou cai fora! Isso é ocasião para a frase de Jesus: “Quem não está contra nós está a nosso favor!”. É fundamental na organização das comunidades.

A Primeira Leitura traz episódio semelhante e diálogo entre Josué e Moisés, que termina com a frase também fundamental: “Quem dera todo o povo do Senhor fosse profeta!”.

E os maus exemplos? É preferível morrer afogado com uma enorme pedra amarrada ao pescoço a escandalizar os pequeninos, já apontados como modelos para quem quer se integrar na comunidade.

Deve-se cortar toda atividade (mão), comportamento (pé) ou cobiça (olho) que só visam a grandeza pessoal. Levam à Geena, o lixão, que sempre tem fogo e sempre cheio de vermes.

Na Segunda Leitura o escrito de Tiago, das comunidades de cristãos judeus, lembra que lá havia ricos, que só pensavam em engordar mais e mais, explorando os trabalhadores. Como o destino da boiada que engorda no pasto, o seu é também a morte.

O Mistério

A Eucaristia nos faz Igreja, comunidade de amor. Igreja é estrutura de participação, não de poder ou de competição. Celebrar a morte dAquele que livremente dá a vida pelos outros, não pode jamais ser motivo de exaltação, poder ou grandeza de quem quer que seja. Fazer Igreja é juntar-se aos pequeninos.

+++++

VIGÉSIMO SÉTIMO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Gn 2, 18-24) Vamos ouvir a segunda estória da criação do homem. Ele é único e sozinho. Dono, dá nome aos animais, mas eles não lhe servem de companhia. Dono, continua só. A mulher, tirada do seu lado, do mesmo ser humano único, só ela serve de companhia.

Salmo (128 [127], 1-2. 4-6) No Salmo cantamos um lar feliz, felicidade para a cidade.

2ª Leitura (Hb 2,9-11) Para cristãos judeus tentados a abandonar a fé, este escrito mostra o significado da morte humilhante de Jesus: Foi por aí que ele abriu o caminho da salvação. Ele é o iniciador e guia da salvação.

3ª L. Evangelho (Mc 10,2-16) O livro do Deuteronômio, Lei de Moisés, diz que o marido pode dispensar a mulher como se fosse uma empregada. Os inimigos de Jesus vêm perguntar se isso continua valendo ou não. Jesus responde com outra passagem da Escritura.

HOMILIA

A Realidade

Nas novelas, separações de casais e novas uniões são o que há de mais freqüente, quando não são a trama mesma da estória, o assunto principal.

Isso reflete e influi também na realidade que vivemos. Há casamentos precipitados, que vão redundar em separações mais ou menos traumáticas. Há também separações precipitadas que vão resultar em frustrações, tristezas, depressão e desilusão da vida. Há separações dolorosas que deixam feridas para durar a vida toda. Há também separações tranqüilas e maduras que só fazem bem aos dois e talvez até mesmo aos filhos.

A Palavra

Os inimigos de Jesus vêm perguntar se o marido pode dispensar ou demitir a esposa. O fato é que a “Lei de Moisés” no livro do Deuteronômio (24,1-4), diz que o marido pode dispensar a mulher como se fosse uma empregada, bastando que lhe dê um documento ou carta de demissão. Levam-lhe um problema delicado, pensando assim colocá-lo em dificuldade.

A resposta de Jesus cita outra passagem da Bíblia, que diz ter maior valor, por ser do “princípio”, trazer o pensamento original de Deus, e que conclui: “os dois serão uma só carne”.

Está na Primeira Leitura, a segunda estória da criação do ser humano. Aí ele é criado único e sozinho. Para sua companhia Deus cria os animais. Ele é dono, dá nome a todos, mas continua solitário. A relação de poder não lhe tira a solidão. A mulher, tirada do lado do ser humano único, só ela é igual, só ela é companheira.

No casamento o casal recupera a unidade e a plenitude original do ser humano, por isso os dois serão e devem ser “uma só carne”. Jesus conclui: “o que Deus uniu não deve o homem separar”. Em seguida tira as conseqüências práticas desse princípio.

Jesus está a caminho de Jerusalém, do conflito final que o levará à morte. Como ocorreu no Evangelho de domingo passado, voltam as crianças como modelo de acolhida do reinado de Deus, simples e objetivo, o oposto dos critérios interesseiros e tortuosos deste mundo.

O Mistério

O casal, dois diferentes que se unem para formar um só, é modelo da Igreja, que é modelo do casal. A Eucaristia celebra a Aliança selada no sangue, a morte a si mesmo que possibilita a partilha, o verdadeiro amor, e realiza a comunhão de sonhos e de vida. Sem sacrifício não existe comunhão.

+++++

VIGÉSIMO OITAVO DOMINGO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Sb 7, 7-11) Vamos ouvir uma reflexão sobre a verdadeira sabedoria, a Lei de Deus. Como na história de Salomão, ela te dá os verdadeiros poder e riqueza.

Salmo (90 [89], 12-17) No Salmo pedimos sabedoria para considerar a duração da nossa vida.

2ª Leitura (Hb 4,12-13) O escrito chamado Epístola aos Hebreus disse aos cristãos judeus que a Terra Prometida não era o repouso definitivo, segundo a Palavra de Deus. Agora fala da força desta Palavra.

3ª L. Evangelho (Mc 10,17-30) Para se entender o Evangelho que vamos ouvir será bom lembrar que “Reino de Deus” não quer dizer simplesmente o céu. É a comunidade dos discípulos de Jesus, onde o fiel encontra nova família e novos bens.

HOMILIA

A Realidade

Sonho coletivo hoje parece coisa anacrônica, ultrapassada, fora de época. Talvez o leitor nem entenda o que quero dizer com ‘sonho coletivo’. Sonho coletivo significa o desejo de se realizar alguma coisa para todos, significa ter um projeto maior do que eu, pelo qual vale a pena lutar e sacrificar a própria vida.

Hoje, se há um sonho, um desejo, um projeto, é individual. Se alguém fala em luta, trata-se de luta para ganhar dinheiro e conquistar uma vida pessoal confortável e tranquila. Até as religiões e os movimentos religiosos só prometem resolver os problemas individuais de saúde, paz e dinheiro, nunca os problemas coletivos.

A Palavra

No Evangelho de hoje Jesus está a caminho, a caminho de Jerusalém e da cruz. Vem a ele um indivíduo que parece sonhar com alguma coisa além deste mundo, a vida eterna. Vida eterna é conseqüência da observância da Lei de Deus. Para ele não é problema, há muito tempo que cumpre tudo.

Jesus se simpatiza com ele e o acha capaz de um sonho coletivo, o reinado de Deus, outro mundo possível. Isso exige renúncia, mas se ele quer a vida eterna, então estará disposto a renunciar. Jesus o convida a partilhar tudo o que possui e, ficando pobre, passar a segui-lo nesse caminho, em busca daquele sonho.

Quem disse que ele topou? “É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha”. Não quer dizer que ao rico seja impossível ganhar a vida eterna. Isso está nas mãos de Deus, o único bom. Mas topar o sonho coletivo do reinado de Deus é difícil para quem tem muito, a riqueza lhe pesa como uma carga maior do que ele e dela ele não consegue se desvencilhar. Quanto mais acumula para si, menos pensa no coletivo. É difícil, mas é possível.

Para seguir Jesus, Pedro deixou uma rede de pesca, tudo. Quem deixa tudo, ganha tudo na comunidade, com perseguição, com dificuldades, mas ganha e com muito mais alegria e felicidade. A Primeira Leitura refletindo sobre a sabedoria de Salomão busca ilustrar isso.

O Mistério

Celebramos a morte e proclamamos a ressurreição, enquanto esperamos. A Missa celebra o caminho e a chegada, o dar tudo, a partilha de si mesmo e o resultado, a comunhão, o sonho da mesa comum da humanidade. Esperamos não passivamente, mas participando do sacrifício que prepara a comunhão.

+++++

VIGÉSIMO NONO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Is 53,10-11) Mais de quatrocentos anos antes de Cristo foram escritos quatro poemas ou cânticos do Servo do Senhor colecionados no livro de Isaías. Lemos um trecho do último deles. O projeto de Deus era mesmo salvar através da humilhação e do serviço?

Salmo (33 [32], 4-5.18-20. 22) Celebramos a confiança em Deus, mesmo na perseguição.

2ª Leitura (Hb 4,14-16) Muitos cristãos judeus estavam desiludidos com a destruição do Templo, com o fim do sacerdócio e dos sacrifícios. O texto lembra que Jesus substituiu com vantagem tudo o que eles haviam perdido.

3ª L. Evangelho (Mc 10, 35-45) Jesus está subindo para Jerusalém, para a cruz. Está explicando isso aos doze. Será que eles, os dirigentes da Igreja, entendem, querem seguir Jesus até à cruz?

HOMILIA

A Realidade

Fazer carreira parece ser o objetivo máximo da vida de todos. Em qualquer profissão, em qualquer área em que a pessoa atue, ela pensa sempre em subir, chegar mais ao alto, lá em cima, até mesmo no topo.

Isso está presente muitas vezes até mesmo dentro da Igreja, seja naqueles ou naquelas que têm uma dedicação exclusiva ao serviço do todo, seja nas menores comunidades, grupos ou movimentos. O Papa Francisco classificou isso como uma das piores doenças da Igreja.

Os mestres do nosso mundo costumam dizer que sem isso não há progresso, que sem espírito de competição e de interesse próprio ninguém faz nada. É a lei do mercado.

A Palavra

No Evangelho de hoje Jesus está subindo para Jerusalém, para o conflito final que o levará à cruz, ao mais profundo fracasso humano. Ele vinha explicando isso (vv. 32-34) só aos doze, quando João e Tiago o interrompem para pedir os primeiros lugares.

Os dois e, com eles, os outros dez, representam um grupo de fiéis da comunidade que nos deu o Evangelho e, sem dúvida, também seus dirigentes atuais. Já está havendo disputas de poder entre os discípulos, menos de quarenta anos depois de Jesus. Quase dois mil anos depois, não é de admirar que aconteça.

Jesus dá atenção aos dois. Para eles glória seria o poder, para Jesus é a cruz, o batismo de sangue, o cálice de dor. Eles serão capazes de seguir o caminho de Jesus (quando o Evangelho foi escrito, pelo menos Tiago já o tinha feito). Os outros dez, porém, ficam enciumados.

Os mais próximos de Jesus e os dirigentes têm muita dificuldade em entender que o caminho é outro, a solução é outra, não é a do mercado, da competição e disputa de poder. É a do serviço. Do serviço humilde. Do serviço humilhante. Do serviço que leva à maldição da cruz.

Só esse projeto de Deus é capaz de tirar o pecado do mundo e abrir as portas de outro mundo possível, como dizia o poema de Isaías na Primeira leitura.

O Mistério

A Eucaristia celebra o partir-se em pedaços e dar o sangue que torna possível a comunhão, a partilha, a solidariedade, a igualdade sonhada. Quando o presidente da celebração apresenta o cálice e a hóstia, os sinais separados do corpo e do sangue, sacramento da morte de Jesus, diz “eis o cordeiro que tira o pecado do mundo”. É essa morte que tira do mundo a desgraça da competição e do egoísmo.

+++++

TRIGÉSIMO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Jr 31,7-10) O livro de Jeremias celebra a esperança de volta do cativo. Será uma festa mesmo para os que têm maior dificuldade para andar, o cego, o estropiado, a mulher grávida.

Salmo (126 [125], 1-6) Cantamos a alegria dos que saem do cativo para a liberdade.

2ª Leitura (Hb 5, 1-6) Para convencer os cristãos judeus de que Jesus é melhor do que os antigos sacerdotes deles, o texto de Hebreus compara Jesus com Aarão, o primeiro sacerdote e seus sucessores.

3ª L. Evangelho (Mc 10, 46-52) Os dirigentes estão brigando pelo poder, nem pensam na cruz. Muitos discípulos só admiram, torcem por Jesus. Será que uma hora vão enxergar e seguir Jesus pelo caminho que leva à cruz?

HOMILIA

A Realidade

Ouvi de uma menina que ia fazer sua primeira comunhão: “Para viver em comunidade a gente precisa passar pela cruz.” Não há outro caminho, sem esvaziar-se um pouco de si, ninguém contribui para qualquer objetivo ou busca comum. Uma pequena associação, qualquer que seja ela, um grupo ou coisa semelhante só se constrói com o sacrifício dos membros. Quem não enxerga isso, jamais viverá em comunidade, jamais será Igreja.

A Palavra

No Evangelho estamos saindo para a última etapa do caminho para Jerusalém, para a cruz. Quando Jesus toma esse caminho, alguns discípulos se admiram de sua coragem, os que o seguem de verdade vão com medo (e quem não tem medo da cruz?). Enquanto isso, os doze, os dirigentes, vêm disputando poder.

Quando Jesus e os discípulos saem de Jericó para a última etapa do caminho, um mendigo cego de nome Bartimeu (filho da honra), sentado à beira do caminho, chama Jesus de Filho de Davi e pede que tenha pena dele. É preciso entender o significado de cada detalhe e a gente mesma colocar-se no lugar do cego.

Filhos da glória, cegos, ainda pensamos em Jesus como um rei vitorioso, um filho de Davi. Precisamos reconhecer-nos cegos, mendigos e sentados à margem do caminho. Jesus, embora não o enxerguemos bem ainda, pode nos ajudar.

Jesus chama o cego. Ele joga para trás tudo (o manto era tudo, a própria pessoa, a própria vida, para o hebreu), pula de pé e vai até Jesus. Um cego físico dificilmente faria isso. Mas jogando tudo para trás, podemos deixar de estar sentados e à beira do caminho.

Ele quer enxergar, é o começo de tudo. “Tua fé te salvou!” Quis enxergar, enxergou. E, enxergando, foi seguindo Jesus pelo caminho. Quem enxerga segue Jesus pelo caminho. O cego e o deficiente que, na Primeira Leitura, participam da festa da volta do cativo também estão cheios de valor simbólico, para os primeiros leitores e para nós hoje.

O Mistério

A celebração semanal da Eucaristia não tem outro objetivo senão abrir nossos olhos para que a gente veja que o caminho da salvação é a cruz, é a entrega de si mesmo. Relembro aqui o que ouvi: “nem que a gente vivesse mais duzentos anos, terminaria de entender o significado da morte de Jesus”. Se celebramos a chegada, não podemos fechar os olhos para o caminho. Se queremos a festa da libertação e da comunhão, não podemos esquecer a cruz.

+++++

TRIGÉSIMO PRIMEIRO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Dt 6,2-3) O texto que vamos ler introduz aquele que se tornou a oração diária do israelita fiel, o “Chemá, Israel”. Fala do temor do Senhor, a fidelidade aos seus mandamentos.

Salmo (18 [17, 2-4. 47.51) O Salmo canta a Lei de Deus.

2ª Leitura (Hb 7, 23-28) Para reanimar os cristãos judeus, o texto que vamos ouvir vai comparando Jesus com os sacerdotes da sua antiga tradição.

3ª L. Evangelho (Mc 12, 28b-34) A crítica constante dos Evangelhos aos fariseus não quer dizer que houve um rompimento total com o Primeiro Testamento. Um escriba, representante legítimo da religião judaica, é elogiado por Jesus.

HOMILIA

A Realidade

Tinha um cargo importante na Associação e era urgente uma reunião da diretoria da Associação para resolver questões muito importantes para todo o bairro. Quando o chamaram para a reunião, ele respondeu: - Estou de saída para o meu Grupo de Oração, não contem comigo! Disseram: - Mas a sua presença é muito importante na reunião. Algumas decisões vão depender diretamente do seu cargo. – Primeiro amar a Deus! –

disse ele – Vou louvar bastante o Senhor. Desejo a vocês uma boa reunião e posso até rezar pelo bairro, mas primeiro vou louvar a Deus, que é o primeiro mandamento.

A Palavra

Temer a Deus (1ª Leitura) é obedecer aos Mandamentos e, assim, é também respeitar e defender o direito dos mais fracos. O livro do Levítico diz: “Não ponha obstáculo no caminho do cego, tenha temor de Deus!” “Não fale mal do surdo, tema a Deus!”, no Evangelho de Lucas há um juiz que não dava atenção à viúva pobre, porque não temia a Deus. É que Deus é o defensor dos fracos e, ainda, os mandamentos visam todos a promover uma convivência de amor e de respeito entre as pessoas.

Um escriba ou doutor da Lei dirige-se a Jesus no Evangelho, perguntando qual o principal mandamento. Para alguns mestres não há mandamento principal, todos são iguais, para outros é o sábado. Jesus responde que é o de amar a Deus, citando o ‘Shemá’, a oração diária do judeu, mas une ao amor a Deus o amor ao próximo.

O escriba concorda e completa dizendo que os dois mandamentos juntos valem mais do que qualquer ato de culto a Deus como as oferendas e os holocaustos. E Jesus diz que ele não está longe do Reino de Deus. Quer dizer que o amor a Deus não é a mesma coisa que prestar-lhe culto ou louvá-lo, seja nos modelos antigos de oferendas e holocaustos, seja nas formas de hoje.

Amar a Deus é, antes de tudo, apoiar-se nele e ser fiel ao defensor dos fracos.

O Mistério

A Missa é um ato que une da maneira mais perfeita possível os dois mandamentos. Celebramos, lembrando e revivendo, o maior gesto de amor à humanidade, que foi a entrega que Jesus fez de si mesmo à pior das mortes. E ele faz isso como um gesto de partilha de si mesmo: “é o meu corpo entregue”, “é meu sangue derramado”.

Ao mesmo tempo, por ele, com ele e nele, nós todos, unidos pelo Espírito Santo damos ao Pai toda a honra e toda a glória.

+++++

TRIGÉSIMO SEGUNDO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (1Rs 17,10-16) Das estórias de Elias, uma viúva pobre e estrangeira dá-lhe hospedagem num período de forte seca.

Salmo (146 [145], 7-10) Cantamos a Deus que valoriza e socorre os pequenos.

2ª Leitura (Hb 9,24-28) Para reanimar os cristãos judeus, a Epístola aos Hebreus compara o Santuário, o lugar mais sagrado do Templo de Jerusalém ou da Tenda Sagrada do deserto, com o céu, onde Jesus entrou pela ressurreição.

3ª L. Evangelho (Mc 12, 38-44) Nos dois episódios do Evangelho, vamos observar o contraste entre os dirigentes religiosos, os mestres da Lei de Deus, ou escribas, e a viúva pobrezinha.

HOMILIA

A Realidade

Quando você liga a televisão em algum canal religioso que lhe promete cura de doenças e enfermidades ou a solução de problemas financeiros ou sentimentais, pode esperar que

logo vem o pedido de dinheiro. Os pop stars religiosos são ou se fazem tratar como grandes estrelas que deixam na sombra o próprio Jesus Cristo.

Por outro lado, a solidariedade entre os pequenos e pobres nos ensina a como viver a mensagem do reinado de Deus anunciado por Jesus.

A Palavra

Jesus está em Jerusalém, onde entra em conflito com as autoridades religiosas dos judeus, acomodadas ao sistema do Império Romano, sistema de patronos, que eram os chefes, e clientes ou dependentes, o resto.

O “povão” o escutava com gosto e ele criticava os mestres da Lei de Deus, os escribas, que, como guias de cegos, lhes costumavam explicar a Bíblia aos sábados na sinagoga.

Ele não deixa por menos: “Cuidado com eles!” Gostam - a gente diria hoje - de andar “produzidos” da cabeça aos pés, dos aplausos do público e de serem os primeiros em toda a parte. Mas, cuidado! Tiram o último tostão dos pobres, fingindo longas orações. Em contraste vem o episódio da viúva pobrezinha. Ela dá de coração seus últimos trocados, que lhe poderiam garantir algum sustento. Os ricos exibem grandes doações, mas Jesus ensina os discípulos a ver: a doação da viúva foi muito maior. Combina com o Evangelho o episódio da viúva de Sarepta na Primeira Leitura. Ela soube partilhar com o profeta o último bocado que tinha para se alimentar.

O Mistério

Falar em “show-missa” é o mesmo que falar em círculo quadrado. A celebração do mistério eucarístico nunca pode ser um espetáculo. Nem de Jesus e muito menos do presidente da celebração.

O que celebramos, procurando fazer “o mesmo que ele fez naquela ceia derradeira”, é a grande partilha não apenas do próprio pão, mas da própria pessoa. É a entrega de si mesmo à mais humilhante das mortes, para abrir o caminho da comunhão e da vida.

+++++

TRIGÉSIMO TERCEIRO DOMINGO DO TEMPO COMUM

Os textos bíblicos deste domingo:

1ª Leitura (Dn 12,1-3) Daniel fala da luta de Miguel, que quer dizer “Quem como Deus?”, em favor do povo. Bons e maus ressuscitam para o julgamento.

Salmo (16 [15], 5. 8-11) As palavras do Salmo nos falam hoje da esperança de vida eterna.

2ª Leitura (Hb 10,11-14.18) Para reanimar os cristãos judeus, esta Leitura vai comparando Jesus com os sacerdotes do antigo Templo.

3ª L. Evangelho (Mc 13, 24-32) Com uma linguagem apocalíptica (nós também falamos “o céu veio abaixo”, “caí das nuvens”) o Evangelho fala de um fim. Fim de Jerusalém, porque “esta geração verá!”, ou fim do mundo, pois “só o Pai sabe quando.”?

HOMILIA

A Realidade

Parecia que estávamos fora da crise. Pelo menos é o que diziam homens de governo e muitos da imprensa. O Brasil parecia ter sido pouco atingido. Para muitos, porém, especialmente para brasileiros que moravam no Japão, nos Estados Unidos ou na Europa, a vida mudou muito.

As crises revelam a fragilidade do sistema capitalista, de acumulação da riqueza nas mãos de poucos e, principalmente, de especulação financeira, que nada produz. Muita coisa está mudando e terá que mudar e, em muitos casos, será preciso começar tudo de novo.

A Palavra

Com uma linguagem apocalíptica o Evangelho de hoje fala de um fim. Linguagem apocalíptica nós utilizamos quando usamos expressões como “o céu veio abaixo”, “caí das nuvens”, “foi um fim de mundo” e outras.

Jesus alertou contra os pretensos messias ou cristos. Quando este Evangelho está sendo escrito, os “bandidos” que tomaram o poder em Jerusalém brigavam entre si para ver quem seria o cristo ou messias, o salvador da pátria.

A crise que vai ser um fim de tudo e um novo começo será a destruição de Jerusalém, muito próxima, às portas, para acontecer ainda nesta geração. Isso está dito desde os primeiros versículos do capítulo 13. Mas será como um fim de mundo, quando “o céu vem abaixo”, e será um novo começo, a chegada do verdadeiro Messias, “a vinda do Filho do Homem”.

Para o cristianismo nascente foi um desafio e uma oportunidade. Foi o fim do antigo judaísmo. O cristianismo é filho do judaísmo e ainda estava preso a ele. Foi como se a mãe morresse antes de se cortar o cordão umbilical.

A primeira leitura fala de uma crise do seu tempo. A vitória é de Miguel, que quer dizer “Quem é igual a Deus?”. Seu inimigo era o império do rei Antíoco, que se fazia Deus.

Hoje poderíamos dizer que o inimigo é “Quem é igual ao Mercado?” ou “Quem é igual ao dinheiro?”. Mas a vitória é de Miguel. A crise é um julgamento e todos terão de voltar para serem julgados.

O Mistério

Na Missa celebramos a morte e ressurreição de Jesus até que Ele venha. Na Comunhão celebramos a realização plena do reinado de Deus, a vitória de Miguel, a vitória do povo. Mas, enquanto ainda estamos nessa “mesa de peregrinos”, celebramos a entrega de si mesmo à morte que julga a humanidade e prepara a Comunhão.

+++++

SOLENNIDADE DE CRISTO REI

Os textos bíblicos desta solenidade:

1ª Leitura (Dn 7, 13-14) Lemos o texto do livro de Daniel que marcou muito o Novo Testamento, principalmente quando dá a Jesus o título de “O Filho do Homem”.

Salmo (93 [92], 1-2. 5) Com as palavras do Salmo cantamos a Jesus, nosso rei.

2ª Leitura (Ap 1, 5-8) Para animar as comunidades pobres e perseguidas da Ásia Menor João, o autor do Apocalipse, as chama de “reino de sacerdotes”, por causa do crucificado, agora vitorioso.

3ª L. Evangelho (Jo 18,33b-37) Dentro da casa de Pilatos, representante oficial do Rei de Roma, Jesus afirma que é rei e que para isso veio ao mundo. Só que o seu reinado é diferente.

HOMILIA

A Realidade

Ao final da copa de 1958, ao receber os cumprimentos do rei da Suécia, Pelé colocou a mão no ombro do rei. Viram aí uma quebra do protocolo: ninguém pode tocar no rei. Logo em seguida comentaram: “Não faz mal! Hoje o rei é ele!” A partir de então Pelé passou a ser chamado de rei do futebol. Algum tempo depois a popularidade de Roberto Carlos deu a ele também o título de rei.

Os reis hoje não governam, são apenas chefes de estado, representam a nação. Quem governa é o Primeiro Ministro ou o Conselho de Ministros. No passado não era assim. O rei mandava, a vontade ou até mesmo um capricho do rei era lei.

O Papa Pio XI instituiu a solenidade de Cristo Rei para incentivar os cristãos a fazer de sua presença no mundo uma força de transformação. Através dos cristãos, Jesus deve governar o mundo.

A P a l a v r a

Dentro da casa de Pilatos, representante do Rei de Roma, o senhor do mundo de então, Jesus, prisioneiro, de mãos atadas, diz que é rei e que para isso veio ao mundo.

Jesus não tem medo de Pilatos, que lhe responde de maneira agressiva, mas quer saber o que está acontecendo. Jesus responde dizendo que o seu reino não é deste mundo. Não está dizendo que não se interessa por este mundo e pelo que aqui acontece.

Diz que seu reinado é diferente, ele não tem seguranças nem exército para defendê-lo, não é como os “poderosos” deste mundo que se impõem pela força. Ele é rei de verdade e da verdade. Para isso veio ao mundo. Veio dar testemunho da verdade.

A verdade é a cruz. A verdade é dar a vida, sacrificar-se pelo outro. Mentira é a exploração do homem pelo homem. Mentira é o Mercado, onde só têm lugar os “competentes”.

O livro de Daniel fala de um “filho do homem” levado à presença de Deus e a quem todos os povos vão obedecer. Mais adiante (v. 18) vai dizer que “quem vai receber o reinado são os santos do Altíssimo”, o povo fiel.

Enquanto isso, o Apocalipse dá às comunidades pobres e perseguidas o título de reis e sacerdotes, com o Crucificado, “soberano dos reis da terra”.

O M i s t é r i o

Na Missa celebramos o reinado de Cristo, “reino da verdade, da justiça, do amor e da paz”. A grande partilha que concretiza esse reinado é a que faz de si mesmo Aquele que nos amou e por nós deu o seu sangue, a sua vida. Celebrar leva-nos ao compromisso de viver.

+++++

FESTAS E SOLENIDADES QUE SUPLANTAM OU SE CELEBRAM NO DOMINGO

8 de dezembro
IMACULADA CONCEIÇÃO
Os textos bíblicos desta solenidade:

1ª Leitura (Gn 3,9-15.20) A cobra dá medo. A primeira reação é esmagar-lhe a cabeça. A ameaça da cobra e a reação nossa são símbolos da luta da humanidade contra o pecado. Lembramos que Maria, mãe de Jesus, venceu, esmagou a cabeça da serpente. Salmo (98 [97], 1-4) No salmo cantamos a salvação que se revela em Maria sem pecado.

2ª Leitura (Fl 2,4-6.8-11) O Conselho de Paulo é para que cada qual se considere o último de todos e não pense nos seus interesses, mas no de todos. Isso é a vitória completa sobre o pecado. Quem faz isso?

3ª L. Evangelho (Lc 1,26-38) O Evangelho fala da anunciação do nascimento de Jesus. Aquela jovem, pobre e da roça é saudada pelo anjo - e por nós também - como “cheia de graça”. Hoje celebramos Maria cheia de graça, sempre livre do pecado.

A Realidade

Com crianças que se preparavam para a primeira confissão refletíamos sobre um desenho que lembra a árvore bíblica do conhecimento do bem e do mal, chamada por nós de “árvore do sabe-tudo”. Falávamos da cobiça do ser humano de ser igual a Deus, sabe-tudo, absoluto.

Perguntei às crianças se já haviam experimentado o gosto da “fruta do sabe tudo”. Cada um respondia, falando de suas travessuras e mau comportamento. A certa altura um menino perguntou: - O Sr. também já não experimentou? Tive de responder: - É claro que sim, só Jesus e Maria nunca experimentaram. É o que diz a nossa fé. E, com relação a Maria, é o que hoje celebramos.

A Palavra

O Evangelho fala da anunciação do Anjo. Aquela que era mulher, jovem, pobre e de uma aldeia desprezada é saudada pelo Anjo - e por nós também - como “cheia de graça”. Essa expressão “cheia de graça” hoje nos fala da vitória de Maria sobre todo pecado.

Celebramos Maria cheia de graça, livre do pecado, da cobiça, do gosto da “fruta do sabe-tudo”, desde sua concepção. Por isso dizemos Imaculada Conceição ou Maria concebida sem a mancha do pecado.

A Primeira Leitura é o final da estória da entrada do pecado no mundo. É estória nada histórica, mas é a maior verdade da história. A cobra dá medo. A primeira reação é tentar esmagar-lhe a cabeça. A ameaça da cobra e a reação nossa são símbolos da luta contra a nossa cobiça. É uma luta que continua e na qual nunca nos poderemos considerar vencidos nem vencedores em definitivo.

Lembramos hoje que Maria, mãe de Jesus, venceu, esmagou a cabeça da serpente do pecado. Está nas imagens da Imaculada Conceição, onde Maria pisa a cabeça de uma serpente.

O Mistério

Na Eucaristia celebramos Aquele que deu o sangue para nos livrar do pecado. “O meu sangue...para a remissão dos pecados”. Remir é tirar da escravidão.

O pecado, a cobiça como define São Paulo, leva uns a escravizarem os outros, enquanto que os “sabe-tudo” acabam sendo escravos do dinheiro ou da própria imagem. Jesus assume a morte maldita para nos livrar desse regime de escravidão, do qual Maria foi plenamente libertada. E a mesa comum da comunhão aponta para o horizonte oposto ao do caminho da cobiça.

+++++

2 DE FEVEREIRO
APRESENTAÇÃO DO SENHOR
Os textos bíblicos desta solenidade:

1ª Leitura (Ml 3,1-4) O texto que vamos ouvir é de um profeta que esperava o Messias. Para ele o Messias viria purificar o templo e os sacerdotes, os filhos de Levi. Hoje é o Menino Jesus que é levado ao templo.

Salmo (24 [23], 7-10) Com as expressões grandiosas do salmo, cantamos a entrada do Menino Jesus no templo.

2ª Leitura (Hb 2, 14-18) Cristãos judeus pensavam abandonar a fé. Para animá-los a continuar firmes, foi escrito o que vamos ouvir. O escrito lembra Jesus, judeu com os judeus, fraco com os fracos, para dar força a todos, nas horas difíceis.

3ª L. Evangelho (Lc 2,22-40) O Evangelho de Lucas mostra um Jesus obediente à Lei judaica desde criança. O episódio que ele nos conta é o que celebramos hoje.

HOMILIA

A Realidade

“Aqui é proibido falar de religião e de política!”. Em muitos lugares e em muitas organizações essa é uma norma. É como se dissessem: “Isso aqui não tem religião nem partido político”. Ou, é melhor que ninguém tenha opinião formada sobre esses assuntos, para se evitarem problemas maiores, queremos paz.

Religião e política são assuntos que criam divisões e desavenças “inconvenientes”. Seria melhor que ninguém tivesse compromisso com nada, que, assim não perturbaria a ordem e a paz.

A Palavra

A primeira Leitura é de um profeta que esperava o Messias. Para ele o Messias vem para purificar na fornalha, como se fossem um metal, o templo e os sacerdotes, os filhos de Levi. Hoje o Menino Jesus é levado ao templo. Aquele bebê de pouco mais de um mês, apesar da aparência frágil, é o Messias que vem purificar, limpar a fundo tudo o que mancha o templo, o sacerdócio e tudo o mais.

O Evangelho segundo Lucas fez questão de mostrar um Jesus obediente à Lei judaica desde o princípio de sua vida. Segundo a Lei de Moisés, todo primeiro filho, tanto dos animais quanto dos humanos pertence a Deus. O dos animais deve ser sacrificado, o dos humanos deve ser resgatado. Jesus foi resgatado pela oferta dos pobres, “um par de rolas ou dois pombinhos”.

A fala de Simeão, entretanto, confirma que Jesus veio para incomodar. É a salvação de Deus para a humanidade toda, mas será causa de elevação e de queda de muitos em Israel. Será um sinal de contradição, diante dele todos terão de tomar posição, contra ou a favor. E a mãe de Jesus, como o povo de Israel, terá o coração cortado pela espada, como o povo todo estará dividido contra ou a favor dele. “Eu não vim trazer a paz, mas a divisão” vai dizer ele neste mesmo Evangelho (12,51-53).

O Mistério

“Comungar é tornar-se um perigo” diz o conhecido cântico. Participar da Eucaristia tem de significar uma tomada de posição do lado de Jesus e contra tudo o que destrói a humanidade e a própria terra. Se necessário, purificar no fogo o templo e os sacerdotes. É impossível fugir do confronto entre Jesus e o que manda no mundo. Os chefes deste mundo o matam, mas é então que ele se torna o “cordeiro que tira o pecado do mundo”.

+++++

24 de junho
NATIVIDADE DE SÃO JOÃO BATISTA

Os textos bíblicos desta solenidade:

1ª Leitura (Is 49,1-6) Lemos, com o pensamento voltado para João Batista, o poema do livro de Isaías que fala de um servo do Senhor chamado por Deus desde o ventre de sua mãe.

Salmo (139 [138], 1-3.13-15) Com as palavras do Salmo cantamos o nascimento de João Batista.

2ª Leitura (At 13,22-26) Vamos ouvir nesta leitura um resumo da primeira pregação cristã. Já aparece com clareza o papel importante de João Batista, cujo nascimento hoje celebramos.

3ª L. Evangelho (Lc 1,57-66.80) Lemos no Evangelho o nascimento, hoje, de João Batista. Notar o que significa o fato de o nascimento do menino chamado João (graça de Deus) desatar a língua de seu pai, Zacarias (Deus se lembra).

HOMILIA

A Realidade

“O muito sem Deus é nada, o pouco com Deus é tudo”. Já ouvimos certamente o ditado nessa formulação ou em outra semelhante. Expressa a idéia de que com Deus, com sua ajuda, as coisas todas se encaixam e os problemas todos se resolvem. A convicção da presença de Deus faz com que, do pouco e do fraco, se possa alcançar tudo, chegar à plena satisfação.

A Palavra

Os nomes dos personagens que estão em torno do nascimento do Batista, que hoje celebramos, já dizem muito. Zacarias significa ‘Deus se lembrou’, Isabel é ‘Deus dá fartura’ e João quer dizer ‘Deus teve pena’.

Zacarias e Isabel eram um casal pobre e sem filhos. Zacarias tinha emprego apenas por alguns meses durante o ano, quando atuava como sacerdote no templo em Jerusalém. Isabel se considerava estéril, pois já estava bem idosa e não tinha ainda gerado um filho. Zacarias estava mudo em consequência da visão que tinha tido no templo, quando estava exercendo seu ministério temporário.

O nascimento do menino foi aquela festa no meio da vizinhança pobre e solidária. Isabel, a ‘fartura de Deus’, ficou plenamente satisfeita. O filho só poderia se chamar ‘Deus teve pena’, João. Deus se lembrou de Zacarias que, além de tudo, soltou a voz. Tudo isso fez a vizinhança se perguntar: “Que será deste menino?”.

“Um profeta” é a resposta natural. Alguém chamado por Deus já desde o ventre da mãe, como Jeremias e como Isaías, que nos fala na Primeira Leitura. Será o maior de todos, pois com a sua pregação tem início o Novo Testamento como ouvimos na Segunda Leitura.

O Mistério

A Eucaristia é sacramento da presença. Na Missa, mais de uma vez dizemos “Ele está no meio de nós!”. Por menor (“onde dois ou três estiverem reunidos”) e por mais humilde que seja a assembleia reunida, ali está Ele.

Nos exíguos sinais do pão e do vinho está a sua carne, sua humanidade sacrificada por nós, está seu sangue, a sua morte em nosso favor. Na sua pobreza está Deus, Deus está com a nossa pobreza.

+++++

Domingo entre 28 de junho e 04 de julho **SÃO PEDRO E SÃO PAULO**

Os textos bíblicos desta solenidade:

1ª Leitura (At 12,1-11) Nos primeiros anos depois da morte e ressurreição de Jesus já começava perseguição contra os discípulos. Vamos ouvir o episódio da prisão de Pedro, a oração que a comunidade faz por ele e como Deus lhe abriu as portas do cárcere.

Salmo (34 [33], 2-9) Celebramos o Martírio de Pedro e Paulo com os versículos do Salmo.

2ª Leitura (2Tm 4, 6-8.17-18) Esta leitura nos coloca Paulo vendo chegar a hora do martírio, a hora de dar a vida pela fé. Olha para suas lutas passadas e para as recompensas que o esperam.

3ª L. Evangelho (Mt 16,13-19) Pedro declara com firmeza que os discípulos, ao contrário do que os outros diziam, crêem que Jesus é o Messias. É por isso, que Jesus confia a ele a tarefa principal na sua Igreja.

HOMILIA

A Realidade

Na reunião de um grupo de reflexão uma “dirigente” dizia que tinha o apoio do padre, que ela é que preparava as reuniões, ela sabia mais que os outros etc. etc., por isso ela era o bom pastor. Um participante retrucou: “Fulana, você já viu um burro ficar tão prático no varal da carroça que um dia ele passa a carroceiro? Só Jesus é o verdadeiro pastor!”.

O rebanho é dele, a Igreja é dele. Mas não pode ficar à mercê dos ventos ou da boa vontade espontânea para se organizar e caminhar. O grupo humano, por menor que seja, a comunidade, por melhor que seja, a Igreja toda, por mais consciente que seja, não podem ficar sem organização, sem distribuição de tarefas e encargos. Um carro precisa de motor, mas precisa também de direção.

A Palavra

Na Palestina a expectativa era da vinda de um Messias-Rei que viesse resolver o problema nacional. Fora de lá, Jesus pergunta quem ele é. Contra a opinião do povo que via nele apenas mais um profeta, Pedro afirma ser ele o verdadeiro Messias.

Por força dessa profissão de fé que corresponde ao verdadeiro pensamento de Deus, Jesus lhe dá o encargo de ser a rocha sobre a qual constrói a sua Igreja. A Igreja, comunidade dos discípulos de Jesus está sempre se construindo, se formando e não pode esquecer a primeira pedra do seu alicerce.

O que hoje se celebra é o martírio das duas testemunhas, Pedro e Paulo, mortos pelo mesmo Império Romano que matou Jesus (Ap 11,8). A primeira leitura fala de uma prisão e libertação de Pedro e da oração da comunidade por ele. A segunda Leitura apresenta Paulo, o grande motor da Igreja primitiva e companheiro de Pedro no testemunho, vendo chegar a hora de sua morte.

O Mistério

Jesus é o primeiro dos mártires, aquele que deu seu belo testemunho perante Pôncio Pilatos (1Tm 6,13). Os outros foram apenas seus seguidores. De Pedro o próprio Jesus alude à sua morte de cruz (Jo 21,18-19) e completa “Segue-me!”.

Na Eucaristia celebramos também todos aqueles que lavaram seus mantos no sangue do Cordeiro imolado e de pé e que, assim, tira o pecado do mundo. Não é a riqueza, o poder ou a autoridade, é a doação da própria vida que faz vir o Reino de Deus e realizar-se sua vontade assim na terra como no céu.

+++++

6 de agosto **TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR**

Os textos bíblicos desta festa:

1ª Leitura (Dn 7,9-10.13-14) O livro de Daniel tem o objetivo de dar forças a um povo sofredor, já desanimado de tanto pelear. Vemos na leitura de hoje a glória de Jesus que sai vitorioso da morte mais humilhante.

Salmo (97 [96], 1-2.5-6.9) Com as palavras do Salmo comemoramos a glória de Jesus, vencedor da morte.

2ª Leitura (2Pd 1,16-19) O que nós vamos ouvir foi escrito numa época de crise muito séria. Falava-se muita coisa, havia muita fantasia, mas a realidade da vida era esquecida. A lembrança da experiência de Pedro de ver a glória de Cristo vem dar força e segurança.

3ª L. Evangelho (Mc 9,2-10) O episódio que vamos ouvir no Evangelho está pouco antes da subida para Jerusalém, para a cruz e para Deus. Jesus vai falar de sua humilhação e morte. Será este o caminho que Deus quer? A Bíblia confirma? Os discípulos vão entender?

HOMILIA

A Realidade

A oração pedia a Deus que ajudasse a entender cada vez melhor o que significa ser discípulo de um marginal, de alguém condenado como criminoso irrecuperável, perigoso lixo da sociedade etc.. Um bispo, ao ver o texto, disse que não concordava, outro, quando o grupo rezava a oração, cruzava os braços e fechava a boca ostensivamente, como se estivesse com medo de pronunciar alguma frase daquela oração.

A Palavra

O episódio da transfiguração é situado no início da caminhada de Jesus para Jerusalém, para o confronto que o levaria à cruz.

Logo após a confissão de fé de Pedro Jesus começa a esclarecer a necessidade de subirem para Jerusalém, onde ele encontraria a condenação e a morte de cruz. Pedro o recrimina, dizendo que Deus não vai permitir uma coisa dessas. Jesus o chama simplesmente de satanás e pedra no caminho. Logo após vem o episódio da transfiguração.

Mais adiante, Jesus está falando mais uma vez na condenação e morte de cruz, quando, os irmãos Tiago e João o interrompem para fazer um pedido. Jesus dá atenção aos dois e os outros dez ficam enciumados.

É preciso que em casa, na comunidade, Jesus explique que entre os poderes deste mundo é assim, mas que entre seus discípulos deve ser diferente, como ele próprio, que veio para servir e não para ser servido.

Eles não querem ouvir falar da cruz, querem o poder. Não aceitam a condenação pelas autoridades, a humilhação de morrer como um amaldiçoado por Deus (Dt 21,22-

23). Por isso, Jesus leva os três à montanha do encontro com Deus, mostra a glória da ressurreição e a coerência com as Escrituras (Moisés e Elias). A voz do céu diz aos três: “Ele é o querido Servo (filho) Sofredor. Escutem o que ele diz!”

O Mistério

Fazer isso em memória de Jesus é celebrar a sua paixão. A regularidade da celebração eucarística (damos graças por celebrar a morte) é para nos fazê-lo ouvir sempre, tem como objetivo fazer-nos reconhecer que somos discípulos de um condenado por mais repugnante nos pareça essa ideia.

+++++

ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA

Os textos bíblicos desta solenidade:

1^a Leitura (Ap 11,9a; 12,1. 3-6a.10ab) O livro do Apocalipse foi escrito para animar as comunidades pobres e perseguidas da região. A figura da mulher pode ser a comunidade cristã, o Israel antigo e também Maria. Nossa Senhora venceu o dragão da morte. É o que nós hoje celebramos,

Salmo (45 [44], 11-16) As palavras do Salmo nos lembram Maria na glória de Deus.

2^a Leitura (1Cor 15, 20-27a) A vitória de Maria sobre a morte que hoje celebramos está ligada à vitória, à Ressurreição de Jesus.

3^a L. Evangelho (Lc 1.39-56) Celebramos hoje a glória de Maria. Aquela que não era ninguém neste mundo, pois mulher, jovem, pobre e de uma aldeia desprezada da roça, agora é glorificada com Jesus e como ele também vence a morte. Ouçamos o que Maria nos diz no Evangelho.

HOMILIA

A Realidade

Hoje o que não aparece não existe. Por isso talvez, a vontade louca de aparecer, de fazer sucesso, de dar ibope. Além disso, o refrão inúmeras vezes repetido é que a pessoa precisa ser competente, e não só, ter também boa aparência e numerosos títulos.

Uma jovem, mulher, pobre, sem estudos, nascida e criada em algum ponto perdido do mundo, “onde - se costuma dizer - o Judas perdeu as botas”, teria algum lugar, algum espaço? Alguém lhe daria algum valor? Ou sua passagem pelo mundo não ficaria totalmente ignorada?

A Palavra

A solenidade da Assunção de Maria celebra a glorificação, semelhante à de seu filho Jesus, daquela que não seria ninguém, por ser mulher onde só o homem tinha voz, e era pobre, sem estudos e de uma aldeia desprezada, na periferia do Império.

Ela mesma, nas palavras que o Evangelho coloca em seus lábios, canta que Deus faz é assim: despreza os que se acham muito grandes, derruba os poderosos, deixa os ricos de mãos vazias, mas alimenta com fartura os famintos e exalta os humildes. Nossa Senhora da Glória é a glória dos humildes.

Na Primeira Leitura aplicamos a ela as palavras do Apocalipse. O livro do Apocalipse foi escrito para animar as comunidades pobres e perseguidas da região. A figura da mulher pode ser a comunidade cristã, o Israel antigo e também Maria. Vendo

Maria na mulher vestida de sol e calçada de lua, colocada nas alturas, nós a vemos como modelo e esperança nossa.

Ela é a vitória contra os dragões deste mundo, vencendo até o dragão da morte. Uma das características do mundo atual é o culto exagerado do corpo. Entretanto, a filosofia grega que influenciou muito a nossa Igreja, desprezava o corpo e o considerava uma prisão da alma.

Não celebramos que a alma de Maria foi para o céu, celebramos sua glorificação de corpo e alma. Ela não se transformou em “alma do outro mundo”, não deixou de ser humana e corporal, como nós também não deixaremos.

O Mistério

A Eucaristia celebra, nos pobres sinais do pão e do vinho, a salvação que vem do corpo e sangue do Senhor doados por nós. Missa rica é contradição. A salvação celebrada não vem daquele que tem o primeiro lugar, mas daquele que está no fim da fila, vem do excluído da cidadania, da cidade e da própria religião.

+++++

14 DE SETEMBRO EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ

Os textos bíblicos desta solenidade:

1ª Leitura (Nm 21,4b-9) O episódio aí relatado é lembrado por Jesus na conversa com Nicodemos, por causa dos simbolismos que nele encontramos: olhar para a serpente pendurada num mastro livra do veneno.

Salmo (78 [77],1-2.34-38) O salmo lembra a história de Israel e a serpente levantada, símbolo do perdão de Deus.

2ª Leitura (Fl 2,6-11) Adão é orgulhoso, desobediente, quer tudo para si, pretende ser igual a Deus, Jesus é humilde, coerente, servo de todos. A morte de cruz é a verdade disso.

3ª L. Evangelho (Jo 3,13-17) No Evangelho Jesus conversa com Nicodemos a quem chama de “o Mestre de Israel”. Para Nicodemos, morte de cruz é maldição de Deus, mas Jesus fala dela como sinal do amor de Deus e salvação para a humanidade.

HOMILIA

A Realidade

Uma das características principais da chamada pós-modernidade é o individualismo. Uma frase frequentemente repetida é: “Para realizar qualquer coisa você deve primeiro estar bem, satisfeito consigo mesmo”. É a época da satisfação individual.

A busca da satisfação individual leva a todo tipo de consequências: Essa roupa, este calçado, este celular, etc. etc. não me estão satisfazendo, eu troco. Isso para falar de coisas, sem falar de religião e até mesmo de cômputo. Sacrifício em favor de uma pessoa ou em favor de uma causa, isso não existe.

A Palavra

A Primeira Leitura de hoje fala de um episódio da caminhada do êxodo, a saída da escravidão no Egito para a terra prometida. A certo momento da travessia pelo

deserto, apareceram inúmeras cobras que mataram muita gente. Moisés pendurou em um mastro uma serpente de bronze e quem olhava a serpente não morria.

O Evangelho vê aí um símbolo de Jesus crucificado. Quem crê em Jesus pendurado na cruz como salvação da humanidade também não morre, tem vida eterna. Quem acredita no sacrifício de si mesmo tem vida, não é derrotado pelo veneno do individualismo e da ganância.

A morte de Jesus na cruz não significa que Deus estava com raiva e queria ver sangue, significa que Deus amou o mundo a ponto de entregar por ele o seu Filho Único. A morte de cruz não foi um castigo, foi uma prova de amor.

O que desgraça a humanidade é o pecado, é o ser humano querer ser igual a Deus, o maior de todos e o dono de tudo. Isso cria a fome a miséria e as guerras intermináveis.

Seria preciso que cada qual de nós se sentisse o último de todos e fosse capaz de dar a própria vida, para vencer a ganância e o orgulho humanos, causa da morte e de tantos sofrimentos. Jesus é que faz isso, conforme nos diz a Segunda Leitura de hoje. Ele não tem a pretensão de ser igual a Deus e é coerente até a morte e morte de cruz.

O Mistério

Na Eucaristia celebramos a entrega que Jesus faz de si mesmo à morte maldita de cruz (“maldito quem morre pendurado” Dt 21,23). Celebramos a vitória sobre a morte, consequência do orgulho e da ganância dos que querem ser iguais a Deus. Celebramos a vida plena na comunhão de irmãos.

+++++

NOSSA SENHORA APARECIDA

Os textos bíblicos desta solenidade:

1ª Leitura (Est 5,1b-2; 7, 2b-3) Ester é do povo judeu escravizado, mas é querida do rei. Ela pede a vida para seu povo, ameaçado de destruição. Lemos o texto, fazendo de Ester uma figura de Nossa Senhora Aparecida, irmã dos escravos.

Salmo (45 [44], 11-16) As palavras do Salmo nos lembram Maria na glória de Deus.

2ª Leitura (Ap 12,1. 5.13a. 15-16a.) A mulher que o dragão pretende derrotar é a comunidade cristã, mas é também Maria, seu modelo na luta contra os dragões do mal.

3ª L. Evangelho (Jo 2,1-11) A mãe de Jesus estava naquele casamento, mas percebe que está faltando vinho. Estava faltando espírito, ânimo, coragem, fé, comunhão com Deus, força interior. Isso hoje ela pede a Jesus para o seu povo.

A Realidade

Ainda hoje a pequena, pobre e quebrada imagem negra de Maria, há quase trezentos anos encontrada nas águas do rio Paraíba, atrai milhões de pessoas. Como?

A resposta é simples, como é simples o recado que ela dá. Aparecida no período da mais dura escravidão, a frágil imagem diz que a mãe de Jesus quer ficar do lado dos escravos, dos pobres, dos mais quebrados da sociedade.

Não se trata de uma visão, que pode bem ser alucinação. Ela também não fala, não repete os conselhos já tantas vezes repetidos. Calada diz mais que todas. Mesmo debaixo do manto e da coroa de rainha que lhe demos, ela diz: Sou igual aos últimos.

A Palavra

Ester (1ª Leitura) é membro do povo judeu escravizado e ameaçado de morte, mas é a rainha querida do poderoso rei. Ela se aproxima do rei e faz um pedido simples, pede a

vida para o seu povo, que seu povo escravizado e ameaçado de morte possa viver. É o mesmo que pede a “mãe de Deus e nossa”.

A mulher do Apocalipse é a comunidade cristã, é Maria e é Eva. Maria é “modelo e esperança nossa” e os filhos de Eva continuamos a luta contra a serpente que vive a nos enganar.

O Evangelho é o das bodas de Caná. O que a mãe de Jesus lhe lembra é que “eles já não têm vinho”, acabou o sabor e o espírito, a força que vem de dentro. A lei de Deus virou um ritual burocrático de purificações e purificações. A Lei escrita na pedra está vazia e sem sentido, como aquelas seis talhas de pedra das purificações.

“Façam tudo o que ele disser” diz a mãe de Jesus aos que servem. Eles fazem e só eles, não os chefes, sabem de onde vem o vinho melhor do que o antigo. A mãe pediu pela sua Igreja: “Eles já não têm vinho”, o espírito está acabando, só se vê um ritual burocrático, sem força interior. Os que servem precisam fazer tudo o que Ele diz para que a água do sem sabor se transforme em vinho embriagador.

O Mistério

“A minha hora ainda não chegou” disse Jesus. Na sua “hora” é que ele haverá de suprir a falta de vinho. Não pode a Missa ser uma ação burocrática e vazia como as talhas de pedra. Aqui celebramos a hora, hora em que o pão será o corpo partido para repartir, em que o vinho será o sangue-morte em favor da multidão. Celebramos aquele que, crucificado entre os homens crucificados, inclinou a cabeça e comunicou o espírito de amar até morrer pelos inimigos.

+++++

Primeiro domingo de novembro (não dia 2)

SOLENIIDADE DE TODOS OS SANTOS

Os textos bíblicos desta solenidade:

1ª Leitura (Ap 7,2-4.9-14) O livro do Apocalipse foi escrito para dar esperança a comunidades pobres e vítimas de perseguição. No trecho que vamos ouvir fala de uma visão do céu. Lá estão os santos. São os vencedores, vestem branco e têm o troféu nas mãos. De onde vieram eles?

Salmo (24 [23], 1-6) No salmo cantamos os santos, os que viveram à procura de Deus.

2ª Leitura (1Jo 3,1-3) Os santos que hoje celebramos, são todos os fiéis que estão no céu. Como diz a leitura, a graça de ser filhos de Deus, o botão que estava dentro deles, já se abriu em flor na Glória.

3ª L. Evangelho (Mt 5,1-12a) Em vista da multidão sofredora que o seguia, Jesus dá estas instruções aos discípulos. Os pobres por vontade própria e também perseguidos, quer dizer os santos, põem em prática o reinado de Deus e, então, quem sofria deixará de sofrer.

A Realidade

A busca da felicidade é colocada hoje como principal objetivo pessoal. Mais e mais se acentua a individualidade, o direito da pessoa de ser ela mesma e de buscar a felicidade.

Onde se procura felicidade? Não vai muito além disto: ter tudo o que deseja para seu conforto e bem estar, e amizades, bom nome, prestígio. Resta a dúvida se alguém pode alcançar tudo isso sem dificuldades e se isso é tudo, se realiza a pessoa, se satisfaz plenamente.

A Palavra

O Evangelho dessa solenidade de todos os Santos já nos surpreende quando diz que bem-aventurado, feliz, é o pobre e o perseguido. E as duas bem-aventuranças têm em comum que deles é, no presente, o Reino dos Céus. Não se trata do céu como entendemos. A palavra Céus aí está apenas substituindo a palavra Deus. A eles já pertence o reinado de Deus aqui na terra, o começo de outro mundo possível, sim, mas onde o joio ainda se mistura ao trigo.

Uma multidão de sofredores seguia Jesus. Por isso, ele dá aos discípulos estas instruções: O pobre por espírito, por convicção interior, e o perseguido, odiado por sonhar com o reinado do Pai de todos, são eles que realizam esse reinado.

Aí, todos sofredores, os que choram, os que têm fome e sede, os mansos ou carentes, vão, no futuro, sair do seu sofrimento. Os que contribuem para o reinado com mente limpa, misericórdia e luta pela paz, também receberão sua recompensa. Mas os santos, aqueles a quem já pertence o reinado de Deus, são os pobres por espírito e os perseguidos. E são felizes, porque plenamente realizados.

O Apocalipse, para dar esperança a comunidades cristãs pobres e vítimas de perseguição, fala de uma visão do céu. Lá estão os vencedores, vestem branco como faixa de campeão e, nas mãos, têm palmas como troféus. De onde vieram eles? Da luta identificada com a do Cordeiro.

Todos somos santos, diz a Segunda Leitura, só que ainda não apareceu. Somos apenas o botão, no meio de muitas lutas, a flor ainda não desabrochou. Quando Ele aparecer, a flor vai se abrir.

O Mistério

A Eucaristia celebra “o sangue do Cordeiro” no qual os santos alvejaram suas vestes, conseguiram a veste branca, a faixa de campeões. Celebra o pobre perseguido que tira o pecado do mundo, que começa o outro mundo possível, invertendo os critérios. Agora ser feliz e realizado não é ter tudo e estar acima de todos. É sacrificar tudo e assumir o último lugar. Só o pão partido e repartido celebra o mundo de verdadeiros irmãos.

+++++

FINADOS

Os textos bíblicos desta comemoração:

1ª Leitura (2Mc 12,43-46) O livro dos Macabeus é dos tempos mais recentes do Primeiro Testamento. Fala da ressurreição, da outra vida. Em toda a Bíblia, é a primeira vez que se fala em rezar pelos mortos. Vamos ouvir.

ou (Jó 19,1. 23-27a.) As palavras de Jó, palavras de esperança em meio ao sofrimento, são lidas agora para reavivar a nossa esperança de salvação na outra vida.

ou (Sb 3,1-9) Influenciado pela filosofia grega, o livro da Sabedoria influenciou muito nossa maneira de pensar na outra vida. Aqui ele nos fala dela como imortalidade, vitória sobre a morte.

ou (Sb 4,7-15) Temos nesta leitura uma meditação sobre a morte do jovem. Vamos ouvir!

ou (Is 25,6a. 7-9) As palavras do livro de Isaías, que vamos ouvir, lembram a esperança cristã de vitória da vida sobre a morte.

ou (Lm 3,17-26) O poeta nos fala como se fosse ele a cidade que sofre, cercada pelo inimigo. Lendo agora um trecho do seu poema, pensamos na mistura de dor e esperança que acompanham a morte.

Salmo (23 [22], 1-6) Cantamos o salmo de confiança em Deus, nosso pastor, apesar da dor e do sofrimento.

ou (25 [24],6-7c.17-18) No salmo vemos o ser humano pecador diante de Deus santo.

ou (27 [26], 1.4.7-8b.9a.13-14) No salmo rezamos ou cantamos a oração de quem, na morte, vai ao encontro de Deus.

ou (42 [41], 3-5) Aqui, este salmo é a oração do morto que confia e espera em Deus.

ou (63 [62], 2-6.8-9) Neste salmo rezamos a esperança de quem morreu e se encontra em Deus.

ou (103 [102], 8-10.13-18) Na morte sentimos de perto a fraqueza humana e a bondade de Deus, que cantamos neste salmo.

ou (116 [114], 5-6. [115],10-11. 15-16) No salmo rezamos a confiança do morto na misericórdia de Deus.

ou (122 [121], 1-2. 4-9) Com o salmo de peregrinação a Jerusalém, celebramos a caminhada para junto de Deus daqueles que faleceram.

2ª Leitura (Rm 5,5-11) Introduzindo a parte de sua carta onde vai falar da igualdade de todos na morte e na vida, Paulo lembra o amor de Deus. Ninguém precisa ter medo de Deus, nem mesmo na morte.

ou (Rm 5,17-21) Falando da igualdade entre judeus e não-judeus, na morte como na vida, Paulo lembra a origem comum, Adão, pecador. Por ele vem a morte. O dom gratuito de Jesus Cristo, entretanto, supera tudo e garante a vida.

ou (Rm 6, 3-9) Falando da igualdade de todos na morte e na vida, no trecho que vamos ouvir, Paulo lembra o Batismo. Batizar é mergulhar. Fomos mergulhados na morte de Jesus, a vida com ele está garantida.

ou (Rm 8, 14-23) Falando da igualdade na morte e na vida, Paulo fala aqui no Espírito que dá a vida. Se já recebemos o Espírito de Deus, apesar de todos os sofrimentos desta vida, podemos estar confiantes.

ou (Rm 8,31b. 35. 37-38) Vamos ouvir um trecho do hino com que Paulo termina a parte da carta onde falou da igualdade entre todos na morte e na vida. Mesmo sofrendo, não precisamos ter medo, Deus está do nosso lado! Ouçamos.

ou (Rm 14,7-9. 10c-12) Nas comunidades cristãs de Roma alguns se achavam seguros de si, fortes e consideravam os outros como fracos, ingênuos. Nos últimos conselhos que lhes dá, Paulo diz que na vida ou na morte estamos todos no mesmo barco.

ou (1Cor 15, 20-27) Nas comunidades cristãs de Corinto alguns achavam que já estavam plenamente ressuscitados e a morte nada haveria de trazer de novo. Paulo explica que a morte é uma passagem da qual ninguém escapa. É passagem para a vida, seguindo a Cristo.

ou (1Cor 15, 51-57) Nas comunidades cristãs de Corinto alguns achavam que já estavam plenamente ressuscitados e a morte nada haveria de trazer de novo. Mesmo pensando que poderia estar vivo no fim do mundo, Paulo lembra que a vida eterna, a ressurreição, é coisa totalmente diferente desta vida aqui.

ou (2Cor 4,14-5,1) Justificando o seu ministério de apóstolo, Paulo lembra, aqui, as suas lutas e dificuldades, mas, principalmente, a esperança da vida eterna, da moradia permanente no céu.

ou (2Cor 5,1.6-10) Justificando o seu ministério de apóstolo, Paulo lembra, aqui, as suas lutas e dificuldades, mas, principalmente, a esperança da vida eterna, da moradia permanente no céu.

ou (Fl 3, 20-21) Paulo está em luta contra os que confiavam apenas na sua condição de seguidores da lei judaica. Esses estavam voltados para a terra, nós somos cidadãos do céu.

ou (1Ts 4,13-18) Na comunidade cristã de Tessalônica alguns esperavam para tão logo a segundo vinda de Cristo, que sentiam pelos mortos, pensavam que eles não haveriam de ver a vitória final. Paulo esclarece: os que morrem primeiro, ressuscitam primeiro.

ou (2Tm 2,8-13) Se Paulo está acorrentado na prisão, a palavra dele será exatamente esta: a Palavra de Deus não está acorrentada. Se ele morrer, o que importa é o que vem depois.

ou (1Jo 3, 1-2) Nas comunidades para as quais foi escrita esta carta alguns já se achavam plenamente ressuscitados com Cristo, da morte nada esperavam. A resposta que vamos ouvir é: Sim, já temos a vida eterna dentro de nós, só que como um botão que ainda não se abriu. A morte é o desabrochar.

ou (1Jo 3, 14-16) Nas comunidades para as quais esta carta foi escrita havia brigas e rivalidades. É preciso, então, pensar no depois da morte. Vamos ouvir a resposta dada a esses problemas.

3ª L. Evangelho (Mt 5, 1-12) Vamos ouvir o início do chamado Sermão da Montanha, o discurso onde Jesus apresenta seu programa, sua Nova Lei. Ele promete bênçãos futuras de Deus para todos os que fazem o bem.

ou (Mt 11, 25-30) Neste Evangelho Jesus mostra que acredita nos pequenos, nos sem estudo. Ao mesmo tempo, oferece um caminho mais leve e mais macio do que o que costumavam oferecer. Para os que sofrem, ele está de braços abertos.

ou (Mt 25,1-13) No Batismo uma vela acesa lembra a fé e a força do Cristo que recebemos. No momento da morte costuma-se colocar uma vela acesa na mão do moribundo. Tudo está relacionado com o Evangelho.

ou (Mt 25,31-46) Temos neste Evangelho a comparação que Jesus faz do julgamento final da vida de cada um. Notar o que é que decide mesmo se a pessoa vai para a vida ou para o castigo.

ou (Mc 15,33-39; 16, 1-6) Este Evangelho nos diz hoje que a morte do cristão deve ser semelhante à morte de Jesus, principalmente na certeza da ressurreição.

ou (Lc 7,11-17) Este Evangelho nos diz hoje que Jesus se compadece, sim, daqueles que perderam um ente querido, levado pela morte. O consolo que ele dá é a certeza da vida para quem morreu.

ou (Lc 12,35-40) Este Evangelho nos fala hoje do encontro final com Deus. É preciso andar preparados. Mas, para quem está preparado, o momento é de festa e alegria.

ou (Lc 23, 33.39-43) Este Evangelho nos diz, hoje, que quem morre com Jesus, com ele estará no paraíso.

ou (Lc 23, 44-46.50.52-53; 14,1-6a.) Este Evangelho nos diz hoje que quem morre com Jesus, não deve mais ser procurado entre os mortos, mas entre os que têm a verdadeira vida.

ou (Lc 24,13-35) Como aos dois discípulos de Emaús, o mesmo Jesus, presente, mas invisível, vem nos dizer neste Evangelho que a morte não é o fim de tudo.

ou (Jo 5, 24-29) Este Evangelho nos diz que quem morreu com a fé em Jesus, não morreu, passou da morte para a vida.

ou (Jo 6,37-40) Este Evangelho nos diz que os que são de Jesus ressuscitam com ele, com ele têm a vida eterna.

ou (Jo 6, 51-58) Este Evangelho nos diz que todo aquele que não só comungou, mas que se alimentou de verdade do viver de Jesus, tem a vida eterna.

ou (Jo 11,17-27) Este Evangelho nos diz que quem crê de verdade em Jesus como Salvador da humanidade não morre jamais, passa da morte para a vida.

ou (Jo 11, 32-45) A ressurreição de Lázaro que o Evangelho relata é símbolo da ressurreição do cristão. Passando pela morte, ele sai para a vida, de mãos e pés livres e de rosto descoberto.

ou (Jo 12, 23-28) Este Evangelho nos diz que quem morre com o Cristo, à semelhança da semente plantada na terra, desabrocha para a vida definitiva.

ou (Jo 14, 1-6) Este Evangelho nos diz que o cristão que morre chega ao lugar que Jesus preparou para ele na casa do Pai.

ou (Jo 17, 24-26) Este Evangelho nos diz que o discípulo de Jesus que morre está com ele na sua glória.

ou (Jo 19, 17-18.25-39) Este Evangelho nos diz que Jesus morreu entre os homens crucificados. Quem com ele morreu, com ele ficará no jardim do paraíso.

HOMILIA **A Realidade**

Finados cai este ano num domingo e, então, celebram-se as missas pelos fiéis defuntos.

A morte é a única certeza que temos na vida, mas é a certeza que mais dúvidas nos gera e mais nos faz sofrer.

Comparando com o nascimento, quando a gente nasceu, todos em volta estavam sorrindo e felizes, só a gente estava chorando. No momento da morte, vamos estar felizes e alegres, enquanto todos em volta estarão chorando.

A Palavra

No Lecionário há doze textos evangélicos à escolha para hoje. Vamos ficar com o da Ressurreição de Lázaro.

Perto dos “judeus”, os grandes inimigos de Jesus no Evangelho de João, havia um grupo de irmãos, amigos de Jesus e de quem Jesus era amigo. É o símbolo perfeito da comunidade dos discípulos. Alguém deles, Lázaro, fica doente. Jesus é avisado da doença, mas espera a morte e diz estar alegre com a morte do amigo.

Ninguém acredita que Jesus seja capaz de tirar Lázaro da sepultura. “Se ele tivesse vindo antes,” dizem os amigos e os inimigos. Quando Jesus fala em ressurreição, Marta, a “irmã do morto”, pensa na ressurreição final, como ensinavam os judeus-fariseus.

Maria no meio dos “judeus”, os inimigos que choravam com ela, fez com que Jesus bufasse, ou desse um forte suspiro de desgosto, e se perturbasse. Pouco adiante o Evangelho diz que lágrimas rolaram do rosto de Jesus. Os inimigos “judeus” interpretam como sendo sentimento de perda pela morte do amigo. Os inimigos estão certos? As lágrimas não seriam pela fé ainda incompleta de sua comunidade? Marta, chamada de “irmã do morto”, expressa bem a fé incompleta da comunidade. Ela crê que Jesus é o Messias esperado, mas só espera a ressurreição que os fariseus também esperavam, para o fim dos tempos. Mas Jesus é “a ressurreição e a vida”, quem nele crê não morre, vive, ressuscita já. Ele é a ressurreição, agora, para os vivos e para os mortos.

Jesus grita: “Lázaro, vem para fora!” O morto saiu de mãos e pés atados e com um pano cobrindo-lhe o rosto. Já viram isso?

Os “judeus”, os inimigos da comunidade, são do lado da morte. Seus discípulos são totalmente submissos, não podem enxergar, falar, ouvir, andar nem agir, vivem de mãos e pés atados e de rosto coberto. “Desatem-no e deixem-no andar”, diz Jesus

O Mistério

Celebramos a morte e ressurreição do Senhor até que ele venha. Celebramos a morte e a vida, a morte que é o doar-se todo pelos outros e a vida plena que daí resulta. A morte de nossos mortos é celebrada com a Morte que traz a vida.

+++++

09 DE NOVEMBRO

DEDICAÇÃO DA BASÍLICA DE LATRÃO

Os textos bíblicos desta solenidade:

1ª Leitura (Ez 47, 1-2.8-9.12) A visão de Ezequiel vai além da esperança de reconstrução do Templo material, vai ao significado do Templo. A presença de Deus no meio do povo traz vida até para as regiões mais áridas do lado do Mar Morto.

Salmo (46 [45], 2-3.5-6.8-9) No Salmo cantamos a presença de Deus no meio do povo, como águas que fertilizam a terra.

2ª Leitura (1Cor 3, 9c-11.16-17) Na leitura que vamos ouvir, o Apóstolo Paulo compara a comunidade dos cristãos, a Igreja, com uma construção. Templo santo de Deus é o povo, as pessoas, a comunidade.

3ª L. Evangelho (Jo 2, 13-22) No Evangelho Jesus expulsa os vendedores do Templo. Os discípulos pensam que ele está zelando pelo antigo Templo. Não está, o verdadeiro templo, o lugar de encontro com Deus, agora é ele. “Destruam este templo” diz, apontando para si mesmo.

HOMILIA

A Realidade

Mais uma vez o domingo coincide com uma celebração que lhe passa à frente. É o aniversário da consagração da igreja sede do Bispo de Roma, o Papa. Costumamos ver o Papa na Basílica de São Pedro no Vaticano, por isso imaginamos ser ela a igreja principal de Roma, quando a de São João ou do Santíssimo Salvador no Latrão é a primeira, mãe de todas as igrejas. Daí a importância da comemoração.

A Palavra

Celebrando a igreja prédio, construção material, o Evangelho nos fala hoje da atitude de Jesus com relação ao templo de Jerusalém.

Quando você vai a um templo, uma igreja, o que espera encontrar? Clima de oração, de busca de Deus, Palavra de Deus para iluminar a sua vida. Jesus vai ao templo de Jerusalém e o que encontra? Um grande e lucrativo negócio. É o Evangelho que diz isso.

Os Sumos Sacerdotes, administradores do templo, colocavam à venda, acima do preço de mercado, bois, ovelhas, cabras e pombas. Isso visava a facilitar as pessoas que queriam ou tinham a obrigação de oferecer algum sacrifício. A pessoa comprava o animal e entregava para os funcionários do templo, os sacerdotes. Nos casos mais comuns, o animal era morto, uma parte da carne era assada para a família do oferente comer e o restante era do templo. Grandíssimo negócio!

Nos cofres do templo não podiam ser colocadas moedas com imagens e inscrições pagãs. Havia uma moeda própria do templo. Por isso, ali estavam os cambistas que trocavam as moedas vindas de fora.

O que Jesus faz diante de tudo isso, basta ouvir o Evangelho. Vêm, então, as interpretações. Os discípulos pensam nas palavras do Salmo: “O zelo pela tua casa me devora”.

Mas a interpretação de Jesus é outra: “Destruam este Templo, que eu o reconstruo em três dias!”. Ele falava do templo que era ele mesmo, o templo vivo. Falava de sua morte e ressurreição. O templo material, a casa, a construção não tem nenhum valor em si mesmo.

O Mistério

Na Eucaristia celebramos a destruição do templo material, a morte de Jesus, que não aconteceu no templo, nem dentro da cidade santa, aconteceu fora, como coisa maldita. “Destruam este Templo, que eu o reconstruo novamente em três dias”. A ressurreição de Jesus faz dele o verdadeiro templo, o único lugar de encontro com Deus.

+++++